

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB

Instituto de Psicologia- IP

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura- PPG PsiCC

IRONIA E NEGAÇÃO:

Um estudo a partir de Kierkegaard e Freud.

Mestranda:

Matildes Paz Landim Bezerra Filha

Orientador:

Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília, março de 2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB

Instituto de Psicologia- IP

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura- PPG PsiCC

IRONIA E NEGAÇÃO:

Um estudo a partir de Kierkegaard e Freud.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica.

Mestranda:

Matildes Paz Landim Bezerra Filha

Orientador:

Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília, março de 2013

IRONIA E NEGAÇÃO:

Um estudo a partir de Kierkegaard e Freud.

Matildes Paz Landim Bezerra Filha

Dissertação apresentada como requisito parcial para conclusão de Mestrado pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. Aprovada no dia 21/03/13 pela seguinte comissão examinadora.

Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Presidente – membro interno (Universidade de Brasília- UnB)

Professora Doutora Denise Teles Freire Campos

(Universidade Católica de Goiás- UCG)

Professora Doutora Marta Helena de Freitas

(Universidade Católica de Brasília- UCB)

Professor Doutor Marcelo Duarte Porto

Suplente (Universidade Estadual do Goiás- UEG)

Às minhas mães Maria Lourdes e Matildes Paz (in memoriam), por toda dedicação, por me mostrarem que o amor suplanta barreiras. Sempre as amarei.

À minha florzinha Luiza Paz, filha amorosa, luz e alegria na minha vida.

Ao meu marido Fernando pelo amor, companheirismo e força.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Francisco, pelos importantes ensinamentos ao longo destes anos, pela crença no meu potencial e pela parceria na construção desta dissertação.

Aos amigos do grupo de pesquisa, por todas as trocas que me foram tão importantes. Em especial, à Fernanda e ao Antônio pelo auxílio em relação à experiência de docência e às amigas Carol, Renata, Katerine e Jane, por toda receptividade e carinho.

À Silvéria Maria e Maria do Rosário, pela leitura atenciosa e esclarecedoras discussões.

Às minhas amadas mães. Como agradecê-las em verdade? Tenho em meu ser o registro de todo grande amor de vocês, tenho em minha memória todo investimento e expectativas que dedicaram a mim. Sou-lhes eterna e infinitamente grata.

À minha filha Luiza, pela compreensão durante todo este período. Sua alegria e seu amor sempre me serão importantes. É realmente um prazer aprender a ser mãe com você. Eu te amo.

Ao meu marido, pela força e beleza renovadora de seu amor e sua dedicação. Sem você, certamente, este trabalho não seria possível.

Aos meus queridos irmãos, pessoas dignas e bondosas que me trazem sempre importantes lembranças. Eu os amo em verdade.

À minha sobrinha Maria Clara, por quem tenho imenso carinho e amor.

Aos meus tios José Paz e Édina Maria. Por todo apoio e força, pela amizade verdadeira. Sem vocês tudo seria bem mais difícil.

Às minhas primas-irmãs Luciana e Eliene. Vocês são pessoas especiais na minha vida. Grata em específico por toda dedicação e carinho dirigidos a minha filha durante este mestrado e sempre.

Às minhas queridas amigas-irmãs Dessa, Joema e Infinita. Por serem poesia em minha vida. Tenho muita clareza da importância da amizade de vocês em minha trajetória.

Aos amigos da Vereda da Luz, por todos os sábios conselhos e trocas amorosas. A magia deste lugar me faz melhor e mais confiante na força da vida.

À Gabriela, por todo apoio e compreensão no trabalho.

A todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

“De olhos peneirados vejo no mundo novas formas” (Infinita Devi).

Agradecida em verdade!

O silêncio da ironia tinha de ser aquela negatividade que impedia que a subjetividade fosse tomada em vão. Pois a ironia é assim como a lei, uma exigência e a ironia é uma exigência enorme, pois ela desdenha a realidade e exige a idealidade.

Soren Aabye Kierkegaard

RESUMO

Este trabalho tem por intuito principal um aprofundamento no entendimento acerca da ironia tendo por foco sua relação com a negação. Tal intuito é buscado por meio da investigação das obras de Kierkegaard e Freud. Em Kierkegaard a ironia é tomada (por meio de sua expressão em textos platônicos), a partir de seu papel histórico transformador, como vinculada ao surgimento da noção de subjetividade encaminhando para a noção de autorreflexividade e responsabilização. No contexto, a ironia socrática nos serve de exemplo para o entendimento da correlação entre ironia (considerada a partir de dois sentidos possíveis: figura de linguagem e vivência) e negação/negatividade no cerne da possibilidade de virada histórica e pessoal. Da obra freudiana, alguns aspectos concernentes aos entendimentos dos “Der Witz” conduzem à compreensão do papel dos processos psíquicos constitutivos tanto da produção irônica quanto de sua assimilação pelo interlocutor, levando ao entendimento de que a efetivação de tais processos na constituição de uma ironia fina (Witz) exige a participação de todo o psiquismo. Pela coadunação de conhecimentos propostos pelos dois autores, a negação (em relação a que a ironia se opõe) é abordada como no bojo do desenvolvimento da capacidade de julgamento, a partir de sua vinculação com o “fantasiar” e o “pensar. Enquanto instrumentalidade clínica (de negação da negação), a ironia conduz para a possibilidade de uma visão mais bem humorada (cômica) dos próprios infortúnios (trágicos) e possibilidades destinais.

Palavras chave: ironia, negação, julgamento, fantasiar, pensar e humor.

ABSTRACT

This writing intends to detail irony understanding concerning its link to negation, and Sigmund Freud and Soren Kierkegaard works are the main theoretical references used here. Kierkegaard seems to consider irony (according to its standing in platonic texts) starting from its historical change role and tied to the appearing of subjectivity notion going to self- reflexivity and self-implication meanings and issues. Socratic irony serves as an useful example to realize the correlation between irony (in two possible respects: figures of speech and experience) and negation/negativity in the drama of historical and personal turnings. Inside Freud's teachings, in turn, there are some aspects concerning "Der Witz" that lead to an understanding of the constitutive psychic processes role regarding irony production and its assimilation by speakers and listeners, since they imply that is necessary full psychic participation to construct fine irony (Witz). By means of combination of both authors' arguments, negation (to which irony is opposed to) is approached as part of ethical and moral development, arising from its link to imagination and thinking. Irony, if used as a clinical instrument (being a negation of another negation), may be fit to construct a happier (comical) experience of someone's own troubles (tragic) and possible fates.

Keywords: irony, denial, judgment, to fantasize, to think and humor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1- Ironia Socrática: um estudo a partir de Kierkegaard.....	17
1.1- Negatividade Infinita Absoluta.....	17
1.2- Ironia: instrumentalidade que possibilita o subjetivo.....	22
1.3- Ironia e Tragicidade: sacrifício na virada histórica (e pessoal).....	27
1.4- Ironia e Comicidade: a partir de Sócrates.....	31
CAPÍTULO 2- Ironia e “Der Witz”: um estudo a partir de Freud.....	39
2.1- Ironia e “Der Witz”: considerações terminológicas e categoriais.....	39
2.2- Ironia e suas Vinculações com os “Der Witz” e os Sonhos.....	48
2.3- O Propósito da Representação pelo Oposto e da Ironia.....	57
CAPITULO 3- Ironia, Negação e Humor: da instrumentalidade auto-analítica da ironia.....	65
3.1- Sobre Ironia, Comicidade e Humor.....	65
3.2- A Negação da Negação Vincula a Ironia e o Humor.....	72
3.3- Julgamento e Negação: entre o “fantasiar” e o "pensar”.....	80
3.4- A Ironia se Articula com a Renúncia, O Recalque e a Sublimação.....	88
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	102

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado é fruto de investigações que tiveram origem na participação do Projeto de Pesquisa intitulado “Metáfora em Freud” pertencente à Linha de Pesquisa “Psicopatologia, Psicoterapia e Linguagem” do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Teve, de início, por intuito principal a continuidade do estudo acerca da ironia, mas de maneira integrada com o conjunto da obra de Sigmund Freud. O interesse pelo tema remonta ao primeiro semestre de 2009 quando, como ouvinte da disciplina de graduação “Teorias Psicanalíticas”, pude conhecer, de forma introdutória, da relação entre metáfora e psicoterapia. Dando continuidade, no segundo semestre de 2009, participei como aluna especial da disciplina “Tópicos Especiais em Psicopatologia” ocasião em que ampliei meu conhecimento acerca de ironia e pude escrever o trabalho final de disciplina intitulado “Ironia: um estudo inicial a partir da obra (e vida) de Sócrates”. A Partir daí, por indicação do orientador, os estudos enveredaram para o entendimento articulado sobre ironia tomando-se como eixo principal de investigação os entendimentos advindos tanto da obra freudiana quanto da obra de Kierkegaard.

O fato de uma pesquisa mais ampla sobre metáfora em Freud ter servido de base para o desdobramento da investigação sobre a ironia se explica em razão de que, muitas vezes, uma ironia se estabelece por meio de usos de ditos com caráter eminentemente metafórico. Mesmo com a consideração de que nem toda metáfora é irônica ou tem por intuito o estabelecimento de um entendimento que se dá pela via irônica, o estudo dos dois fenômenos (acerca da metáfora e da ironia), no entanto, se coadunam com a percepção acerca do quão é importante entender as formas de expressão humanas como um todo no contexto da clínica vez que, assim, pode-se vislumbrar melhor a maneira como são construídos os pensamentos imbricados na própria estruturação que subjaz a simbolização do sujeito em análise.

A ironia é fenômeno que pode ser apreendido sobre várias expressões. Ela é uma figura de linguagem caracterizada pelo dito ser expressamente diferente do que foi pensado. Ela é uma vivência de cujo ápice o protagonista irônico se aproxima pelo próprio movimento de afastamento. E, por fim, a ironia fina (Witz) pode ser também tomada (pelo terapeuta) enquanto instrumentalidade clínica num movimento visando uma maior apreensão (pelo analisando) em relação a sua própria realidade. Tendo por foco condutor a questão da ironia com a apreensão de uma maior parcela- pelo analisando- de sua realidade própria, é que se

desdobram todos os outros objetivos de pesquisa e, assim, o caminho argumentativo construído ao longo desta dissertação.

No contexto, uma apreensão maior da realidade é confrontada ao processo de negação, em seu sentido lógico-linguístico de recusa em relação à percepção de uma dada realidade. Esta realidade, de que se falou, se coaduna mesmo com uma concepção nominalista da realidade, em oposição a uma postura realista. Na postura realista, concebe-se um real comum a ser apreendido por todo sujeito cognoscente, que aplica todos os métodos racionais para a apreensão deste real. A realidade que aqui se tem por foco é a realidade própria do sujeito, diz do que lhe é passível de percepção e compreensão, da maneira como sua postura diante da vida é apreendida por ele mesmo num movimento que necessariamente perpassa por uma autoanálise. A realidade apreensível pelo sujeito também é passível de entendimento caso se tenha por objeto de análise seu processo psíquico-defensivo de negação diante desta dada realidade. E aí o vínculo, a ser estudado entre ironia e negação.

A ironia se relaciona à negação sob diferentes vínculos. Conforme se poderá detalhar ao longo de todo o texto, enquanto figura de linguagem, a ironia nega uma negação, o irônico se recusa a aceitar que esteja falando o contrário do que pensa num movimento de ir contra a algo importante para o seu interlocutor. Enquanto vivência de cunho irônico, a vida ocupa o papel de ironizadora quando nega a negação do protagonista irônico, encaminhando-o exatamente para a vivência em relação a qual ele mantinha firmemente uma postura de recusa e afastamento. Por fim, tem-se a ironia fina (Witz), que em seu cerne se caracteriza por uma postura de oposição em relação a algo, enquanto instrumentalidade clínica que se opõe ao processo psíquico de negação, levando o paciente para um questionamento necessário acerca do próprio pensar e agir diante da vida (tantas vezes eminentemente trágica) e enveredando para a possibilidade de tratá-los de maneira mais leve (cômica), por meio do humor (comicidade autoaplicada).

A partir dessa díade tragédia/comédia é que foram determinados os textos que servem de base para o entendimento da ironia. Assim é que a compreensão da ironia vinculada à tragicidade é buscada por meio da leitura de “O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates” de Kierkegaard. Esse texto tem por foco a análise do tema fincado na pesquisa das obras platônicas, que expressam essencialmente a idealidade trágica de Sócrates. A compreensão da ironia vinculada à comicidade é buscada tendo-se por texto base “Os Chistes e Suas Relações com o Inconsciente” de Freud. A análise da ironia tendo por cerne a díade

tragédia/comédia é feita a partir da investigação destes dois autores. Tal investigação se deu pela tentativa em se lançar uma compreensão própria e necessariamente pessoal acerca dos textos lidos, pela correlação da interpretação advinda do estudo destes dois autores (método hermenêutico/ exegético), tendo por cerne investigativo a relação entre negação e ironia, esta última enquanto instrumento clínico de flexibilização do processo defensivo de negação num movimento rumo à possibilidade de uma perspectiva mais bem humorada sobre si mesmo e a realidade (própria).

Alguns objetivos específicos apontam o caminho a ser seguido a fim de conquistar o objetivo maior. É assim que, em Kierkegaard (capítulo 1), busca-se entender como se dava a ironia socrática, como ela se configurava no dia-a-dia do filósofo e a que ela se propunha. O contexto histórico vivenciado por Sócrates é abordado para entendimento da função que a ironia exercida pelo filósofo teve na delimitação de um espaço em que a noção de subjetividade pudesse se estabelecer de maneira crescente. Pela análise da noção de “*Daimon*” socrático poder-se-á ter clareza acerca do quanto a postura socrática, firmemente arraigada em sua negatividade infinda, se vincula com a virada histórica de que ele foi contemporâneo. Ver-se-á que Sócrates pessoalizou em si uma transformação de cunho social, por si só já impregnada de um burburinho silencioso que anunciava o porvir de uma nova realidade e que o silêncio e a vacuidade proporcionada pelo método socrático, eminentemente irônico, foram mesmo cruciais para o estabelecimento desta nova realidade. Tal transformação não era somente histórica (no sentido de um questionamento às arbitrariedades prementes nas instituições de então), mas redundava numa transformação que também visava ao nível pessoal, pois que o perguntar socrático era exemplo de que também as pessoas poderiam tomar decisões mais a partir do foro do pensamento íntimo, com repercussões óbvias em termos de autoanálise e autorresponsabilização. Para Kierkegaard, a ironia socrática era caracterizada pela negatividade infinita absoluta, pelo entendimento dessa noção no cerne do ironizar socrático é que entendemos o quanto a premissa do “sei que nada sei” socrático se vincula com a premissa do “conhece-te a ti mesmo”. Ou seja, a leitura do texto kierkegaardiano, que redundava também na leitura e entendimento dos textos platônicos, envereda também para o questionamento acerca da importância da negatividade possibilitada pelo método irônico do filósofo para o surgimento e estabelecimento (crescente) da noção de subjetividade. É assim que se teve por foco o entendimento também sobre o porquê de ter sido a ironia um importante instrumento para o desenvolvimento do percurso histórico da noção de

subjetividade com todos os desdobramentos de autoanálise e responsabilização daí decorrentes.

Por fim, como caminho que conduz às questões abordadas no segundo capítulo, é que, de modo secundário, vê-se também como a mesma ironia socrática, é tomada por Kierkegaard como base para o cômico, tal como esta idealidade se apresenta na Obra de Aristófanes. Pela análise da idealidade cômica de Sócrates, tal como ela se expressa nas críticas aristofânicas, é que se entende que a mesma tensão que subjaz ao trágico (que teve sua expressão clara no final de vida de Sócrates) também pode ser liberada por meio do riso.

O cômico também se vincula à emergência do novo e daí é que o seu entendimento também interessa na tentativa de clarear melhor os vínculos estabelecidos pela ironia com outros temas (o cômico e o humor). Mas antes de se buscar entender a relação existente entre a ironia, a comicidade e o humor, no capítulo 2, preferimos a investigação sobre a ironia em conformidade com o ordenamento seguido por Freud em “Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente”. Dessa maneira é que, num primeiro momento, busca-se a ampliação do entendimento sobre ironia tendo por fio condutor a compreensão de que alguns aspectos expostos por Freud no texto quando se questiona sobre a técnica dos “Der Witz” e, depois, sobre os seus propósitos também dizem sobre a ironia. Seguindo este ordenamento é que se pode perceber que entendimentos advindos da análise de outras categorias espirituosas podem ser generalizados para abranger, e entender melhor, também a categoria “representação pelo contrário”, em que a ironia se insere. Pelo ordenamento, também se segue tomando do estudo comparativo realizado por Freud entre o processo de produção chistosa e o trabalho dos sonhos a fim de entender melhor a relação existente entre ironia e os processos psíquicos que subjazem tanto à produção espirituosa quanto o “trabalho dos sonhos”. A ironia é então estudada do ponto de vista de sua construção (e receptividade pelo interlocutor) tendo por foco de análise o seu vínculo com os processos psíquicos de condensação, deslocamento e elaboração secundária. Consideração especial é feita, quanto à elaboração secundária, acerca da influência da representação pelo oposto para nosso melhor entendimento sobre a função do inconsciente e da consciência na construção de uma ironia.

Tal como Freud, deixou-se para um momento posterior (início do capítulo 3) a consideração pela comicidade e pelo humor. O estudo realizado sobre o mecanismo de produção espirituosa (e também irônica) aponta para a importância da comparação no cerne da possibilidade de extravasamento da tensão psíquica liberada pelo riso. É a partir dessa

compreensão que se pode entender melhor a noção de comicidade no cerne mesmo da possibilidade de riso em relação aos próprios infortúnios. A questão do distanciamento autorreflexivo, no cerne da comicidade, é abordada enquanto critério de existência de uma ironia auto aplicada, no bojo do que vincula ironia e humor. O humor, então, é entendido a partir deste prisma, mas também como alternativa substitutiva em relação à negação. É dessa maneira que se busca entender o humor em vínculo com a ironia, tendo por conector central o processo de negação.

Assim é que se torna necessário um pequeno estudo sobre a maneira como a noção de negação pode ser abordada, pela consideração de seus diferentes usos e significações. O conceito de negação é, por isso, explicitado em suas várias nuances com diferenciação privilegiada do negar tomado do ponto de vista lógico-lingüístico (no cerne do processo de “perda da realidade”) e do negar tomado do ponto de vista psicológico (enquanto processo defensivo que se dá pela rejeição de um conteúdo psíquico inconsciente vindo à tona por uma suspensão do recalque). Explicitado o conceito, o negar, enquanto “perda da realidade”, é considerado a partir de sua vinculação com o desenvolvimento da capacidade de julgamento, em estreita relação com as atividades de “fantasiar” e “pensar”. Em consideração pelos processos psíquicos no bojo do que é passível de se apreender da realidade é que a ironia pode ser considerada enquanto instrumentalidade clínica. Tendo por fio condutor a maneira como o processo de “fantasiar” e “pensar” são expressos pela própria análise clínica é que se dá a confrontação da “perda da realidade” pelo paciente, e esse processo pode ser muito enriquecido pela utilização de uma ironia fina. A ironia fina tomada enquanto instrumentalidade terapêutica (considerando todas as suas características apontadas) é vista como movimento psíquico que induz para a sublimação (inclusive a do humor) enquanto processo substitutivo da negação.

A realização de uma ironia fina, tal como no humor, se coloca em postura de oposição ao processo de negação. Os dois – ironia e humor- podem ser entendidos, assim, como uma negação da negação, visto que a ironia questiona a realidade perceptiva do paciente encaminhando para uma autorreflexão e o humor exige que a realidade seja concebida de maneira ampliada para, só assim, poder desdenhá-la pela via do riso. A ironia possibilita um silêncio e um distanciamento que são necessários à emergência da desdenha que caracteriza o humor. A ironia fina utilizada como instrumento de humorização do paciente, encaminha para a possibilidade de uma postura em que a renúncia e a sublimação (pelo distanciamento autorreflexivo) se façam mais presente. Pela análise de uma ironia fina, no final do terceiro

capítulo, é que procuramos clarear a substituição freudiana de sua postura de negação pela concepção de uma ironia fina que o possibilita rir de seus infortúnios (humor). A atitude anterior é abordada de maneira a entender o processo de negação (constituído a partir do processo de “fantasiar” e “pensar”). A atitude posterior, embasada em uma ironia fina, é analisada de maneira a clarear o quanto a ironia pode ser instrumentalidade rumo a uma postura mais bem humorizada em face da própria realidade. A renúncia no cerne da constituição de sintomatologia neurótica é considerada então, num viés mais otimista, enquanto possibilitadora mesmo da sublimação eminente na substituição realizada por Freud: dá negação à ironia fina (possibilitando o humor).

A ironia, enquanto instrumentalidade clínica é vista também em coadunação com a vivência de cunho irônico enveredando para a possibilidade de vivências mais bem humorizadas em relação a si próprio diante da ironia da vida. O humor (comicidade autoaplicada, possibilitado também pela ironia) é visto então como alternativa possível como consequência de vivências de cunho irônico, tão trágicas como costumam se nos apresentar, com respectiva flexibilização de seu cunho trágico-destinal, muitas vezes concebido de maneira tão inflexível.

Capítulo 1

Ironia Socrática: um estudo a partir de Kierkegaard.

Neste capítulo a filosofia socrática nos serve de base para o entendimento ampliado acerca da ironia, tanto no que respeita a ironia considerada enquanto figura de linguagem, quanto no que se refere à ironia tomada enquanto vivência de cunho irônico. Ver-se-á que o novo e o silêncio possibilitados pela ironia foram centrais para as transformações sócio-históricas de que Sócrates foi contemporâneo, dado o exercício de sua missão divina de fazer, por intermédio da ironia, seus interlocutores entenderem que também eles “nada sabiam”. A negatividade socrática advinda de sua veemência no encaminhamento rumo à vacuidade, nega o *status quo* de então. Mas também, este mesmo silêncio e vacuidade, inaugurados pela ironia, são possibilitadores da emergência da noção de subjetividade, vez que o “sei que nada sei” socrático se coaduna com seu “conhece-te a ti mesmo” (ou determine-se mais a partir de si) num movimento que encaminha para a autorreflexão e, assim, para um aumento de autorresponsabilização diante das próprias vivências.

1.1- Negatividade Infinita Absoluta.

A premissa que permeia e dá base para toda a filosofia socrática é o “sei que nada sei”. Para Sócrates todo o conhecimento é ilusório face à amplitude do que falta a ser conhecido não só por ele como por todos os outros estudiosos. Nas palavras de Kierkegaard (1991, p.29) ¹ “Sócrates ao mais sutil e tênue contato imediatamente percebia a presença da idéia, imediatamente notava em tudo o que existia a eletricidade correspondente”. Ele era absolutamente perspicaz, percebia de pronto todos os elementos e conexões de pensamentos possíveis acerca do assunto que estava sendo discutido, porém, não se deixava levar pelo entusiasmo de percorrer os vários caminhos possíveis dentro da argumentação e muito menos se interessava por demonstrar tais possibilidades. Por um lado, ele se detinha firme e

¹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

convictamente a insignificância do pensado em face da infinitude do pensar, por outro, também era cômico do quanto suas observações, no sentido da construção, seriam absorvidas para acrescentar toda a conhecida e mensurada arrogância e soberba dos “detentores” do conhecimento de sua época: os sofistas. Daí a firmeza da postura socrática veementemente firmada na negatividade, tal como apontada no trecho a seguir:

[...]. foi salientado como característica do ponto de vista de Sócrates, que toda a vida substancial do helenismo tinha perdido a validade para ele, isto quer dizer: que toda realidade existente era para ele irreal, e isto não num ou noutro sentido apenas, mas sim em sua totalidade global como tal, que ele em relação a essa realidade sem validade fingiu deixar a ordem estabelecida subsistir e, assim, a conduziu à ruína: que ele assim ia ficando cada vez mais leve, sempre mais leve, cada vez mais livre negativamente: assim nós vemos que este ponto de vista de Sócrates, de acordo com a análise que fizemos, era, enquanto negatividade infinita absoluta, ironia. (KIERKEGAARD, 1991, p. 234-235) ²

Sócrates era absoluta e demasiadamente reconhecido pelos seus discípulos, e era de se esperar que os interessados pelo conhecimento almejassem, em alguma medida, algum tipo de concordância de Sócrates acerca dos resultados que estavam obtendo com seus empenhos. Mas não, mesmo que aparentemente Sócrates quisesse contribuir com a discussão, acrescentando uma idéia ou outra, era só para aumentar o impacto do seu interlocutor no caminho que necessária e propositalmente ia dar no nada, no vácuo. E aí a ironia socrática, a ironia de quem acrescenta para depois tirar o acréscimo e tudo o que havia antes. A ironia de quem pergunta, não para acrescentar algo, mas para exaurir até o ínfimo todo o conteúdo aparente.

Mesmo com toda a negação, todo mexer e remexer, toda inconformidade, o resultado era sempre o mesmo: a vacuidade. O entendimento acerca da forma como Sócrates conduzia os seus interlocutores a esta vacuidade, tendo a ironia por instrumento, pode ficar mais claro caso tomemos a visualização de alguns trechos de “O Banquete” (PLATÃO, 2004) ³. Antes, cabe a contextualização de que “O Banquete” foi escrito tendo-se por base um encontro entre

² KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

³ PLATÃO. *Apologia de Sócrates; Banquete*; Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; vol. 20; Martin Claret; São Paulo, SP; 2004.

Sócrates e alguns de seus discípulos em que o amor foi objeto de discursos inteligentíssimos e apaixonados (como Eros é capaz de suscitar). Nas palavras de Kierkegaard, em o banquete:

“cada uma das apresentações se ajusta à seguinte de maneira tão engenhosa e tão rica de lirismo, que com elas ocorre o mesmo que com o vinho em copos de cristal artisticamente talhados: o que embriaga não é somente o vinho espumante aí contido, mas também a refração infinitamente multiplicada, as ondas de luz que se oferecem ao olhar que mergulha nelas”. (KIERKEGAARD, 1991, p. 45)⁴.

Fedro exalta o fato de Eros vencer até a morte, indo buscar nas camadas infernais o seu objeto de amor. Pausânias evidencia a natureza dupla de Eros como forma de pontuar sua completude. Erixímaco dá continuidade ao discurso de Pausânias considerando a natureza dupla do amor através de seus entendimentos de medicina, exaltando que tal área do conhecimento foi criada por Asclépio que soube inspirar amor aos elementos mais antagônicos constituintes do corpo humano (seco/úmido, calor/frio, etc.), mas, não só, constituintes também da natureza dupla existente nas confluências lógicas e coordenadas da natureza (as estações do ano, o clima, etc.). Aristófanes trás a representação do amor como na base da procura dos homens pela sua completude, tendo por intuito o encontro de sua metade oriunda da repartição dos homens realizada pelos deuses. Baseia-se no conhecimento de um mito segundo o qual havia uma indiferença sexual original quebrada em razão da insubordinação dos homens face aos deuses que, por castigo, dividem a espécie original criando as diferenças entre homens e mulheres. Diferenças a serem suplantadas quando da completude possibilitada pelo encontro das metades de um mesmo original. Agatão chama a atenção ao fato de todos terem falado sobre o amor considerando as bênçãos recebidas pelos deuses, mas sem serem justos nos elogios aos supremos, detentores do amor; seu discurso se propõe a corrigir tal injustiça. Por fim, Sócrates, usando das palavras de Diótima (uma personagem fictícia) para impessoalizar e legitimar seu conhecimento, expõe sua frustração em relação à expectativa de que a proposta fosse discursar sobre o amor salientando o verdadeiro em relação ao objeto a ser elogiado; que ele não sabia que o elogio para os seus colegas consistia em se acrescentar tantos e mais belos caracteres quanto possível, sem se ocupar da verdade. Dito isso (lançado o banho de água fria), Sócrates começa então, como de costume, com suas famosas perguntas:

⁴ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

Eros é amor de alguma coisa ou não?... Eros deseja ou não o objeto de que ele é amor?... Mas , quando deseja e ama, possui ou não a coisa que deseja e ama?...desejar que o que possuímos atualmente também possuamos nos tempos futuros não é, acaso, o mesmo que desejar alguma coisa que não se encontra ainda à nossa disposição, e que ainda não temos?... Ora, não ficamos de acordo em que só se ama o de que se carece e o que ainda não se possui?... Ora... se a Eros falta a beleza, e se o que é belo também é bom, segue-se que a Eros também falta bondade. (PLATÃO, 2004, P. 134-136)⁵.

A eloquência e beleza dos discursos são proporcionais ao vazio colocado sem piedade por Sócrates ao apontar o nada como resultado da embriaguês argumentativa. Amor é busca, carência, nostalgia; mas busca, carência e nostalgia nada são, ou apenas palavras designadoras da falta, daquilo que anseia por conteúdo, complementação. Chega-se, por decorrência, ao entendimento de que amor é vazio, não se consubstancia vez que só existe no e pelo movimento de amar que tem por impulsor o sentimento de falta. O caminho percorrido por Sócrates conduz ao amor por algo que não se possui, por busca que redundava em mera nostalgia.

Pode-se perseguir o abstrato em movimentos silenciosos rumo ao concreto, realizando-se o percurso da subjetividade. Ou partir do concreto a fim de se aproximar do abstrato. Em Sócrates não ocorre nenhum dos dois movimentos. A concretude se esvai face ao abstrato socrático que é absolutamente sem conteúdo (tanto concreto quanto subjetivo) conquistado pela via irônica:

Um resultado negativo precisa sempre ser um resultado; e um resultado negativo em seu estado mais puro e sem mistura só a ironia é que pode proporcionar; pois até mesmo o ceticismo põe sempre algo, enquanto a ironia, pelo contrário, renova constantemente, como aquela velha bruxa, a tentativa certamente digna de Tântalo, de primeiro devorar tudo, e por fim devorar a si mesma também, ou, como convém às bruxas, devorar o seu próprio estômago. (KIERKEGAARD, 1991, p. 57) ⁶.

A princípio o leitor desatento de um texto de Platão se confunde no caminho que leva às conclusões apontadas por Sócrates. No Banquete, por exemplo, a vasta gama de aspectos

⁵ PLATÃO. *Apologia de Sócrates; Banquete*; Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; vol. 20; Martin Claret; São Paulo, SP; 2004

⁶ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

acerca do amor apresentada pelos discípulos de Sócrates (em discursos embevecidos de vinho tinto), é somada à argumentação do próprio Sócrates de modo a confundir o leitor: o resultado aparentemente negativo conduz à negatividade do resultado. Aparentemente não há concordância, o texto leva a pensar que não haverá resultado e, quando se repara, toda a exuberância do discurso se torna, sem mais delongas, instrumento para a conclusão de que o amor é simples busca. A negatividade se impõe não de forma matemática, se o fosse, teríamos o simplório e imponente 0 (zero, conector de valores negativos e positivos). A negatividade Socrática, resultante do método aplicado a todos os caminhos conversacionais, é o da retirada de conteúdo. Tudo é, até então, mas pode não ser, como, conclui-se, verdadeiramente não o é. Então, caso se tenha estômago para lidar com essa verdade socrática, nada existe para além da vacuidade. O conteúdo, a concepção de quem se acha possuidor de alguma verdade é fruto da ignorância de quem desconhece o que há além do que já fora estabelecido, tudo é passível de questionamento e relativização caso se tome, como referência, a infinitude do nada que a tudo contingência.

Há uma tentativa de Sócrates de frear a influência do *status quo* ateniense, permitindo ao pensamento alçar espaço maior que o já estabelecido. Este movimento de ampliação do pensar pela via irônica é bem demonstrado pela metáfora construída por Kierkegaard:

Existe uma gravura que representa a tumba de Napoleão. Duas altas árvores margeiam o quadro. Não se vê mais do que isto, e o observador superficial não enxerga nenhuma outra coisa. Entre as duas árvores há um espaço vazio; quando o olhar segue os contornos que delimitam o vazio, subitamente aparece deste nada o próprio Napoleão, e a partir de então é impossível deixar de vê-lo. O olhar que o viu uma vez o vê então sempre, com uma necessidade quase angustiante. Assim também com as réplicas de Sócrates[...] este espaço vazio, este nada é o que esconde o mais importante. (KIERKEGAARD, 1991, P. 30-31)⁷.

⁷ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.



É o nada que contém o germe de tudo. O vazio que abre para o infinito de possibilidades. Mas Sócrates era tão ferrenho em se ater a este nada e em direcionar as pessoas até ele, que há a desconfiança acerca da valoração (por ele) deste nada enquanto possibilitador de novas construções. Não haveria discípulo ou opositor que o fizesse reconhecer ou declarar, não havia simplesmente qualquer intenção de construção ou acréscimo, visto que qualquer construção se tornava instrumento intermediário para o alcance de um vazio maior, era expressa apenas para referenciar a imensidão do nada abrangente.

1.2- Ironia: instrumentalidade que possibilita o subjetivo.

A ironia socrática, como dito, se estabelece pelo instrumento das perguntas. Mas, discirnamos melhor esse perguntar socrático. Por um lado, pode-se perguntar com a intenção de aprofundar um conhecimento anterior, com o intuito de acrescê-lo de aspectos antes não considerados, formando um entrelaçamento maior de entendimentos acerca do tema por meio

de ampliação com outras significações. Por outro lado, há a possibilidade de que a pergunta tenha por fim a retirada de elementos antes constitutivos da trama de pensamentos, para, com a resposta, exaurir o conteúdo anterior. Era este último o método que Sócrates praticava freqüentemente.

Quando, numa boa companhia, os sofistas tinham embriagado a si mesmos com os vapores de sua própria oratória, aí Sócrates tinha prazer em produzir, da maneira mais cortês e modesta do mundo, uma pequena corrente de ar que, em pouco tempo, dissipava todos esses vapores poéticos[...]Qualquer filosofia que comece com uma suposição, termina, naturalmente na mesma pressuposição, e como a filosofia de Sócrates iniciava com a suposição de que ele nada sabia, assim ela terminava no resultado de que os homens em geral nada sabiam [...]. Sim, ele concebe como sua vocação divina, sua missão, andar pelo meio dos seus concidadãos e dos estrangeiros para, sempre que ouvisse de alguém dizer que era sábio, e sempre que isso não se confirmasse auxiliar a divindade a provar que este homem não era sábio (KIERKEGAARD, 1991, p. 42-43) ⁸.

Neste ponto, ao se considerar a vocação divina de Sócrates, abre-se a discussão acerca do termo “*Daimon*” utilizado por ele, vinculado ao qual se fundamenta uma de duas acusações que recairiam sobre o filósofo quando de sua condenação à morte na Atenas de então. A primeira acusação era a de que ele introduzia novas divindades e a segunda de que ele corrompia a juventude (por meio inclusive da pederastia). Consideremos, por ora, esta primeira acusação.

De saída, cabe a consideração de que o termo “*Daimon*” não deve ser tomado pela significação atual, como palavra que designa uma antítese divina, que concentra em si a representação do mal (como o “demônio” em sua acepção protestante). O termo grego é tomado, de forma mais condizente, como sendo o “Gênio de Sócrates”, que se encaixa dentro de sua proposta maior de desconstrução. Representa algo abstrato, de cunho contrariamente divino e que se coaduna com a missão também divina de levar os outros ao conhecimento da própria ignorância. Como bem aponta Kierkegaard (1991, 128) ⁹: “Às vezes é dito: ‘o demônio me faz saber’; em outros lugares: ‘algo demoníaco’ ou: ‘surge o demônio’”. Na tentativa de levar os seus interlocutores ao nada, Sócrates dizia-se influenciado por energias abstratas e intuitivas, mas aqui cabe a consideração de que a aparição “demoníaca” só se dava com o fito de desaconselhar. Ela só adverte, sem dar ordens; possui uma postura

⁸ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991.

⁹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991.

eminentemente negativa (sem nenhuma positividade). Para Sócrates, o “Demônio”, em seu auxílio divinal, não só é instrumento para a vacuidade, como designa algo que, por sua própria abstração, se eleva acima de qualquer determinação, livre de predicados passíveis de serem estabelecidos via vocalização. É instrumentalização indizível que deve contribuir no enveredamento rumo ao silêncio do nada.

Era esta então a intenção do pensador quando se tomava do termo “*Daimon*”: dar a seus argumentos uma coloração abstrata, impalpável e, assim, acima das invectivas de seus interlocutores, incitando-os às desconstruções. Aproximando-se do ponto de vista socrático, o termo era mesmo para causar mais amplo interesse na aproximação ao arcabouço maior de elementos argumentativos entrelaçados. Como quem diz: “Aproxima-te para visualizar o problema deste outro ponto de vista” ou “se queres avaliar ouro (o ouro do reconhecimento da ignorância), torna-te um ourives (afasta-te de tantas influências arbitrárias)”.

Sócrates tinha de pronto todo o ódio de seus opositores em forma de artilharia montada e institucionalmente legitimada na figura dos magistrados de sua época e, no entanto, não abria mão de sua premissa básica e nem de nada que a ela se vinculasse. Mas aqui é importante se aproximar ainda mais do ponto de vista socrático para entender outros aspectos vinculados a sua premissa básica bem como à que propósito seu conjunto de idéias se destinava.

Para ser coerente com o “sei que nada sei”, Sócrates não se dispunha em dizer ou que se atinha ao passado ou que, na medida em que introduzia algo novo, este novo era verdadeiro. Mantinha o uso do termo “*Daimon*” e dizia ser impossível ter introduzido novas divindades, novas doutrinas ou o que quer que fosse vez que não introduzia nada e que tudo, inclusive o “demônio” eram artifícios para (ao contrário) o esvaziamento que propunha. No cerne das desconstruções e esvaziamentos propostos por Sócrates, encontra-se uma segunda premissa, que proporciona estruturação *páthica* para o arcabouço filosófico de Sócrates. Trata-se do “conhece-te a ti mesmo”, máxima que abre as portas e encaminha para a noção de subjetividade, com importância privilegiada do foro íntimo e do pensar próprio na base da tomada de decisões.

O “conhece-te a ti mesmo” socrático também não deve ser entendido a partir do ponto de vista contemporâneo, que reconhece e legitima não só o subjetivo (com autoconsciência), como a própria noção de inconsciente (a ser acessado e elaborado). À época de Sócrates, o

homem não tinha uma tal relação de refletir-se para determinar-se a partir de si. Num âmbito sócio-cultural (universal), as leis do Estado tinham para o indivíduo a respeitabilidade da tradição, ampliada e sancionada pelos deuses, de interferência inquestionável, *per si*. A legitimidade dos costumes era consagrada a partir da própria passagem do tempo, com óbvio recorte condizente a continuação da sobreposição de interesses políticos confluentes. E sempre de forma a coadunar com o arsenal da tradição religiosa politeísta, em que se dispunha do oráculo na intermediação entre o Estado e os homens. Ao oráculo se reserva o papel de especificar a vontade divina -e estatal- na análise e determinação destinal de casos particulares. Kierkegaard qualifica os oráculos como necessários

[...] sempre que o homem ainda não tem consciência de seu interior como independente, como livre, de modo a assumir a decisão somente a partir de si mesmo- e isto corresponde à falta de liberdade subjetiva. No lugar do oráculo, Sócrates tem agora o seu demônio. Este demônio situa-se então na passagem entre a relação exterior do oráculo para o indivíduo e a interioridade plena de liberdade, e, como algo que ainda está em transição, aparece justamente para a representação. (KIERKEGAARD, 1991, p. 131)¹⁰.

“*Daimon*” ou “Gênio de Sócrates” são expressões que se referem a este processo segundo o qual uma decisão poderia ser tomada a partir de si, após ser trazida ao foro do pensamento. Numa escala diminuenda, que encaminha da influência estatal inquestionável para a noção de subjetividade, o oráculo restringe (do universal para o particular) e o gênio de Sócrates ou o seu “Demônio”, recorta ainda mais numa restrição que encaminha do particular para o individual (rumo à noção atual de inconsciente). Assim, temos que: “O Gênio ainda não é Sócrates mesmo, nem sua opinião, sua convicção, mas sim algo de inconsciente; Sócrates é movido. Ao mesmo tempo, o oráculo não é algo de exterior, mas é o seu oráculo.” (KIERKEGAARD, 1991, p. 131)¹¹.

É possível então, que se entenda um pouco melhor o porquê da grande repercussão exercida pelo conjunto de idéias do filósofo, que pessoalizou –representativamente- em si mudanças possíveis em razão de um contexto sócio-cultural já propício. Retornar-se-á, ainda, à relação bidirecional estabelecida entre a filosofia socrática e o *zeitgeist* de sua época, mas, antes, faz-se necessário voltar para o poder de sedução da filosofia socrática a partir do

¹⁰ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991.

¹¹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991.

impacto que exercia em seus interlocutores, no cerne da segunda acusação que recaí sobre o filósofo (a de que ele seduzia a juventude).

Com este propósito, comecemos por abordar a relação de Sócrates com seus discípulos a fim de dimensionar o impacto da filosofia socrática sobre eles, exponhamos a representativa constatação de Alcebiades, presente em “O Banquete”:

Todos estes bens (a beleza e a riqueza), com efeito, nada valem para ele; nós próprios, aliás, nada parecemos ser aos seus olhos. Por isso é que passa a vida, não a conversar compenetrado, mas a ironizar e a brincar com todos nós. Quando, porém, está sério e se abre, não sei se alguém viu as coisas sagradas que nele há; eu as vi uma vez, e me pareceram tão divinas e deslumbrantes, áureas e magníficas, que me convenci de que se deve fazer imediatamente tudo quanto Sócrates exige. (PLATÃO, 2004, p. 157) ¹².

Os sentimentos de Alcebiades são representativos dos expressos por outros discípulos que também eram muito instigados com a possibilidade de se tornarem mais próximos e aceitos pelo mestre. Tal instigação se dava, é claro, pelas características e artefatos próprios do filósofo, mas sua ironia contribuía ainda mais para a fascinação, era instrumentalidade ideal para coesão do grupo (que se queria sempre maior). Isto porque na ironia...

[...] tem algo de extraordinariamente sedutor e fascinante. O disfarçado e o misterioso que ela tem em si, a comunicação telegráfica que ela inaugura, já que o irônico sempre deve ser compreendido à distância, a infinita simpatia que ela pressupõe, o fugaz, mas indescritível momento da compreensão, que é reprimido imediatamente pelo medo da incompreensão, tudo isso cativa com laços indissolúveis. Por isso, se o indivíduo no primeiro instante se sente liberado e expandido, no instante seguinte o indivíduo está em seu poder, e provavelmente é isto que Alcebiades quer dizer quando comenta o quanto se sentiam enganados por Sócrates, quando este em vez de amante se mostrava como amado. (KIERKEGAARD, 1991, p. 51) ¹³.

Ou ainda:

O irônico é aquele vampiro que suga o sangue do amante, e dando-lhe uma sensação de frescor com o abanar de suas asas, acalanta-o até o sono chagar e o atormentar com sonhos inquietos. (KIERKEGAARD, 1991, p. 51) ¹⁴.

¹² PLATÃO. *Apologia de Sócrates; Banquete*; Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; vol. 20; Martin Claret; São Paulo, SP; 2004

¹³ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991

¹⁴ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991

1.3- Ironia e Tragicidade: sacrifício na virada histórica (e pessoal).

Tem-se, assim, uma instigação que se expressa de forma amorosa como consequência da sedução e fascinação que a pessoa de Sócrates e sua ironia exerciam sobre os seus discípulos. Por outro lado, há a instigação que se expressa na forma de ódio como derivado de sentimentos de menos valia e humilhação por parte de seus opositores. Este ódio gera, por consequência, o final trágico-irônico do filósofo, explicitado no detalhe em “Apologia de Sócrates” (Platão, 2004) ¹⁵. Nesse texto, Sócrates se detinha ao argumento de que toda acusação destinada a ele era fruto do ódio de seus opositores; ódio advindo de sua “simples tentativa” de entender e desmentir a consideração dos deuses quando diziam, por instrumento do oráculo, que ele era o mais sábio dos homens. E isto, pois que tal consideração se opunha a seu conhecido pressuposto de que “ele só sabia que nada sabia” e que tinha sim, por missão divina, que espalhar esse mesmo entendimento aos demais.

E aqui se tem uma grande ironia da vida de Sócrates: aquele que se coloca a todo tempo numa postura de reconhecimento da própria ignorância, defende explicita e claramente que sua morte representa muito maior prejuízo para os cidadãos atenienses do que para si próprio. E essa postura adotada por Sócrates ocorre a despeito do medo da morte que transparece claramente ao longo de seu julgamento; a morte é abordada de maneira contraditória, então, porque na maior parte do texto, a despeito do medo e para se manter firme aos seus constructos, Sócrates sustenta não poder ter medo do desconhecido.

Na “Apologia de Sócrates” (PLATÃO, 2004) ¹⁶, tem-se tanto a demonstração da ironia produzida por Sócrates, quanto um desfile da ironia que a vida impôs a sua pessoa (“determinando” o seu final trágico). No texto (e na vida de Sócrates), o suicídio se concebe como saída em face da grande ironia de ser reconhecido como ferrenho defensor de suas idéias a ponto de, por coerência, ter de se resignar diante da sentença final de seu julgamento. Então, Sócrates, por conta própria, se imiscui novamente no silêncio e no novo.

¹⁵ PLATÃO. Apologia de Sócrates; Banquete'; Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; vol. 20; Martin Claret; São Paulo, SP; 2004.

¹⁶ PLATÃO. Apologia de Sócrates; Banquete'; Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; vol. 20; Martin Claret; São Paulo, SP; 2004.

A necessidade de Sócrates em se manter resoluto em uma postura firmemente arraigada em negatividade (infinita e absoluta) foi primordial para a virada histórica característica do fim do helenismo. Tal momento histórico foi caracterizado pela presença de grande burburinho fervilhante, que, a despeito da aparente contraditoriedade (e justamente por isso) teve sua representatividade expressa por meio do silêncio; o silêncio histórico em que resplandeciam pungentes idealidades, num *crescendum* condizente ao começo de outra realidade histórica e sócio-cultural.

Essa nova realidade histórica era desejosamente menos arbitrária. Principalmente no que diz respeito ao exercício do comando estatal, via instituições jurídico-legislativas com legitimação dada pela tradição e pelos Deuses; e também mais honesta no que concerne à produção do conhecimento, com estabelecimento de meandros mais claros de metodicidade e maior detalhamento em relação a um objeto específico de estudo. E isto em oposição ao conhecimento tal como abordado pela sofística do helenismo.

Os sofistas eram pessoas muito mais preocupadas com a dita “cultura geral” do que com o aprofundamento e a especificidade rumo às respostas demandadas. Segundo nos relata Kierkegaard (1991, p.160), a cultura geral trazia para os sofistas de então

[...] uma capacidade para submeter qualquer caso particular a certos casos gerais, ela entrega(va) a cada indivíduo particular um rosário de *loci communes* (lugares comuns), que rezado freqüentemente o(s) coloca(vam) em condições de poder a todo o tempo dizer algo sobre o caso particular, propor algumas considerações a respeito, citar razões a favor ou contra(KIERKEGAARD, 1991, p. 160)¹⁷.

Estudavam de tudo um pouco para que pudessem fazer parte do clã dos detentores do conhecimento, e assim receberem sua cota de prestígio e também de pagamentos disponibilizados em troca do conhecimento ofertado necessariamente àqueles que podiam fazer jus a tal acesso. Como consequência, já havia à época de Sócrates, a presença de uma grande insatisfação espalhada. O silêncio e a paralisação característicos dos momentos históricos de grande transformação se insurgiam contra a sofística (pessoalizada nos sofistas) e a arbitrariedade estatal (na figura dos magistrados). E este processo foi reforçado pela ironia socrática que também encaminhava para o silêncio e, por fim, para o novo. Tem-se um aprofundamento de entendimento acerca do silêncio e do novo inaugurado (e possibilitado)

¹⁷ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991

pela via irônica, caso consideremos a contribuição de Kierkegaard (1991, p. 165)¹⁸ quando nos diz que: “O silêncio da ironia tinha de ser aquela negatividade que impedia que a subjetividade fosse tomada em vão. Pois a ironia é assim como a lei, uma exigência e a ironia é uma exigência enorme, pois ela desdenha a realidade e exige a idealidade”. Bem como que...

A ironia é o início, e, contudo, nada mais é do que o início, ela é e não é, e a sua polêmica é um início que é igualmente uma conclusão, pois o aniquilamento do desenvolvimento anterior é tanto a sua conclusão como o início do novo desenvolvimento, dado que a aniquilação só é possível porque o novo princípio já está presente como possibilidade. (KIERKEGAARD, 1991: 166)¹⁹.

A realidade estabelecida lança suas bases de referência e segurança para os que dela compartilham e, em grande parte das vezes, poucos são os que se incomodam ao ponto de se colocarem em risco. E aquele que se prontifica a se expor para a mudança sempre o faz em nome de outros. A tensão é acompanhada pelos representados, ela caracteriza o auge do nó-trágico e é da mesma ordem daquela de quando se depara com a clareza da ironia da vida. Para o sujeito irônico, que é devorado em sacrifício, a experiência da ironia da vida foi, necessariamente, vivificada de forma intensa e irrefutável. E aqui a diferença entre o indivíduo irônico e o indivíduo profético:

O indivíduo profético não possui o porvir, ele apenas o presente. Não consegue fazê-lo vigorar, mas de qualquer maneira ele está perdido para a realidade para a qual pertence [...]. O irônico, pelo contrário, apartou-se das fileiras de seu próprio tempo e tomou posição contra este [...]. Para o irônico a realidade perdeu toda a sua validade, ela se tornou para ele uma forma incompleta que incomoda ou constrange por toda parte. O novo, por outro lado, ele não possui. (KIERKEGAARD, 1991, p. 226)²⁰.

No cerne desta virada histórica a veemência socrática com relação à importância da negatividade conquistada e expressa pela via irônica. A figura de Sócrates representou por si o conflito entre o antigo e o porvir, e isto num âmbito não só institucional, mas estatal na poderosa Grécia de então. Por isso, ele ter sido acusado e condenado como fora.

¹⁸ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

¹⁹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

²⁰ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

Aqui colide, portanto, uma realidade com uma outra realidade. Aqui se encontra o trágico profundo da história universal. Um indivíduo pode ao mesmo tempo estar justificado historicamente e, contudo, não autorizado. Enquanto está neste último caso, tem de tornar-se uma vítima; mas, na medida em que vale o primeiro, ele tem de vencer, em se tornando uma vítima. Aqui se vê que o desenvolvimento do mundo é conseqüente em si; pois na medida em que a realidade mais verdadeira deve vir à luz, é respeitada mesmo assim a realidade ultrapassada; não há uma revolução, mas uma evolução; a realidade passada se mostra como ainda assim justificada ao exigir uma vítima, e a nova realidade ao oferecer este sacrifício. (KIERKEGAARD, 1991, p. 225)²¹.

Sócrates estava justificado e autorizado, ele e sua proposta vencem a despeito e por sua vitimização e a tragicidade posta encaminha para a factualidade histórica de sua ironia. Desta ironia que, enquanto negatividade infinita absoluta, não só é passível de se entender pelo contexto que a pessoaliza no âmbito individual, mas que expressa um processo mais amplo, de transformação sócio-cultural. Dessa forma é que a ironia socrática só poderia ser tal como foi: negatividade infinita absoluta: [...] é a negatividade, pois apenas nega; ela é infinita, pois não nega este ou aquele fenômeno; ela é absoluta, pois aquilo por força de que ela nega, é um mais alto, que, contudo não é. (KIERKEGAARD, 1991, p.226-227)²².

Com todo o dito, clareia-se a vinculação entre ironia e tragicidade quando tomamos por análise a ironia socrática. E isto quer consideremos o dito socrático, a ironia enquanto instrumentalidade de fala que impulsiona importante virada histórica no fim do Helenismo da Grécia antiga, ou quer consideremos a vida socrática, com vivências irônicas importantes. Num ou noutro contexto ela se encaixa ao devir trágico justamente no momento que antecede o desenlace e, assim, é preche de todo o conteúdo crescente e ampliado na construção do auge trágico.

²¹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

²² KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

1.4- Ironia e Comicidade: a partir de Sócrates.

Mas a ironia também se encontra na base mesmo da comicidade. A tensão que se transfigura no desenlace do contexto trágico é a mesma passível de ser liberada pela via do riso até então contido, mas lampejado. A indeterminação de uma ou outra saída torna a descarga característica do riso ainda mais acentuada.

A ironia socrática (de tão imensa) é manipulada para caber nos ensaios platônicos, mas, quer se considere como produto do filosofar socrático ou em sua estrondosa manifestação na vida pessoal do filósofo, ela transborda do texto e nos tenciona, não mais como simples espectadores, mas como seres passíveis de vivências próximas. E esta proximidade se dá por vivências em que também se pode perceber e sentir a frustrante diferença entre o ideal e o vivido, o imaginado e o real. A ironia se nos apresenta como afetação narcísica cabal. Leva-nos a refletir sobre o valor que se tem ou que tem o próprio desejo em face da concretude da diferença imposta pelo vivido.

Em contrapartida, como outra possibilidade, o riso mais libertadoramente engraçado é aquele de quando se consegue rir de si mesmo (do próprio infortúnio no humor), ou, no mínimo, do outro que se parece em muito conosco. Por oposição evidente, o cômico e o humor são o antídoto do trágico, se colocam como possibilitadores de mudanças em face de um destino antes tão inflexível (certo pelas repetições), rumo ao trágico. Tal caráter dual da ironia é apresentado por Kierkegaard ao mostrar o ponto de vista de Aristófanes acerca de Sócrates, em que se sobrepõe o ideal cômico do filósofo...

Se se carece também do testemunho imediato sobre Sócrates e se se carece também de uma concepção totalmente confiável dele, têm-se pelo menos, em compensação, todas as diversas nuances de mal entendidos, e no caso de uma personalidade tal como a de Sócrates, eu creio que com isto estamos muito bem servidos. Platão e Aristófanes têm, então, isso em comum: suas exposições são ideais, mas em relação recíproca, inversa, pois Platão tem a idealidade trágica, e Aristófanes a Cômica (KIERKEGAARD, 1991, p. 109)

²³

²³ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991

Aristófanes é autor da peça teatral “As nuvens” (423 a.C.)²⁴ cujo personagem principal é Estrepsíades, camponês endividado que esperava contornar a dívida que tinha fazendo o seu filho ser introduzido na “nova sabedoria” o que o faz então procurar por Sócrates no pensatório. A princípio, pela recusa de Fidípedes, ele mesmo se propõe a “aprofundar-se em si mesmo”. Depois ele convence o filho que, a despeito de se sair melhor que o pai, não consegue com suas conquistas intelectuais se safar da veemente cobrança de credores de dívidas antigamente contraídas. Pai e filho são submetidos às pancadas pelos credores que, como vingança, incendeiam o pensatório demarcando o final da peça. O coro personifica a imagem das nuvens, como a reforçar o caráter brumoso do filosofar socrático expresso na fala do personagem ao longo do roteiro e

“Ilustram, pois, manifestadamente toda a atividade vazia e sem conteúdo que se desenrola no pensatório, e há, portanto uma profunda ironia quando Aristófanes, na cena em que Estrepsíades deve ser iniciado nesta sabedoria, faz Sócrates invocar as nuvens, que são o reflexo aéreo do seu próprio interior vazio. Nuvens denotam, pois, de maneira excelente, o movimento do pensar carente de todo e qualquer ponto firme, que em contínuo ondular, sem ponto de apoio e sem lei imanente do movimento, configura-se de todas as maneiras possíveis com a mesma inconstância desregrada das nuvens. (KIERKEGAARD, 1991: 112)²⁵.

Além disso, afora a própria zombaria acerca do devanear Socrático exposto pela brumacidade das nuvens, tem-se a comicidade com base na figura de Sócrates. Pois ele era mesmo uma figura *sui generis*, um tipo engraçado, desengonçado que ironizava de si próprio ao dizer de seus pés desproporcionalmente grandes, que o serviam para manter-se em pé, e de seus olhos esbugalhados, próprios à devida atenção ao que o cercava.

Que Sócrates então, realmente em sua vida deve ter oferecido muitos aspectos cômicos, que ele, para dizer de uma vez a palavra, até um certo ponto fora um “*Sonderling*” (tipo original) não se pode negá-lo; que nisto já havia uma justificativa para um poeta cômico, não dá para negar de maneira alguma; mas também é inquestionável que isto teria sido muito pouco para Aristófanes... só na medida que Aristófanes vê em Sócrates o representante de um novo princípio, só nesta medida ele se torna para Aristófanes uma figura cômica (KIERKEGAARD, 1991, p. 110)²⁶.

²⁴ ARISTÓFANES (423 a. C.). *As nuvens*. Trad. Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

²⁵ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

²⁶ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

A possibilidade libertadora inaugurada pelo cômico, também exige como contexto a emergência do novo. A descarga energética característica do riso subjaz ao reconhecimento de que todos, aquele de quem se ri e os que dele riem, estão num mesmo barco, fazem parte integrante de um contexto que anuncia, profetiza uma mudança em vias de fato. Em outras palavras, o riso exige como moeda de troca, a identificação entre o espectador e o sujeito objeto do riso pela consideração mesma da identidade do vivido, em que a realidade contextual iguala os (nem tão) diferentes. Sócrates pessoalizava em si uma antítese que, aos olhos mais tradicionalistas - ou dos que também obtinham benefícios com o então estabelecido - representava a desordem moderna. O caráter profético dos ideais socráticos, em confluência direta com o manancial de mudanças já não controladas por barreiras infundadas, exigia, dos que se viam ameaçados pelo romper das águas, uma seriedade proporcional à temeridade. Mas onde a temeridade e a seriedade aí também a base para o êxito do riso, aí também a tensão em sua possibilidade de gerar não o riso social-comedido, mas as gargalhadas espontâneas, tal como, por exemplo, as despertadas pelas “As Nuvens” (423 a.C.)²⁷ em seu público...

Caso se queira admitir que a ironia era o que constituía a vida de Sócrates, decerto se há de conceder que esta oferecia um aspecto muito mais cômico do que no caso de se pretender que o princípio socrático era o da subjetividade, da interioridade, com toda a riqueza de pensamentos que aí se encontra, e de se procurar a autorização de Aristófanes na seriedade com que ele, como adepto da antiga cultura grega, precisava esforçar-se por aniquilar esta desordem moderna. Pois esta seriedade é pesada demais, assim como também limita a infinitude cômica que, como tal, não conhece nenhum limite. Ao contrário, a ironia é um ponto de vista novo, e, enquanto tal, absolutamente polêmico frente à antiga cultura grega e, ao mesmo tempo, é um ponto de vista que constantemente se suprime a si mesma, ela é um nada que devora tudo, e um algo que jamais se pode agarrar, que ao mesmo tempo é e não é; mas isto é uma coisa cômica em seu mais profundo fundamento. (KIERKEGAARD, 1991, P. 110-111)²⁸.

Para além da ironia socrática, Kierkegaard nos apresenta importantes noções acerca do conceito de ironia, em absoluto. Diz ele:

[...] ocorre no discurso retórico freqüentemente uma figura que traz o nome de ironia; e cuja característica está em se dizer o contrário do que se pensa. Aí já temos então uma definição que percorre toda a ironia, ou seja, que o fenômeno não é a essência, e sim o contrário da essência. Na medida em que eu falo, o pensamento, o sentido mental, é a essência, a palavra é o fenômeno. Estes dois momentos são absolutamente necessários, e é neste

²⁷ ARISTÓFANES (423 a. C.) *As nuvens*. Trad. Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

²⁸ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

sentido que Platão observou que todo pensar é um falar. A verdade exige então a identidade; pois se eu tivesse o pensamento sem a palavra, não teria o pensamento, e se eu tivesse a palavra sem o pensamento, também não teria a palavra, assim como não se pode dizer das crianças e dos loucos que eles falam. (KIERKEGAARD, 1991, p. 215) ²⁹.

Dois importantes aspectos concernentes a ironia encontram-se na citação acima e devem ser pormenorizadamente comentados. O primeiro aspecto se vincula à fala dos loucos e crianças. O segundo, à diferença entre ironia e mentira.

O primeiro aspecto será pormenorizadamente abordado no capítulo 3 quando discutiremos elementos importantes concernentes a ironia tomando por base as contribuições advindas tanto da Obra de Kierkegaard quanto da obra de Freud, e isto porque, antes, é necessário que se tenha um melhor entendimento tanto do discurso dos psicóticos quanto do desenvolvimento do pensar em vínculo com a possibilidade expressiva pela fala. Mas pode-se adiantar o que Kierkegaard já nos faz vislumbrar nesta citação, que a palavra inteligível se dá em coadunação com um pensar estruturado com coerência, passível de ser compartilhado com os demais.

Quanto ao segundo aspecto, tem-se que: dizer o contrário do que se pensa, expressando por palavras o que não é pensado como verdadeiro é diferente do simples mentir. Na mentira pressupõe-se que o interlocutor conceba a identidade entre a palavra (fenômeno) e o pensamento (essência). Já a ironia só se concebe como tal na conformidade do entendimento, pelo ouvinte, de que o fenômeno não só não corresponde a essência, mas sim expressa o seu contrário. A figura de linguagem irônica expressa antes uma verdade por meio de uma negação. O componente cínico da ironia é o que sustenta a equação entre a palavra e o pensamento (contrário) a despeito da necessidade de o ouvinte entender que não existe tal identidade. Assim é que:

[...] a figura de linguagem irônica supera imediatamente a si mesma, na medida que o orador pressupõe que os ouvintes o compreendem, e deste modo, através de uma negação do fenômeno imediato, a essência acaba se identificando com o fenômeno. (KIERKEGAARD, 1991, p. 216) ³⁰.

Tome-se o exemplo de uma ironia simplória para demonstrar o dito. Quando, numa enunciação irônica, A sabe que magoou B em razão de algum acontecimento e B anuncia:

²⁹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

³⁰ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

“Imagina, eu não estou magoado com você, isso é coisa da sua imaginação!” a ironia se estabelece por dois motivos, porque B sabe que A está consciente de seu sentimento de mágoa para com ele e porque B nega que está falando o contrário do que sente. Uma vez que a negação do fenômeno por parte de B cesse a ironia também se desfaz no mesmo instante, a liberdade de dizer falando o contrário se desfaz. E há que se considerar a diferença da liberdade de expressão possibilitada pela ironia em oposição à linguagem simples, com correspondência entre fenômeno e essência. Assim é que Kierkegaard nos aponta que:

Se eu olho depois para o sujeito falante, mais uma vez tenho uma determinação comum a toda ironia, ou seja, o sujeito é negativamente livre. Quando ao falar eu tomo a consciência de que o que é dito por mim é minha opinião e que o enunciado é uma expressão adequada de minha opinião, e quando eu pressuponho que aquele para quem eu falo tem no enunciado a minha opinião total, então eu estou amarrado pelo enunciado, isto é, eu estou nele positivamente livre. Aqui cabe o antigo verso: *‘semel emissum volat irrevocabile verbum’* (tão logo pronunciada, a palavra voa irrevogavelmente). Também com referência a mim mesmo eu estou ligado, e não me posso soltar a cada instante que eu queira. Quando, ao contrário, o enunciado não corresponde a minha opinião, eu estou livre em relação aos outros e a mim mesmo. (KIERKEGAARD, 1991, p. 215-216)³¹.

Pela sustentação do processo de negar o fenômeno irônico, conquista-se uma liberdade maior, para consigo mesmo e para com o seu interlocutor. Se ganha em flexibilidade e fluidez expressiva. A figura de linguagem irônica se constitui mesmo no cerne da noção de fluidez e flexibilidade, pois que apresenta, ao mesmo tempo, a sua noção e o contrário. A ironia exige a possibilidade de metaforização e virtualização para ser construída e para ser compartilhada com os demais, por isso não é possível esperar de uma pequena criança (menor que 3 ou 4 anos de idade) que ela ironize. Kierkegaard identifica duas modalidades de ironia:

Ou o irônico se identifica com a desordem que ele quer combater, ou ele assume frente a essa uma relação de oposição, mas naturalmente, sempre de tal modo que esteja consciente de que a aparência dele é o contrário daquilo que ele se apóia, e que saboreie essa inadequação. (KIERKEGAARD, 1991, p. 217)³².

No primeiro caso a ironia está em assumir uma postura de concordância com algo em relação a que se tem uma postura de oposição. Consiste em enaltecer a vaidade alheia, em

³¹ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

³² KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

desfrutar da liberdade de se deixar arrastar pelo entusiasmo narcísico que prende o outro. Os exemplos de Kierkegaard esclarecem bem este tipo de ironia.

Em relação a um saber totalmente pretensioso, que sabe tudo de tudo, é ironicamente correto entrar no jogo, ser arrastado por toda essa sabedoria, excitá-la com aplausos de júbilo para que esta se eleve cada vez mais alta, desde que aí se permaneça consciente de que tudo aquilo é vazio e sem conteúdo. Diante de um entusiasmo insípido e inepto é ironicamente correto ultrapassá-lo ainda num aplauso altissonante e numa louvação que suba aos céus, embora o irônico esteja consciente que este entusiasmo é a maior tolice do mundo. E quanto mais o irônico tiver sucesso com a sua fraude, quanto melhor aceitação sua moeda falsa tiver, tanto maior será sua alegria. Mas ele saboreia esta alegria sozinho e tem todo o cuidado para que ninguém perceba a sua impostura[...] ela (tal ironia) é vista às vezes aplicada contra uma pessoa que está ameaçada por uma ou outra idéia fixa; contra uma pessoa que se imagina linda e, particularmente um homem, por exemplo, cioso de suas costeletas; ou contra um outro que se acredita espirituoso ou que teria dito uma vez uma piada que nunca cansa de repetir; ou contra uma pessoa cuja vida, por assim dizer culminou num acontecimento único, ao qual ela sempre retorna, e de quem se consegue arrancar sempre de novo a narração da história, desde que se saiba pressionar o botão certo, etc. Em todos esse casos, a alegria do irônico consiste exatamente em parecer aprisionado naquela mesma fixação que mantém o outro preso. (KIERKEGAARD, 1991, p. 217-218) ³³.

Mas, como dito, também é característico da ironia aparecer numa figura de relação de oposição.

Diante de uma sabedoria transbordante, ser tão ignorante, tão tolo, ser tão pateta quanto possível, e, no entanto ao mesmo tempo mostrar tanta vontade de aprender, tanta boa vontade, que o dono da verdade sinta mesmo uma grande alegria em deixá-lo dar uma olhada em seus vastos terrenos; diante de um entusiasmo sentimental, lânguido, ser simplório demais para captar o sublime que entusiasma o outro, e, contudo todo tempo mostrar uma boa vontade, que gostaria tanto de captar e compreender aquilo que lhe parece um enigma- estas são expressões completamente normais da ironia. (KIERKEGAARD, 1991, p. 218) ³⁴.

Num caso ou noutro o objetivo esta em combater uma situação ou postura tomada como exagerada, desmedida. No caso específico da ironia enquanto figura de linguagem, concordando ou discordando da pessoa em relação a quem a ironia é dirigida, o foco está na obtenção de prazer advindo da exposição do outro, da exposição da desmedida narcísica do outro, seja ela vinculada a uma vaidade excessiva, a um orgulho arrogante, enfim. Como

³³ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

³⁴ KIERKEGAARD, Soeren. Samlede Voerker. *O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópoles: Vozes, 1991

Kierkegaard (1991, p. 217-218)³⁵ nos ensina: “Em todos estes casos a ironia se mostra como aquela que compreende o mundo circundante, não tanto para ocultar-se quanto para fazer os outros se revelarem”. Por meio desta revelação a ironia se estabelece, então, como negação da negação. Expõe-se o outro e nega-se que se esteja negando a vangloria alheia, a desmedida narcísica daquele que é objeto de uma ironia.

Podemos perceber também, analogamente, como a ironia, tomada do ponto de vista da vivência de cunho irônico, também se consubstancia em negação da negação. Como visto ao longo deste capítulo, Sócrates pessoalizou em sua própria vida um conflito histórico cultural de âmbito maior, social. Foi contemporâneo a um momento de virada histórica em que o trágico se fez presente em razão da coalizão de duas realidades já contrapostas. E, como diferencia Kierkegaard (1991, p. 226), Sócrates foi irônico e não profético, e isso porque não pressentia o porvir, mas porque se posturou em oposição, contra a realidade posta, e esta, a oposição, é a essência da ironia. Por isso a voracidade socrática firmemente enraizada em uma negatividade infinita absoluta, com a tentativa constante de exaurir a inflexibilidade de interpretação do vivido pelo viés da lente do estado grego, com toda sua arbitrariedade justificada pelo sistema religioso-tradicional de então.

A ironia, do ponto de vista da vivência irônica, se aproxima do trágico, vez que a situação trágica tem um cunho irônico, pois que nega a negação feita pelo protagonista trágico. A situação trágica lhe aproxima daquilo em relação a que se mantinha uma postura de recusa, de fuga, de esquivia e distanciamento. E isto tudo sem chances de uma clareza de visão que lhe proteja do nó trágico, do qual se aproxima exatamente pelo movimento de tentar se afastar. Como Sócrates que se opõe à arbitragem estatal pelo respeito ao instituto do pensamento e das leis e justamente neste movimento, para o respeito das normas, e para ser coerente com o desconhecimento da morte, se autoencaminha para o fim, para o cumprimento de sua pena. Daí a oposição que ele lança à legitimidade da institucionalização legal que o julga.

Tal como Sócrates, luta-se, de todas as maneiras e com todas as forças, para se evitar o nó trágico que, paradoxalmente, se aproxima na mesma proporção e velocidade da diversidade de maneiras e intensidade de forças com a qual ele é repugnado e afastado. A diferença entre o esperado e o vivido se consubstancia em afronto concreto e impensado. À

³⁵ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991

despeito de como podemos recepcioná-la, a realidade se presentifica ironicamente, a vivência do paradoxo se coloca de assombro como um muro intransponível para além de toda insurgência, de todo debater-se. Nesse momento, há que se absorver a realidade da forma possível, no instante seguinte, pela impossibilidade de não reação em face da vida, há os destinos passíveis. A “escolha” ocorre mesmo diante da não escolha, da paralisia. O que se pensa acerca de si ou da realidade estabelecida, o que se tinha como certo a respeito de si mesmo e do destino é angustiadamente questionado, posto em xeque pelo vivido.

O dito se exemplifica claramente na experiência de vida, experimentada por Sócrates. Vimos então, por este capítulo, o quanto a postura socrática, através da ironia se vincula com a negação, com o movimento de ir contra, de negar ou se opor aos acontecimentos de sua época, que, por sua vez, recusam ironicamente a aceitação de sua própria insurgência (irônica).

Observamos como Sócrates, na medida em que foi justificado e autorizado, venceu em se tornando uma vítima. Mas o caminho percorrido por ele em vida, toda a insurgência socrática foi também, em alguma medida, compensada pelo estado de poder estar “negativamente livre”. A possibilidade de expressão que vai além da coerência lógico-formal exigida na fala direta, que segue a norma gramatical estruturadora da língua, se dá também em coadunação com uma liberdade de pensamento e ação frente ao vivido, possibilita um distanciamento mínimo (necessário) a fim de questionar a inflexibilidade das vivências, da consubstanciação de um destino tomado como implacável e cruel.

A postura socrática firmemente arraigada no “sei que nada sei” se coaduna direta e firmemente com a noção de “conhece a ti mesmo” ou, antes, determine-se a partir de si. A sustentação da primeira premissa socrática se expressa pela recusa em assumir que se esteja opondo a algo (o negar que esteja negando vez que nada sabia), o que redundava em negatividade infinita absoluta (no cerne da noção de ironia). Assim é que, em Sócrates a negatividade se consubstancia enquanto instrumento de negação, no sentido em que a firmeza na sustentação de sua premissa inicial se apresenta como instrumento para distanciar a influência do estado na tomada de decisão, possibilitando um – pequeno que seja – retrocesso a esfera do próprio pensamento, e gerando, assim, uma maior autorresponsabilização pelo devir próprio.

CAPÍTULO 2

Ironia e “Der Witz”: um estudo a partir de Freud.

Neste capítulo busca-se a ampliação do entendimento sobre ironia tendo por foco a compreensão de que alguns aspectos expostos por Freud em “Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente” acerca de outras categorias espirituosas podem ser generalizados para abranger, e entender melhor, também a categoria “representação pelo contrário” em que a ironia se insere. Tomar-se-á do estudo comparativo realizado por Freud entre o processo de produção chistosa e o trabalho dos sonhos a fim de entender melhor a relação existente entre ironia, condensação, deslocamento e elaboração secundária, considerando- quanto a este último processo de construção onírica - a influência da representação pelo oposto para o melhor entendimento sobre a função do inconsciente e da consciência na construção e escuta de uma ironia.

2.1- Ironia e “Der Witz”: considerações terminológicas e categoriais.

Também em Freud é possível encontrar um forte vínculo entre ironia e negação. Vejamos primeiramente como este vínculo se estabelece a partir de um estudo inicial de “Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente” (FREUD, 1905) ³⁶, texto específico de sua obra em que a ironia se insere no âmbito maior de estudo sobre os “*Der Witz*” em vinculação com o desenvolvimento da linguagem, enfocando a função do inconsciente (como indica o nome do texto).

Antes, porém de começar o estudo específico dos “*Der Witz*” freudiano, é necessário que se façam algumas considerações acerca da terminologia sobre o tema, a ser utilizada, em razão de questões envolvendo a tradução do alemão para o português.

Tal como aponta a primeira nota de rodapé do prefácio do Editor de “O Chiste e a sua Relação com o Inconsciente”, a palavra alemã “*Der Witz*” é utilizada, naquela língua, para

³⁶ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

designar tanto a faculdade mental- espirituosismo- quanto o seu produto- espirituosidade e, num caso ou noutro, aplica-se especificamente a uma espécie de dito espirituoso mais refinado e intelectualizado. Ao longo do texto, percebe-se que, a tradução portuguesa “chiste”, presente desde o título, designa uma ampla gama de exemplos que fogem à restrição “mais refinada e intelectualizada” de “*Der Witz*”. Assim é que, onde se pode ler no texto freudiano o termo “chiste”, preferiremos a utilização de seu correlato alemão “*Der Witz*” ou “dito espirituoso” com a finalidade de sermos fiel a intenção freudiana de designar o espirituosismo (ou espirituosidade) mais refinado e intelectualizado. O termo “chiste” é mantido, a despeito, enquanto compondo um trecho de citação, para que se possa respeitar a tradução do texto utilizado como base para a nossa pesquisa.

Ver-se-á que tal refinamento ou intelectualização não diz de um nível de racionalização ou mentalização presente na construção ou escuta do “*Der Witz*”, mas se coaduna com a perspicácia necessária ao emissor do “*Der Witz*” para trilhar e conduzir seu interlocutor ao caminho do sublime, do ato de fala espirituoso que, ao ser lembrado, possibilita o riso à prestação. O refinamento presente num “*Der Witz*” também se vincula grandemente a um nível de agressividade (versus respeito) presente na fala do emissor espirituoso, destinada a seu interlocutor. E isso é de grande importância, vez que a questão do nível de agressividade presente é o que se deve ter em mente para diferenciar as mais variadas modalidades de falas que têm por cerne o uso da ironia, a depender de seus mais variados propósitos. E todo o ensinamento kierkegaardiano, expresso anteriormente, pode muito ensinar sobre isso, por referência comparativa. A diferença do apetite devorador presente na metáfora da bruxa irônica que devora o próprio estômago na metáfora de Kierkegaard (1991, 57) ³⁷ é o que se deve conceber por referência ao se dizer das modalidades de fala em que a ironia se faz presente. A ironia, tanto em Freud como em Kierkegaard, se vincula a uma oposição e, dentre as várias modalidades de falas irônicas, a diferença está no que se pretende combater e no respeito ao que se pretende combater. Daí é que se pode traçar uma reta comparativa que tem em seu limite mais baixo o escárnio e a zombaria grosseira chegando até uma ironia fina, em consonância com a própria noção inerente ao conceito de “*Der Witz*” no alemão. Esclareça-se melhor esta gradação: nesse *crescendum* gradativo tem-se uma diminuição da agressividade, utilizada num propósito simples de denegrir ou desqualificar o ouvinte (tal como na zombaria e no escárnio),

³⁷ KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis. Vozes, 1991.

passando a um respeito maior pelo interlocutor (já presente em um chiste ou jogo de fala espirituoso) até chegar a um uso clínico-analítico da ironia, no que concerne ao sentido irônico presente na acepção do termo alemão “*Der Witz*”, situação em que não há interesse em agredir e em que o respeito atinge seu limite máximo”.



No caso da ironia, tal como neste último sentido, como instrumento a ser utilizado no contexto clínico, prevalece o respeito pelo paciente em estreita consideração à necessidade de tentar orientá-lo a ir contra as suas inflexibilidades e negações.

Diferentemente do papel desempenhado pela ironia socrática, por exemplo, a ironia enquanto instrumentalidade clínica não tem por objetivo a simples retirada de conteúdo, mas sim o possibilitar de um ponto de vista mais crítico pelo paciente em relação a sua própria negação. Tal instrumentalidade exige, por um lado, segurança do terapeuta, que deve estar, tanto quanto possível, imiscuído pela história clínica do paciente, mas com um distanciamento que possibilite a observação dos critérios de análises clínicas psicanalíticas: transferência, contratransferências, resistências, projeções, negações, etc. Por outro lado, a ironia exige a instigação do paciente, para se deixar envolver pela intervenção irônica do terapeuta. Essa instigação se dá pelo refinamento da ironia (com respeito pelo processo do paciente) e pela sustentação, pelo terapeuta na postura de negar que esteja sendo – terapeuticamente- irônico. Com auxílio da metáfora kierkegaardiana (nossa conhecida), se constitui numa tentativa de fazer com que o paciente muitas vezes não se atenha a figura das árvores e possa, com um auxílio terapêutico irônico, ver o Napoleão entre elas, confrontando

o próprio fantasiar e “vislumbrando” maior parcela da realidade. Por este processo, de forma similar à proposta socrática imbuída no “conhece-te a ti mesmo”, a terapia passa a ser instrumento deste movimento que leva a uma maior autorresponsabilização, vez que, por motivos óbvios, não pode interferir na realidade vivida pelo paciente, no seu contexto doméstico ou de trabalho, nas atitudes advindas das pessoas com quem ele convive.

Feito o adendo, continuemos nosso estudo considerando que, em o “‘*Der Witz*’ e a sua Relação com o Inconsciente”, pouco é dito por Freud especificamente acerca da ironia, praticamente apenas um parágrafo em todo o livro. O trecho começa por localizar a ironia em relação a outros aspectos que tangenciam o tema e segue descrevendo o entendimento de Freud sobre ironia. Este primeiro trecho será transcrito a fim de esclarecer o caminho a ser percorrido adiante.

Pode ser que a representação pelo oposto agradeça o favor de que desfruta ao fato de constituir o núcleo de uma outra gratificante forma de expressão de um pensamento, a qual pode ser entendida sem qualquer necessidade de remissão ao inconsciente. Refiro-me à ironia, muito próxima do chiste (ver em [1]) e contada entre as subespécies do cômico. (FREUD, 1905, p. 164)
38

A ironia é, então, concebida como muito próxima ao “*Der Witz*”, que tem por cerne constitutivo a representação pelo oposto e representa também um subtipo do cômico. Sigamos então um direcionamento que contemple estes aspectos. Partamos do entendimento amplo das características gerais dos “*Der Witz*” a fim de afunilarmos para o entendimento da categoria “representação pelo contrário” e, então, chegarmos às especificidades concernentes à ironia. Ao percorrer este caminho, será possível perceber que o entendimento sobre ironia se amplia na medida em que se conhecem melhor os meandros psíquicos que subjazem à produção espirituosa. E isto também porque, a despeito da diferenciação entre ironia e “*Der Witz*” presente na citação acima, ver-se-á que há muito de ironia imiscuída nos exemplos utilizados por Freud para explicar “*Der Witz*” referentes a outras categorias que não a “representação pelo contrário”.

Freud começa o seu estudo estruturando uma categorização dos numerosos exemplos de “*Der Witz*” colhidos por ele ao longo de muitos anos. Ao fazê-lo, também nos apresenta importante contribuição para a compreensão dos processos psíquicos na base tanto da produção quanto da escuta de um “*Der Witz*”.

³⁸ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

No contexto, a ironia consiste numa técnica caracterizada, em seu cerne, pela “Representação pelo Contrário” uma das categorias freudianas em que se subdividem os “*Der Witz*”. Mas esta categorização da ironia (como “representação pelo contrário/oposto”) encontra-se espalhada ao longo do texto (sempre relacionada também aos ditos chistes céticos ou cínicos), mas não se encontra no esquema orientador que Freud apresenta para sistematizar o entendimento de suas divisões. A menção ao termo se dá pela primeira vez quando diz: “A única técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário.” (Freud, 1905, p.76)³⁹.

Apesar desta categorização não conter referência direta à “representação pelo contrário”, é importante que seja apresentada a fim de localizar melhor o objeto de interesse maior desta dissertação, num âmbito mais amplo:

I - Condensação:

- (a) com formação de palavra composta;
- (b) com modificação.

II - Múltiplo uso do mesmo material:

- (c) como um todo e suas partes;
- (d) em ordem diferente;
- (e) com leve modificação;
- (f) com sentido pleno e sentido esvaziado.

III - Duplo sentido:

- (g) significado como um nome e como uma coisa;
- (h) significados metafóricos e literal;
- (i) duplo sentido propriamente dito (jogo de palavras);
- (j) double entendre (duplo sentido);
- (k) duplo sentido com uma alusão. (FREUD, 1905, p. 48)⁴⁰ (grifo em razão de acréscimo nosso).

Assim é que é possível perceber que apesar de Freud se referir por muitas vezes à “representação pelo contrário”, ela não consta dessa sua categorização inicial feita como forma de organizar os grupos de “*Der Witz*” apresentados até então.

Tzvetan Todorov, em seu livro “Teorias do Símbolo” (1939)⁴¹, no capítulo 8, intitulado “A Retórica de Freud”, nos apresenta uma série de importantes contribuições acerca de “‘*Der Witz*’ e a sua Relação com o Inconsciente”. Contribuições que redundam em críticas construtivas, uma delas concernente a esta categorização freudiana em epígrafe. A partir da diferenciação mais moderna estabelecida entre classe e categoria- aquela restringindo agrupamento por critérios excludentes e esta por critérios não excludentes-

³⁹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁴⁰ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁴¹ Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

Todorov (1939, 311-313)⁴², se utiliza, metodicamente, de exemplos contidos no texto freudiano a fim de demonstrar que a diferenciação de grupos de “*Der Witz*” tal como proposta por Freud se constitui mais em uma categorização do que numa classificação. Assim:

Ao longo de todo capítulo ‘Técnica do Chiste’, Freud dá a impressão de descrever classes de chistes; ora, sua descrição é aceitável em bloco somente quando se trata de categorias, que, no entanto, não formam classes mutuamente exclusivas. (Todorov, 1939, p.311)⁴³.

A fim de demonstrar sua afirmação, Todorov (1939, 311/312)⁴⁴ cita a comparação entre dois exemplos utilizados por Freud que têm por cerne a utilização das palavras “*cartaginoiserie*” e “*dichterits*”. Expliquemos melhor estes “*Der Witz*” a fim de entender a crítica de Todorov.

O primeiro exemplo advém do contexto em que Sante Beuve critica cenas de uma novela escrita por Flaubert. N texto freudiano é escrito: “Depois que Flaubert publicou sua celebrada novela Salammbô, Sainte Beuve qualificou **ironicamente** a cena que se passava na antiga Cartago, a despeito de sua detalhada elaboração, como sendo “*Carthaginoiserie*” (1905, p. 30)⁴⁵. Esta última como sendo uma palavra francesa advinda da junção de “*carthaginois*” (referente a Cartago) e “*Chinoiserie*” (referente a chinesice com um sentido de insignificância, bobagem), podendo então ser traduzida por “cartaginês”. O uso da palavra se dá então pela observação de grande quantidade de detalhes na cena que redundam em uma bobagem cartaginense em alusão aos conhecidos mercados da antiga Cartago (correspondente à Tunísia na atualidade), local em que se vendem toda espécie de miudezas e quinquilharias, tal como é também comum em muitos mercados chineses. Este é um “*Der Witz*” utilizado por Freud para exemplificação da técnica de “condensação com palavras compostas”, que, de acordo com a análise lingüística de Todorov, se dá segundo um princípio morfológico.

O segundo exemplo diz respeito à utilização da palavra “*Dichteritis*” advinda da junção de “*Diphtheritis*” (difteria) e “*Dischter* (poetas), que compara o perigo das epidemias de difteria com o das manifestações de poetas sem inspiração. Tal exemplo se enquadra na

⁴² Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

⁴³ Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

⁴⁴ Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

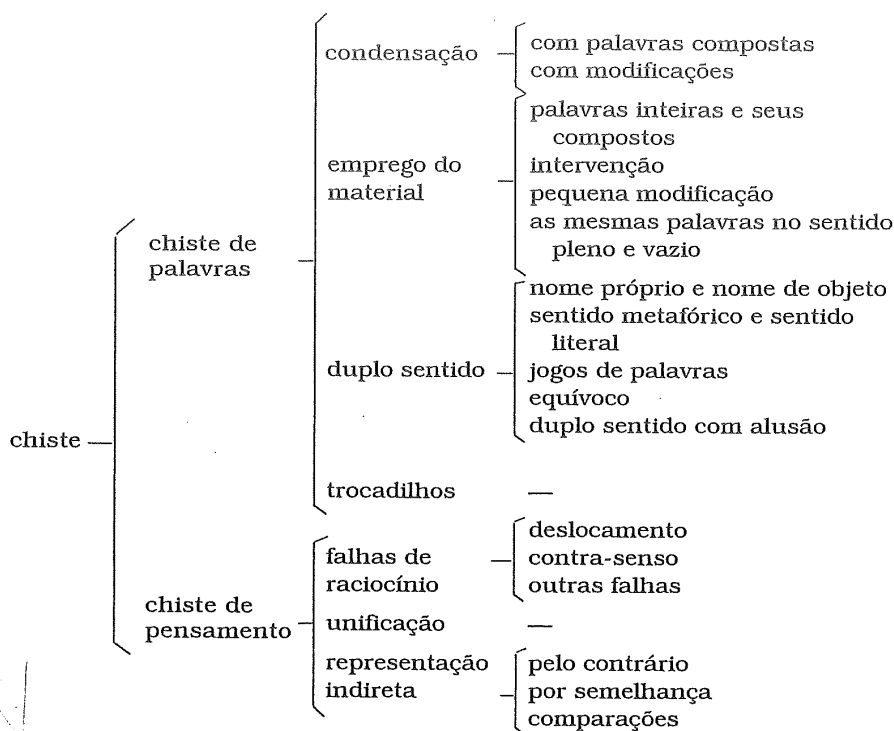
⁴⁵ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

obra freudiana como modelo de “alusão por semelhança”, constituinte da categoria maior denominada “representação por semelhança” e, nesse caso, segundo Todorov, tem por base comparativa não um princípio morfológico, mas sim um princípio semântico.

Por esta demonstração é que o crítico de Freud conclui que:

Freud simplesmente manteve um dos exemplos para ilustrar o procedimento morfológico e outro para mostrar o procedimento semântico. Trata-se de dois procedimentos (duas categorias) diferentes, e não de duas classes exclusivas. Ocorre o mesmo com muitos “grupos” de chistes e, às vezes o próprio Freud se dá conta disso (um chiste do grupo unificação não deixa de comportar uma alusão, ou mesmo a condensação...; cf. também o reaparecimento desconcertante do mesmo exemplo em vários grupos, por exemplo, PP.47 e 58). (TODOROV, 1939, p. 312)⁴⁶.

Dessa forma é que Todorov apresenta a proposta de outro quadro categorial, que se propõe mais condizente com as divisões estabelecidas por Freud ao longo de todo “O Chiste e a sua Relação com o Inconsciente” (e que, concordamos, de fato o é):



(TODOROV, 1939, p. 313)⁴⁷.

⁴⁶ Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

⁴⁷ Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

Com o propósito de demonstrar que sua categorização se mostra mais em conformidade com as divisões categorias estabelecidas por Freud ao longo de todo o texto, Todorov acrescenta logo em seguida à apresentação de seu esquema:

Esse quadro nunca aparece integralmente no livro de Freud, mas suas partes são identificáveis nas pgs. 59, 86 (onde deslocamento e o contra-senso são descritos como falhas de raciocínio) e 166 ('Falhas de raciocínio - Unificação- Representação indireta seriam, portanto as rubricas fundamentais às quais se reportariam as técnicas, já nossas conhecidas do chiste de pensamento'). (Todorov, 1939, p. 313)⁴⁸.

O argumento de Todorov pode ser facilmente constatado pela leitura das páginas indicadas. Mas, por entender clara a necessidade de flexibilizarmos, como Todorov, as categorizações/classificações freudianas também no que respeita à ironia, retornemos à consideração de um exemplo utilizado para a categorização por critério morfológico (o que envolve o uso da palavra "*Cartaginoisirie*"), já constante do texto. Assim será feito por considerar que a discussão de tal exemplo nos será útil para compreender que há muito do entendimento freudiano acerca da ironia espalhado ao longo de explicações referentes a vários exemplos utilizados por Freud a fim de esclarecer outras categorias espirituosas, que não à "representação pelo contrário".

Dessa maneira é que, na tradução do próprio texto que explica o "*Der Witz*" (como integralmente citado poucas linhas acima), é dito que Freud faz referência ao fato que ele foi expresso de maneira irônica ("Sainte Beuve qualificou **ironicamente** a cena que se passava na antiga Cartago"). Mas esta afirmação literal de que a cena constituidora do contexto de formação do "*Der Witz*" fora qualificada ironicamente é de grande importância para a tese de que podemos generalizar alguns entendimentos de Freud acerca de outras categorias chistosas para abranger, e entender melhor, também a categoria "representação pelo contrário". Assim é que se deve aqui considerar a tradução do comentário deste exemplo em específico. O trecho no alemão é o seguinte:

"Als Flaubert seinen berühmten Roman *Salammbô*, der im alten Kartago spielt, veröffentlicht hatte, verspottete ihn Sainte-Beuve als *Cathaginoiserie* wegen seiner peinlichen Detailmalerei"

⁴⁸ Todorov, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

A palavra “*verspottete*” foi pesquisada mais pormenorizadamente por servir de base para a tradução feita para o português “qualificou ironicamente”. Ela pode ser traduzida por “brincar com (no sentido de jogar), caçoar, criticar ou ironizar”. E todas estas palavras têm significados semânticos que se aproximam da noção de ironia. Primeiro tem-se que a ironia se dá por meio de jogos de linguagem que exigem da perspicácia do jogador. Segundo porque a utilização mais agressiva da ironia redundava em um “caçoar”. Finalmente tem-se que a ironia se destina, em seu bojo, a uma crítica, uma oposição. Assim é que concordamos com a tradução do comentário do “*Der Witz*” que considera que Freud teria afirmado que Saint-Beuve qualificou ironicamente (como *cartaginoisirie*) a cena que se passava na antiga Cartago.

Por esta razão é que se considera que apesar de o exemplo ter sido localizado no texto freudiano para demonstrar a categoria espirituosa “condensação com formação de palavra composta” (item “a” do esquema freudiano), este também se trata de um exemplo de “representação pelo contrário”, pois também se refere a uma ironia. Legitimamo-nos a considerar que algumas explicações proferidas por Freud acerca de outras categorias de “*Der Witz*” podem ser também transpostas para o entendimento da ironia, que muito dos entendimentos expostos por Freud que concernem aos “*Der Witz*” também se referem a aspectos importantes para o entendimento da ironia.

Mas onde a ironia, neste exemplo específico? O termo “ironicamente” se dá exatamente porque Sainte - Beuve expressa sua consideração de que a cena se trata de uma bobagem cartaginense, através da simulação de um “erro” de linguagem pela enunciação de um “substituto condensado”, como se verá, e a ironia se estabelece justamente porque ele se atém à hipótese de erro involuntário, negando sua postura de oposição (sua negação). Em muitos outros exemplos também tem-se a sustentação de uma postura em que o enunciador nega que esteja mantendo uma postura de oposição a algo (negando uma oposição/negação).

Mas esse entendimento se vincula também à necessidade de se entender melhor a ironia do ponto de vista do que a vincula aos “*Der Witz*” tal como expressos no grandioso estudo freudiano.

2.2- Ironia e suas Vinculações com os “Der Witz” e os Sonhos.

A primeira etapa do texto freudiano é toda permeada de exemplos espirituosos compostos pelo uso de palavras condensadas. A fim de demonstrar o que Freud denomina condensação, nesse contexto, apresenta-se o primeiro exemplo constante do livro:

Na parte de seu Reisebilder intitulada ‘die Bäder von Lucca [Os Banhos de Lucca]’ Heine introduz a deliciosa figura do agente de loteria e calista hamburguês, Hirsch-Hyacinth, que se jacta ao poeta de suas relações com o rico Barão Rothschild, dizendo finalmente: ‘E tão certo como Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual - bastante ‘familiarmente’. (FREUD, 1905, p. 25)⁴⁹.

Familiarmente é palavra que traz em si o sentido de duas outras que lhe deram origem: “familiar” e “milionar” (relativo a milionário). Condensa em si o sentido de que Hyacinth fora tratado de maneira familiar, mas tanto quanto isto é possível a um milionário (como Rothschild).

Mas este é apenas o primeiro de muitos outros exemplos citados, envolvendo o mesmo tipo de técnica de condensação, que se dá pela união de palavras com leves modificações ou supressões para a formação de substitutos “condensados” (caracterizando o que Freud denomina de “’Der Witz’ verbais” ou “de palavras”). Após, ele então passa à categoria de “Der Witz” em que ocorre de uma palavra unificar em si outros sentidos dados agora pelo contexto da frase (critério lógico para a constituição do que denomina “’Der Witz’ conceptuais” ou “de pensamento”).

Um bom exemplar para demonstrar este outro processo de construção espirituosa é o de um “Der Witz” proferido por Herr N sobre um escritor afamado e ruivo que escrevia tediosamente sobre episódios envolvendo as relações estabelecidas por Napoleão Bonaparte. Em vista a uma menção ao nome do escritor, indaga então Herr N.: “Esse não é aquele Roter Fadian que se estende pela história dos Napoleônidas?”

“Roter Fadian” é termo traduzido por “fio escarlate” e constitui:

[...]elemento de constante recorrência temática nas histórias que pode ter despertado em Herr N. a leve recordação de uma conhecida passagem de

⁴⁹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

Wahlverwandtschaften, em geral citada erradamente: ‘estende-se como se fora um roter Faden [fio escarlate].(FREUD, 1905, p. 33)⁵⁰.

“Rot” isoladamente significa vermelho, aludindo ao cabelo do escritor e “Faden” significa fio, mas é composto pela partícula “fad” que significa estúpido. Assim a fala de Herr N poderia ser substituída por um “Este não é aquele escritor ruivo que escreve enfadonhamente coisas estúpidas sobre Napoleão?”

Freud descreve outros ditos espirituosos em que uma palavra concentra em si um sentido amplo do que é apreensível pelo contexto da frase. O faz, por exemplo, lançando mão de “*Der Witz*” embasados nas palavras Rousseau (roux et sot,) e Antigone (antik? On nee,). No primeiro exemplo a palavra é utilizada para condensar o entendimento de que o personagem alvo é ruivo (roux) e estúpido (sot) e o segundo exemplo para designar que a apresentação da peça teatral “Antígona” não se deu com caracterização de época, tal como era a expectativa do público. Os entendimentos expostos o levam então, a se questionar, nesse ponto da obra, pela validade do entendimento de que a condensação seja um processo psíquico cujo valor na formação espirituosa possa ser estendido a todas as construções. Resolve a questão da seguinte maneira:

A condensação e, portanto, a economia, está inequivocamente presente nesses exemplos. Mas ela deve estar presente em todos os exemplos. Onde se esconde a economia em chistes tais como ‘Rousseau - roux et sot’ ou ‘Antigone - Antik? oh nee’ , nos quais notamos primeiramente a ausência de condensação, constituindo-se assim em nosso principal motivo para postular a técnica do uso repetido do mesmo material? É verdade que não podemos constatar aqui a ocorrência de condensação; mas se em vez disso usarmos o conceito mais inclusivo de economia, podemos consegui-lo sem dificuldade. É fácil indicar o que economizamos nos casos de Rousseau, Antigone etc. Economizamos a expressão de crítica ou a formalização do juízo: ambos já existem no próprio nome. (FREUD, 1905, p. 49)⁵¹.

A partir deste momento do texto a palavra condensação é utilizada ora no seu sentido mais restrito (no âmbito tanto dos “*Der Witz*” de palavra como nos de pensamento), ora no seu sentido ampliado, próximo à noção de economia. Segundo Freud esta economia psíquica é expressa em termos de construção de linguagem, na brevidade característica dos “*Der Witz*”. Para ele:

[...]a brevidade dos chistes, como a dos sonhos, seria uma necessidade concomitante das condensações que ocorrem em ambos - sendo nos dois casos uma conseqüência do processo da condensação. Essa origem explicaria também o caráter especial da brevidade dos chistes que não pode

⁵⁰ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁵¹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

ser ulteriormente definida, mas que é sentida como surpreendente. (FREUD, 1905, p. 159)⁵².

Mas aqui se deve considerar também o caráter condensatório da ironia, a linguagem telegráfica que a caracteriza. Como visto, a condensação é fenômeno psíquico, que, tal como exemplificado por Freud, está presente tanto nos “*Der Witz*” em que uma palavra com leves modificações ou supressões, é utilizada para a formação de substitutos “condensados” (como em *Familionária*), quanto nos “*Der Witz*” em que uma palavra concentra em si um sentido amplo que é apreensível pelo contexto da frase (como em “*Roter Fadian*”). Mas nos dois exemplos, como em outros, o que se tem é a “condensação” de idéias diferentes, mas não díspares ou contraditórias (ou contrárias). Assim é que é possível dizer que o nível de condensação na ironia é ainda maior, vez que contém, em si, a junção de idéias, não somente diferentes ou díspares, mas contrárias, contraditórias. A ironia contém em si uma noção e, simultaneamente, o seu oposto; ela gera a necessidade de uma atenção pontual ampliada em razão de demandar do ouvinte a necessidade de se pensar sobre uma afirmação e seu contraponto negativo num mesmo instante, residindo também aí o caráter fascinador da ironia.

Na citação anterior tem-se um vislumbre do direcionamento tomado por Freud no desenvolvimento de seu texto. Assim é que, após realizar profundo estudo a fim de comprovar a “economia” característica de todos os “*Der Witz*” citados, ele continua a traçar importante comparação entre o processo de construção espirituosa e o processo de elaboração onírica. No início do traçado desta comparação, ele adiante que:

Os interessantes processos de condensação acompanhados de formação de substitutivo, reconhecidos como o núcleo da técnica dos chistes verbais, apontam para a formação dos sonhos, em cujo mecanismo tem-se descoberto os mesmos processos psíquicos. Isso vale igualmente, entretanto, para as técnicas de chistes conceptuais. (FREUD, 1905, p.89)⁵³.

Outros aspectos constitutivos dos ditos espirituosos também são expressos como estando no cerne do trabalho de elaboração onírica, de transformação de conteúdos oníricos latentes em conteúdos manifestos expressos no sonho, tais quais relatados pelo sonhador. Freud se utiliza do termo “trabalho do sonho” para designar o trabalho psíquico que subjaz a esta transformação (de conteúdos latentes em conteúdos expressos) e utiliza o termo

⁵² Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁵³ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

“trabalho de análise” para designar o trabalho feito pela psicanálise (em consultório) de desvendar o conteúdo latente que subjaz ao conteúdo expresso no sonho, perfazendo exatamente o caminho inverso ao “trabalho do sonho”, com utilização das técnicas psicanalíticas centrais (de associação livre, análise da resistência e, num momento posterior da obra freudiana, análise da transferência).

A comparação entre os “*Der Witz*” e os sonhos se amplia ainda mais quando da discussão sobre os mecanismos de prazer e a psicogênese dos ditos espirituosos. Por este motivo é que se faz importante dirigir para alguns aspectos constituidores do “trabalho do sonho”, tal como expressos em “A Interpretação dos Sonhos” (1900)⁵⁴. Ver-se-á que, vinculada à noção ampla de economia psíquica, também é possível aprofundar na compreensão do funcionamento psíquico comum tanto aos sintomas neuróticos (nesse momento, os histéricos mais especificamente), quanto ao funcionamento psíquico no cerne do comportamento dito “normal”.

Freud passa boa parte do texto de “A Interpretação dos Sonhos” (1900)⁵⁵, demonstrando argumentos no sentido de confirmar sua tese central de que: [...] o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalcado) (1900, p. 193)⁵⁶. Em relação a esta tese central podemos contar com a colaboração de Francisco Martins quando nos ensina que ela deveria ser traduzida, à melhor, como sendo “O sonho é a consecução de um voto” (Martins, prelo)⁵⁷ tendo por consideração a noção de que o sonho possibilita, sim, uma consecução de cunho “real”, prático, com diminuição excitatória. Explica, ainda, que o que obtém consecução no sonho é um voto, que implica o “querer” presentificado no momento da elaboração onírica, mas que se constitui num devotamento formulado preteritamente, pela apreensão de vivências investidas psiquicamente. A noção de consecução de voto para traduzir a tese freudiana se coaduna melhor com o pensamento freudiano vez que o termo utilizado, no alemão, é o “Wunsch” que implica um querer atualizado no momento presente e não um desejo subjuntivado (referente ao modo verbal subjuntivo/optativo) para o qual nos remete a idéia de “*desiderata*” latina (no cerne na noção de desejo no português). Confirma essa consideração, junto com Martins, um trecho de “O Chiste e a sua Relação com o Inconsciente” em que é dito:

⁵⁴ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁵⁵ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁵⁶ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁵⁷ Texto: “Wunsch Erfüllung de Freud: o sonho é a realização de um desejo”, disponível para acesso no site de internet de endereço “www.franmarpsi.com”

A elaboração onírica [...] submete o material dos pensamentos, apresentados no modo optativo, a mais estranha das revisões. Primeiro, passa do optativo ao presente do indicativo; substitui o ‘Oh! se ao menos...’ pelo ‘É’.
(FREUD, 1905, p.154)⁵⁸.

Muitos sonhos são descritos e interpretados à exaustão para corroborar argumentativamente com essa tese central, mas, para o intento de não fugir ao tema que é de interesse no momento, ter-se-á por foco a parte final de sua concatenação (mais especificamente a partir da página 594 do seu livro) em que ele esmiúça pormenorizadamente a relação existente entre o trabalho dos sonhos e a constituição dos sintomas histéricos tendo por fio condutor o entendimento dinâmico dos vários caminhos a serem percorridos pelos investimentos psíquicos e, por fim, estabelece tais processos como na base, mesma, do funcionamento psíquico dito normal.

Freud ressalta a importância do funcionamento psíquico permeado por um movimento contínuo relacional entre inconsciente e pré-consciente (presente no trabalho do sonho) que subjaz à consciência, deixando bem clara sua perspectiva psicodinâmica do “aparelho de alma”. Para ele a base de tal relação se estabelece em razão de investimentos energéticos (pulsionais num segundo momento de sua teoria) em que representações-meta imbuem de energia (quantidade de excitação/ pulsão) uma ampla rede conectada por vias associativas, sem necessariamente irromper na consciência, mas ainda assim, formando uma base de fomento para a transformação de pensamentos oníricos (conteúdo latente do sonho) em sonhos propriamente ditos (conteúdo manifesto do sonho), bem como para a estruturação de sintomas neuróticos. Segundo Freud, a distribuição da energia psíquica conectada a representações-meta se dá em concordância com alguns processos característicos do funcionamento inconsciente.

Para ele uma cadeia associativa de representações, investidas a partir de uma representação-meta, pode simplesmente se esvanecer na mesma medida em que o investimento inicial se transforma num investimento aquiescente (que passa a não infringir importância a ponto de possibilitar a constituição de um sonho ou sintoma, por exemplo). De outra feita, representações ditas suprimidas ou repudiadas podem ser investidas por outras cadeias associativas representacionais também sem grande importância e passarem, com tal acúmulo de energia, a serem escoadouros de desejos inconscientes à espreita de expressão. Segundo Freud isso se daria pela própria preferência estabelecida pelo funcionamento

⁵⁸ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

inconsciente de priorizar, em seus investimentos, representações ainda não tão investidas de importância pelo sistema psíquico geral. Numa outra opção, seguindo a mesma dinâmica configuratória da possibilidade anterior, é possível que a conexão entre uma cadeia de pensamento pré-consciente e um desejo inconsciente já existisse à priori e, por esta mesma razão, tenha sido “negligenciada” pela cadeia associativa fomentada por uma representação-meta.

A negligência de investimento pulsional em representações que redundariam em expressão de aspectos inconscientes centrais para a economia psíquica é sinal de que, também a nível inconsciente, a organização psíquica se estabelece de forma funcional. A dinâmica do “aparelho de alma” por Freud, tal como estabelecida desde “A interpretação dos Sonhos”, nos demonstra que a funcionalidade também é fator psíquico que permeia e sustenta a estruturação psíquica desde o inconsciente, norteando a configuração econômica em se estabelecer. E é assim que se pode perceber o trabalho dos sonhos como inserido no contexto funcional de possibilitar a “consecução de um voto”: em estreito vínculo com a concepção psicodinâmica e econômica do “aparelho de alma” freudiano.

O trabalho do sonho é composto de quatro importantes processos psíquicos: A condensação, o deslocamento, a representabilidade e a elaboração secundária. Abordemos cada um deles estabelecendo as vinculações possíveis com a ironia.

No que tange à condensação, Freud afirma (1900, p. 305)⁵⁹ que a transcrição de um sonho (conteúdo manifesto) ocuparia uma quantidade surpreendentemente menor do que a descrição dos pormenores que compõem a interpretação dos pensamentos oníricos (conteúdo latente). Para ele, essa ampliação (do latente ao manifesto) se dá em razão de uma sobre-determinação de elementos do sonho que se referem, por contigüidade, a uma ampla rede de significações representadas pelo que se pode chamar de elementos sintéticos, que sintetizam em si a possibilidade de fazer constar do sonho representações metas advindas de diferentes redes associativas, mas todas conectadas à consecução (com “diminuição excitatória”) de desejos inconscientes.

O deslocamento se refere à formação de “representações intermediárias” e se constitui em transferência de investimento energético (pulsional) de uma para outra representação, menos comprometida do ponto de vista da funcionalidade inconsciente. Freud nos enfatiza

⁵⁹ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

a importância das frouxas relações entre os elementos constitutivos de “transferências” de intensidades por deslocamento. Em suas palavras:

Para que seja possível aos pensamentos oníricos serem representados em forma sensorial, sua expressão deve sofrer modificações abrangentes: o processo que denominei ‘deslocamento no sonho’. Este é demonstrado pelo fato de que as coisas que estão situadas na periferia dos pensamentos oníricos, e que são de importância menor, passam a ocupar uma posição central, aparecendo com grande intensidade sensorial no sonho manifesto, e vice-versa. (FREUD, 1905, p.155) ⁶⁰.

Segundo ele, são relações estabelecidas de forma a serem desdenhadas pelo pensamento de vigília, sem pontos lógicos de conexões relacionais, relações estabelecidas, não raramente, com o auxílio de sentidos duplos possibilitados pela multiplicidade de significados de uma mesma palavra, ou pelo uso de conexões lingüísticas comuns a duas cadeias associativas distintas. Para Freud, essas relações estabelecidas em razão de transferências de investimentos pulsionais por deslocamento são semelhantes às que estruturam as formações espirituosas. E isto porque “nada distingue os ‘Der Witz’ mais nitidamente de todas as outras estruturas psíquicas do que essa bilateralidade e essa duplicidade verbal” (Freud, 1905, p.162) ⁶¹.

A consequência das condensações e deslocamentos na constituição de representações intermediárias... “é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente”. (Freud, 1900, p. 333) ⁶².

Antes de esclarecer os outros dois processos constitutivos do trabalho dos sonhos, de modo semelhante ao que realizamos em relação à vinculação entre condensação e ironia, também devemos considerar a forma como o deslocamento se configura quando da formação espirituosa envolvendo a intencionalidade irônica. Para tanto, pode-se utilizar os mesmos elementos conceituais dispostos por Kierkegaard quando esclarece que o que caracteriza a ironia é que o fenômeno é o oposto da essência, ou que o que é dito é o contrário do que se pensa. Uma enunciação direta, não irônica (advinda de uma liberdade positiva) e verdadeira implica a correspondência entre o fenômeno e a essência, o dito e o pensado. O que ocorre com a ironia é a presença de necessariamente duas díades de fenômeno/essência (ou

⁶⁰ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

⁶¹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁶²Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

dito/pensado) que são diametralmente opostas e que têm seus pares correspondentes trocados (transferidos). Assim é que, tendo-se duas enunciações opostas, o fenômeno (ou o que é dito) na enunciação primeira corresponde à essência (ao que é pensado) na enunciação segunda. Considerem-se, para fins de exemplificação, duas enunciações simples. A primeira é dita no contexto em que A gosta de B (essência) e diz “Eu gosto de você” (fenômeno). A segunda é dita no contexto em que A não gosta de B (essência) e diz: “Eu não gosto de você”. A situação irônica implica a troca das díades e pode ocorrer em duas situações. A primeira quando A gosta de B (essência) e diz: “Eu não gosto de você” de forma a fazer com que B entenda (por trejeitos, entoações, gestos etc.) que o dito (fenômeno) é o contrário do que se pensa (essência). Outra enunciação irônica seria expressa se A, em não gostando de B (essência) dissesse a B: “Eu gosto de você”, dando a entender a B (pelos mesmos instrumentos) que o dito não corresponde à verdade. Ou seja, na ironia, tem-se que o fenômeno é vinculado, por deslocamento extremo, a uma essência oposta (não apenas diferente).

O terceiro processo constitutivo do trabalho dos sonhos é a representabilidade. Ela se refere à constituição das imagens oníricas a partir dos conteúdos representacionais no cerne do desejo onírico a ser realizado (consubstanciado) pelo sonho. Pela representabilidade “[...] dá-se aos pensamentos oníricos um caráter pictorial; eventualmente, chega-se a uma situação plástica que é o núcleo do manifesto ‘quadro onírico’” (Freud, 1905, p.154)⁶³.

Por fim, há a elaboração secundária, que é o processo psíquico final no trabalho do sonho que tem por intuito tornar o sonho inteligível, visando sua expressão final onírica. A elaboração secundária é que fornece uma trama seqüenciada onde os elementos constitutivos do sonho se integram e relacionam a fim de construir uma configuração onírica com historicidade minimamente inteligível. Freud chama a atenção para o fato de este ser o processo psíquico constitutivo do trabalho do sonho que se localiza mais próximo à esfera da consciência, pois que ocorre com o auxílio do pensamento, a despeito do fato de tais pensamentos, não raramente, serem visivelmente contraditórios. E isto porque a elaboração secundária é, mesmo, caracterizada em seu cerne, pela contradição, pela coexistência de elementos de uma mesma cadeia associativa, sem muito esforço de se anularem uns aos outros para fins de uma composição lógica.

⁶³ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Como complementação, para além do paralelo estabelecido entre “trabalho dos sonhos” e produção espirituosa, pode-se perceber, na “Interpretação dos Sonhos” (1900), o quanto que esses quatro processos constitutivos do trabalho dos sonhos, ora referidos, também estão presentes na estruturação de sintomas histéricos. Ele formula que, nessa estruturação, pensamentos normais foram submetidos a um tratamento anormal: “foram transformados no sintoma por meio da condensação e da formação de compromisso, através de associações superficiais e de descaso pelas contradições, e também, possivelmente, pela via da regressão” (Freud, 1900, p.624) ⁶⁴. E isto só ocorre, uma cadeia de pensamento normal só é submetida a um tratamento anormal “quando um desejo inconsciente, derivado da infância e em estado de recalçamento se transfere para ela” [para a cadeia de pensamentos normal] (Freud, 1900, p. 624) ⁶⁵.

Dessa maneira é que, por demonstração, é possível observar o quanto os fenômenos de elaboração onírica, sintomas histéricos e construções espirituosas têm por motor processos psíquicos semelhantes. O mesmo pode ser dito a respeito dos comportamentos psíquicos ditos “normais”, que são descritos por Freud por meio de comparações em que são expostas muitas semelhanças e poucas diferenças com os processos psíquicos que subjazem ao “trabalho do sonho”. Tais comparações se dão mais em termos quantitativo (inerente à própria noção de economia psíquica) do que qualitativo, coerentemente com o entendimento confirmado por Freud em “Tipos de Desencadeamento da Neurose” (1912) ⁶⁶, em que considera que:

A importância na causação de doenças que deve ser atribuída à quantidade de libido acha-se em concordância satisfatória com duas teses principais da teoria das neuroses a que a psicanálise nos levou; em primeiro lugar, a tese de que as neuroses derivam do conflito entre ego e a libido e, em segundo, a descoberta de que não existe distinção qualitativa entre as determinantes da saúde e as da neurose, e que, pelo contrário, as pessoas sadias têm de avir-se com as mesmas tarefas de dominação de sua libido- simplesmente saíram-se melhor nelas. (FREUD, 1912, p.254) ⁶⁷.

⁶⁴ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁶⁵ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁶⁶ Freud, S. (1912/1969). *Tipos de Desencadeamento da Neurose*. ESB, XII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁶⁷ Freud, S. (1912/1969). *Tipos de Desencadeamento da Neurose*. ESB, XII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

2.3- O Propósito da Representação pelo Oposto e da Ironia

A “representação pelo oposto” (tão presente na elaboração secundária, como dito) é fenômeno central tanto na teorização freudiana dos sonhos quanto em sua teorização sobre a estruturação dos “*Der Witz*”. Segundo Freud:

Os sonhos não são simplesmente favoráveis à representação de dois contrários pela mesma e única estrutura composta, mas tão freqüentemente mudam parte dos pensamentos oníricos em seus opostos, que isso leva o trabalho de interpretação a grandes dificuldades. ‘Não há maneira de decidir à primeira vista se algum elemento que admite um contrário está presente nos pensamentos oníricos como um positivo ou como um negativo.’ (FREUD, 1905, p.164) ⁶⁸.

Mas aqui uma pequena diferenciação entre a “representação pelo oposto” tal qual expressa por Freud no que concerne aos sonhos e a “representação pelo oposto” enquanto categoria espirituosa (na estruturação de um “*Der Witz*”).

Quanto aos sonhos, a representação pelo oposto se dá pela utilização de duas esferas psíquicas distintas, uma em que a idéia/representação se constituiu, referente ao conteúdo latente do sonho (mais próxima da inconsciência), e outra que diz da expressão onírica do oposto de tal ideia- um negativo- após todo o “trabalho do sonho” realizado, conteúdo manifesto (esfera psíquica mais próxima da consciência). A dificuldade posta pela “representação pelo oposto”, no que se refere aos sonhos se dá em razão da necessidade de se descobrir se o conteúdo manifesto do sonho possui identidade com a representação desejosa anterior ao trabalho do sonho ou se diz mesmo do seu exato contrário.

Quanto à “representação pelo oposto”, categoria espirituosa, a ideia e o seu oposto são expressos conjuntamente, tendo por foco não mais a necessidade de se haver com um censor interno rígido (atuante na necessidade de composição do sonho pelo trabalho do sonho), mas com a necessidade da utilização perspicaz de um instrumento de linguagem que permita um questionamento sobre os dois opostos expressos, com oposição óbvia em relação ao conteúdo manifesto. Daí é que o cerne da “representação pelo oposto”, no contexto da produção espirituosa, é mesmo o que caracteriza a ironia: o dizer o contrário do que se pensa, deixando clara a contradição entre o dito e o pensado, a fim de se opor (negar) a algo. Sobre a ironia, Freud declara:

⁶⁸ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

Sua essência consiste em dizer o contrário do que se pretende comunicar a outra pessoa, mas poupando a esta uma réplica contraditória fazendo-lhe entender - pelo tom de voz, por algum gesto simultâneo, ou (onde a escrita está envolvida) por algumas pequenas indicações estilísticas - que se quer dizer o contrário do que se diz. (FREUD, 1905, p. 164)⁶⁹.

Diferentemente dos sonhos, na produção irônica a ideia e o seu oposto se apresentam conjuntamente pelo uso perspicaz, intencional e proposital da consciência, diz de uma apreensão tão ampla quanto possível das possibilidades expressivas dadas pelo contexto, considerado ao máximo.

Para clarear o argumentado, nos legitimamos a transportar para este texto um longo exemplo de “representação pelo oposto”, contido no texto freudiano.

O exemplo seguinte é um excelente chiste de ‘exageração’, em que se pode facilmente reconstruir a representação pelo oposto:

‘O rei condescendeu em visitar uma clínica cirúrgica, lá deparando com um professor que executava a amputação de uma perna. Acompanhou todos os estágios com altas expressões de sua real satisfação: “Bravo! bravo! meu caro professor!” Quando a operação terminou, o professor aproximou-se dele e perguntou-lhe com uma profunda reverência: “Vossa Majestade ordena que eu ampute também a outra perna?”

Os pensamentos do professor durante o aplauso real não poderiam decerto manifestar-se inalterados: “Parece que estou amputando a perna desse pobre sujeito por ordem do rei e para sua real satisfação. Afinal existem realmente outras razões para a operação”. Vai então ao rei e lhe diz: “Não tenho outra razão para executar uma operação que as ordens de Vossa Majestade. O aplauso com que Vossa Majestade me honrou fez-me tão feliz que só aguardo as ordens de Vossa Majestade para amputar também o membro são”. Dessa forma ele consegue fazer-se entendido dizendo o contrário daquilo que pensa, mas deve guardar para si mesmo. Tal oposto é uma exageração que não pode ser acreditada.

Como mostram esses exemplos, a representação pelo oposto é um instrumento da técnica do chiste usado freqüentemente e operando com grande poder. (FREUD, 1905, p.76)⁷⁰.

No contexto, o médico expressa se jactar a tal ponto da consideração do rei, que se disponibiliza a amputar a outra perna do paciente. Quando, sabemos, o que ele objetiva com sua fala é localizar o seu ato decisório, enquanto profissional de saúde que é, para além da influência majestosa, vinculada, obviamente, ao respeito pelo estado de saúde apresentado pelo paciente. Mas aqui se faz coerente salientar que o nível de deslocamento imputado no contexto em muito se vincula ao fascínio que a representação pelo oposto (e ironia) apresentada exerce em nós. A importância dada pelo médico à consideração do estado de

⁶⁹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷⁰ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

saúde de seu paciente é ironicamente “transferida” à importância que tem para ele o fato de continuar agradando ao rei. O reconhecimento de uma situação de deslocamento extremada como esta permite questionar sobre sua relação com o fascínio exercido pela ironia e possibilita supor que parte deste fascínio advém do reconhecimento de que um tal processo de deslocamento (e condensação) também nos é constituidor (nosso “conhecido”) de processos psíquicos inconscientes, como dito, cerne estruturante de nossos sonhos e sintomas, por exemplo. Tal reconhecimento se nos apresenta como elemento envolvente, que, ao mesmo tempo, paralisa, faz com que vejamos a nós mesmos como um objeto de estudo, chamando nossa atenção para a necessidade de uma compreensão mais apurada do que está sendo posto.

O deslocamento presente na expressão do exato contrário do que se queria dizer é o que também explica o poder que a ironia tem para cumprir o seu propósito, livrando-se da objeção do interlocutor, tal como expresso na citação abaixo:

Uma pressão que tenta fazer operar em si a elaboração do chiste tão deliberadamente quanto possível - um gaiato profissional - logo descobre, via de regra, que o modo mais fácil de replicar a uma asserção com um chiste é pela asserção de seu contrário, deixando à inspiração do momento livrar-se da objeção que, provavelmente, sua contradição provocará, fornecendo o que se denomina uma nova interpretação. (FREUD, 1905, p. 163- 164)⁷¹.

Mas, para explicar melhor o propósito dos “*Der Witz*” irônicos, é necessário que façamos antes uma aproximação inicial da vinculação entre eles e o inconsciente. Fazamos isso a partir de mais um exemplo esclarecedor (Freud, 1905, p.104)⁷²: Um... “Sereníssimo perguntou a um estranho, cuja semelhança com sua própria pessoa o surpreendia: ‘Sua mãe esteve alguma vez no Palácio?’ e a resposta foi: ‘Não, mas meu pai esteve’”.

Nesta situação, por meio de uma alusão, o Sereníssimo faz uma pergunta ofensiva a um seu súdito, que, ao invés de “engolir a seco” a ofensa a sua mãe, lança mão de outra alusão para constituir um “*Der Witz*” que lhe permite “vingar-se com certa segurança”, deslocando a ofensa para a mãe do sereníssimo. Freud comenta este exemplo espirituoso da seguinte maneira:

⁷¹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷² Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Um chiste assim representa uma rebelião contra tal autoridade, uma liberação de sua pressão. O fascínio das caricaturas baseia-se no mesmo fator: rimos delas, mesmo se malsucedidas, simplesmente porque consideramos um mérito a rebelião contra a autoridade. (FREUD, 1905, p. 104)⁷³.

Neste ponto Freud diferencia os obstáculos externos (como uma figura de autoridade) dos obstáculos internos (uma inibição interna, vinculada à autocensura). Segundo ele, “[...] no lugar da rejeição por um julgamento, o que encontramos no inconsciente é o ‘recalque’. Este pode, sem dúvida, ser corretamente descrito como estágio intermediário entre um reflexo defensivo e um julgamento condenador”. (Freud, 1905, p. 164-165)⁷⁴.

O recalque é fenômeno a ser considerado mais pormenorizadamente no capítulo seguinte, mas aqui devemos adiantar que o seu aparecimento se dá em razão de um conflito entre os desejos internos e a autocensura, em consideração ao meio externo. Ou, considerando os termos utilizados por Freud na constituição de sua segunda tópica, pode-se dizer que o recalque surge do conflito entre o id e o ego.

Resumidamente pode-se dizer que o ego é instância psíquica que administra e contemporiza influências advindas de várias fontes. A primeira delas diz de um reservatório de desejos (inconscientes), que é o id. A segunda instância considerada pelo ego é o superego, que representa a norma sócio cultural internalizada. Por fim o ego também tem por função considerar o contexto estabelecido pela realidade externa ao “aparelho de alma”. Por considerar a configuração do que se percebe da realidade externa, o conflito entre o ego e o id se dá em razão de o ego se posturar como regulador dos desejos advindos do id. Tal regulação, não raramente, implica a não aceitação de tais desejos, com impedimento de que a pulsão libidinal do id alcance sua meta (com o investimento do objeto desejado). O desejo, que não alcançou seu escoadouro com repercussões motoras (na realidade) passa então a se insurgir contra o ego que, reativamente, lança mão do processo de recalque a fim de manter o controle da não consecução do desejo, pela via do “esquecimento” deste desejo. E “esquecimento” entre aspas porque o desejo, assim “esquecido”, não deixa de exercer influência sobre o funcionamento psíquico, mas se insurge contra o ego de várias maneiras, como nos sonhos ou pela formação de sintomas, (como vislumbramos anteriormente).

⁷³ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷⁴ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

No que concerne aos obstáculos internos, Freud considera que a satisfação do propósito (do “*Der Witz*”) é possibilitada quando se promove a suspensão do recalque, evitando o ‘estancamento psíquico’ que este envolveria. O estancamento psíquico é justamente o recalque que se forma em razão de o ego ter de continuar mantendo os desejos do id sob controle, como contra investimento do investimento desejoso. A este contra-investimento Freud denomina resistência.

Ele verifica semelhança entre os obstáculos externos e internos quando afirma que: “Os casos de um obstáculo externo e interno só diferem em que, no último, seja suspensa uma inibição interna já existente e no primeiro se evite o aparecimento de uma nova” (Freud, 1905, p.116)⁷⁵. E continua esta mesma fala enveredando para o que é de nosso grande interesse...

Sendo assim, não estaremos confiando demais na especulação se afirmamos que tanto para erigir como para manter uma inibição psíquica se requer alguma ‘despesa psíquica’. E já que sabemos que em ambos os casos de uso dos **chistes tendenciosos** obtém-se prazer, é plausível, portanto supor que esta produção de prazer corresponde à despesa psíquica que é economizada. (Freud, 1905, p.116)⁷⁶

Aqui, cabe o adendo para considerar a diferenciação entre os “*Der Witz*” tendenciosos e os não tendenciosos. Quando um “*Der Witz*” serve a um objetivo particular ele é considerado tendencioso e quando tem um fim em si mesmo é considerado não tendencioso. Freud diferencia dois tipos de “*Der Witz*” tendenciosos. Os que têm por objetivo uma suspensão inibitória vinculada à sexualidade (a que chama de *smut*) e os chistes que servem à agressividade.

Para além dessa diferenciação, em Freud tem-se que o propósito geral dos ditos espirituosos é se constituir em instrumento a fim de suplantar - em determinada quantidade - uma inibição que se dava à custa de uma despesa psíquica, que é então evitada e liberada através do riso proporcional, então, à economia psíquica assim realizada. A quantificação da energia psíquica liberada pela economia advinda da suspensão do recalque interno (diminuição da resistência) deve ser entendida não em termos absolutos (comparada com o todo econômico), mas em referência ao “gasto energético” anteriormente envolvido. Assim, quanto mais poderosa a descarga, mais alto o precedente estancamento. E isto porque:

⁷⁵ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷⁶ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Quem quer que tivesse sua casa iluminada a gás e tem agora a instalação elétrica perceberá, por algum tempo, um definido sentimento de prazer ao acender a luz elétrica; tal sentimento assomará enquanto for revivida a lembrança das complexas manobras exigidas para obtenção da luz a gás. Do mesmo modo, as economias na despesa psíquica inibitória operadas pelo chiste - embora pequenas comparativamente à totalidade de nossa despesa psíquica. "(FREUD, 1905, p.150) ⁷⁷.

Acender a luz elétrica após um tempo passa a ser gesto banal, mas quando do início desta possibilidade é um ato prazeroso também pela comparação com a trabalhadeira que envolvia a obtenção de luz via queima de gás. Assim também com o processo que fundamenta a obtenção de prazer pelo compartilhar de um bom dito espirituoso. A economia advinda de um pequeno evento é tomada em comparação a um estancamento psíquico anterior bem maior pelo ouvinte. E é justamente a comparação que proporciona a bonificação prazerosa mesmo em um caso em que haja uma contestação dos atos da própria pessoa que é objeto de um "*Der Witz*", possibilitando que a pessoa ria de si mesma. No capítulo seguinte, retomaremos a discussão sobre a comparação no cerne do prazer cômico (para considerar o fenômeno no que respeita a ironia), mas antes é necessário considerar melhor a proporcionalidade entre a bonificação de prazer obtida pelo "*Der Witz*" e o estancamento psíquico a ele antecedente. Tal proporcionalidade é expressa em razão de uma "conformação psíquica" entre o emissor e um seu interlocutor (para quem o espirituosismo possibilitou a risada). O trecho abaixo, além de acrescentar esclarecimentos mais específicos sobre o propósito dos "*Der Witz*", explica melhor a bonificação de prazer deles advinda:

Já sabemos o que se pode conseguir a serviço do propósito de desnudamento e dos propósitos hostis, cínicos e céticos. No caso dos chistes obscenos, derivados do smut, tornar a terceira pessoa, que originalmente interferia com a situação sexual, em aliado diante do qual a mulher deve sentir vergonha, subornando essa terceira pessoa com a dádiva do prazer produzido. Para propósitos agressivos, empregar o mesmo método para tornar o ouvinte, inicialmente indiferente, em correligionário de seu ódio ou desprezo, criando para o inimigo um pugilo de oponentes quando, de início, só existia um único. No primeiro caso, supera as inibições da vergonha e da respeitabilidade através da bonificação de prazer oferecida; no segundo, subverte o julgamento crítico que, de outro modo, teria examinado a disputa. No terceiro e quarto casos, a serviço de propósitos cínicos e céticos, despedaça o respeito pelas instituições e verdades em que o ouvinte tem acreditado, de um lado reforçando o argumento, de outro, praticando nova espécie de ataque. (FREUD, 1905, p.129) ⁷⁸.

⁷⁷ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁷⁸ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Explicamos melhor os três casos citados. A origem do chiste obsceno está numa investida sexual que não teve a acolhida esperada, seja em razão da não aceitação por parte do interlocutor, seja pela interposição de uma terceira pessoa que se coloca entre os “atores” iniciais. Numa situação assim, a expressão de um chiste obsceno possibilita a expressão da frustração do emissor do chiste e busca a aliança do terceiro a fim de possibilitar a descarga energética em acúmulo, colocando em questão a respeitabilidade da pessoa que recebera a investida inicial (geralmente uma mulher). A troca é entre uma bonificação de prazer para o terceiro e uma superação de inibição de vergonha (sexual) pelos aliados.

Uma aliança é também o que se espera no caso dos chistes agressivos, tornando necessário, também neste caso uma configuração triádica (com emissor, interlocutor e objeto/pessoa a quem o chiste é destinado). De modo semelhante, possibilitando uma suspensão do recalque num terceiro, o emissor do chiste agressivo espera que seu interlocutor se posicione, sem muitas delongas analíticas, em seu favor, contra a pessoa a quem o chiste se refere, objeto do chiste.

Por fim, voltemo-nos para os chistes cínicos e céticos, que, geralmente, têm como destinatário o próprio interlocutor do emissor. Tais como com a ironia, eles são expressos numa relação dual que tem por intuito questionar o valor das crenças tidas como verdadeiras pelo interlocutor. Tal como na ironia, a “afronta” se dá de forma a colocar em dúvida a posição “assumida” pelo interlocutor, objeto do chiste. No ceticismo tal afronta se estabelece sem a necessidade de que haja uma discordância (pelo oposto) entre o que é dito e o que é sabidamente pensado pelo cético, sua comunicação pode se dar pela correspondência direta entre o pensado e o expresso (como geralmente acontece). O cinismo, como a ironia, se configura por intermédio de uma construção lingüística em que o emissor nega que esteja se opondo a valores tidos como verdadeiros por parte de seu interlocutor. A diferença está em que, na ironia, esta negação é posta em cheque pelo próprio emissor irônico que deixa clara que existe uma oposição entre o dito e o pensado, que induz o seu ouvinte a uma tentativa deliberada de contradizê-lo (apontando a oposição claramente expressa). Nas palavras de Freud: “A ironia só pode ser empregada quando a outra pessoa está preparada para escutar o oposto, de modo que não possa deixar de sentir uma inclinação a contradizer”. (Freud, 1905, p. 164)⁷⁹. Já o cínico nega que esteja se opondo a seu ouvinte, mas de forma não tão clara, de modo a deixar o ouvinte em dúvida em relação à veracidade do que está sendo dito, não há clareza, como a ironia, ao fato de que o que está sendo dito é mesmo o oposto em relação ao

⁷⁹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora

realmente pensado pelo emissor. Nesse sentido o cinismo, como a desfaçatez, se aproxima mais da simples mentira.

Agora consideremos (com algumas retomadas) alguns pré-requisitos que devem estar presentes para que o dito espirituoso alcance o seu propósito. Tanto nos casos em que o contexto de produção espirituosa exige uma configuração triádica (smuts ou chistes agressivos), como nos casos em que sua ocorrência é possível com a presença de dois envolvidos (chistes cínicos, chistes céticos ou ironia) temos que dois aspectos são essenciais. Primeiramente, como vislumbrado, há que haver compatibilidade entre o assunto do dito espirituoso e os pensamentos dominantes do ouvinte, a fim de que sua atenção seja retida até a satisfação espirituosa. Em segundo lugar, insiste-se, faz-se necessário que o interlocutor (que se quer aliado) “[...] esteja em suficiente acordo psíquico com a primeira pessoa quanto a possuir as mesmas inibições internas, superadas nesta última pela elaboração do chiste” (Freud, 1905, p.144) ⁸⁰. Ou, dito de outra forma “partilhar o riso diante dos mesmos “*Der Witz*” evidencia uma abrangente conformidade psíquica” (Freud, 1905, p.144) ⁸¹. Nesses casos a necessidade de perspicácia por parte do emissor está em perceber a medida dessa conformidade psíquica; com base nela é que se dá o nível de agressividade a ser utilizado (em qualquer categoria “chistosa”), tendo por foco a aliança com o interlocutor. Há a necessidade de uma benevolência por parte do “aliado”, que ele concorde em complementar a consecução do propósito espirituoso, aliando-se a seu emissor. Para tanto, é necessário que não sejam provocados sentimentos opostos a aliança, que possam soar excessivamente agressivos.

No caso da ironia, em que, geralmente, coincide o interlocutor e a pessoa a quem a ironia se destina, deve-se, por óbvio, ter atenção redobrada a tal necessidade de benevolência e ao nível de agressividade envolvido. A tendência esperada é que haja, em alguma medida, dificuldades em se estabelecer a aliança entre os envolvidos, vez que tal aliança deve se dar com base num auto-questionamento por parte do ironizado que muitas vezes envolve sua autoimagem narcísica.

Como dito, a proporcionalidade existente entre a bonificação de prazer obtida pelo “*Der Witz*” e o estancamento psíquico a ele antecedente é expresso em razão da uma “conformidade psíquica” entre o seu emissor e interlocutor. Alguns motivos já expostos demonstram que processo semelhante, de maneira ampliada, também ocorre com a ironia. A

⁸⁰ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁸¹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

aliança necessária entre o irônico e o ironizado deve considerar os processos defensivos suscitados neste último de maneira a suplantá-los possibilitando, assim, um auto-questionamento que flexibilize aspectos referentes à sua autoimagem (narcísica).

CAPÍTULO 3

Ironia, Negação e Humor: da instrumentalidade autoanalítica da ironia.

Neste capítulo, ter-se-ão condições de comparar e contrastar os processos psíquicos que subjazem à negação e ao humor a fim de vislumbrar a vinculação possível entre esses dois processos psíquicos e a ironia. Tal vinculação será realizada tendo por foco a influência dos processos psíquicos de renúncia e sublimação concernente à ironia e ao humor, tendo em vista uma alternativa que substitua o processo de negação. Assim é que se deve realizar um estudo mais pormenorizado sobre negação, para se entender melhor sobre em relação a que a ironia clínica se opõe. O “fantasiar” e o “pensar” serão analisados do ponto de vista de sua influência ao desenvolvimento da capacidade de julgamento da realidade (também no bojo da noção de negação).

3.1 – Sobre Ironia, Comicidade e Humor.

Muitos são os fatores envolvidos para que o triunfo da ironia ocorra ou não (alguns por nós já abordados no capítulo anterior). Mas, se deve considerar mais especificamente o aspecto cômico da ironia no cerne de seu sucesso, do fato de ela ser ou não bem sucedida.

A comparação é condição para a ocorrência (critério mesmo de existência) da comicidade. No caso específico da ironia, tem-se a situação de comparação expressa de forma dupla, uma comparação que gera uma comparação. Nela, dois opostos são expressos concomitantemente e isto imprime a necessidade de se pensar sobre uma afirmação e seu

contraponto negativo, contrastando e comparando possibilidades díspares num contexto. Há então a comparação entre uma ideia e seu oposto (que envereda a necessidade interna de contrapartida, no sentido de apontar que o dito é o oposto do pensado, como visto), e a comparação entre a economia psíquica possibilitada pela ironia e um estancamento psíquico conjunto anterior. E é justamente a comparação no bojo da comicidade da ironia que possibilita o prazer (cômico), diminui a possibilidade de invectiva contrária e possibilita o seu triunfo.

A ironia, então, poupa uma réplica contrária porque o ouvinte entende que o interlocutor diz o contrário do que se pensa e protege o enunciador de contradições, de contra-argumentações por parte de seu interlocutor, que, a partir daí, também pode usufruir, (com a ironia), de um prazer cômico.

Proporciona à pessoa que a utiliza a vantagem de capacitar-se prontamente a evitar as dificuldades da expressão direta, por exemplo, no caso das invectivas. Isso produz prazer cômico no ouvinte, provavelmente porque excita nele uma contraditória despesa de energia, reconhecida como desnecessária. Uma comparação como essa, entre os chistes e um tipo de comicidade, que lhes é intimamente relacionada, pode confirmar nossa pressuposição de que a característica peculiar dos chistes é sua relação com o inconsciente, o que permite talvez distingui-los também do cômico.” (FREUD, 1905, p.164) ⁸².

O cômico também pode se estabelecer quando o emissor espirituoso se autoaplica uma crítica de cunho zombatório que faz gerar em seu ouvinte uma comparação para consigo, criando condição para o riso (expressão de prazer cômico) de ambos.

Antes de tudo, é possível produzirmos o cômico em relação a nós próprios a fim de divertir outras pessoas - por exemplo, fazendo-nos de desajeitados ou estúpidos. Dessa forma, produzimos o efeito cômico tal como se essas coisas fossem reais, cumprindo a condição da comparação que leva à diferença na despesa. Mas desse modo não nos tornamos ridículos ou desprezíveis podendo mesmo merecer, em algumas circunstâncias, admiração (FREUD, 1905, p.186) ⁸³.

O produtor do cômico brinca com a possibilidade de ter suas características exageradas, brinca com a diferença entre o que é e o que poderia ser. Agindo assim, pelo uso

⁸² Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁸³ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

da crítica autoaplicada, demonstra certo grau de humildade, de flexibilidade narcísica que é tomada como admirável por seu espectador. Por sua vez, este vislumbra, por identificação, a possibilidade de também questionar, de maneira mais leve, suas próprias exagerações e infortúnios. É um processo de compreensão do outro, que se dá pela possibilidade de instauração de uma relação de simpatia recíproca (que tem por cerne a comparação).

Assim tomamos em consideração o estado psíquico da pessoa produtora, e nos introduzimos nele, tentando compreendê-lo por comparação com o nosso próprio. Tais processos de empatia e comparação é que resultam na economia da despesa, que descarregamos pelo riso. (FREUD, 1905, p.175)

⁸⁴

Mas tentar compreender o estado psíquico do outro por comparação com o nosso próprio é fenômeno que só ocorre quando se estabelece uma relação de “*simpathia*” entre o espectador e seu produtor cômico. E aqui podemos fazer um adendo para considerar o sentido do termo “*simpathia*”. Para tanto, contemos com a colaboração de Francisco Martins (2005), que nos esclarece melhor sobre a noção de *simpathia*, quando retoma alguns sentidos perdidos acerca do termo “*pathos*”. Segundo ele, o termo “*pathos*” (que compõe também a palavra psicopatologia) é tomado na atualidade como significando simplesmente doença. Segundo Martins, essa significação advém do encontro mais contemporâneo no tempo, entre o termo “*pathos*” e o termo “*hybris*”, este último indicando desvario, anormalidade. Mas, segundo ele, a noção primordial de “*pathos*” é a de “disposição afetiva fundamental”, o que recoloca o termo no cerne da noção de estruturação e de desenvolvimento. *Pathos*, assim, permeia o porvir e é a base sobre a qual o possível se desenrola e se reconfigura pelas vivências de cada um. Nas palavras de Martins, “*pathos*” é...

Disposição (*Stimmung*) originária do sujeito que está na base do humano. Assim *pathos* atravessa toda e qualquer dimensão humana, permeando todo o universo do ser. “Toda e qualquer tentativa de elucidar o *pathos* de maneira mais profunda passaria não somente pelas regionalizações, do ponto de vista das áreas de conhecimento específico, mas pela filosofia na sua totalidade. Toda ciência é filosofia, mas nem toda filosofia é ciência. *Pathos* como um conceito inerente ao ser, em desalinho com as tentativas de regionalizações do conhecimento: comportará as possibilidades de entendimento que o vincula à noção de anormalidade ou morbidade, mas não estará restrito a elas. (MARTINS, 2005, p. 36).⁸⁵

⁸⁴ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁸⁵ Martins, Francisco. (2005). *Psicopatologia I: Prolongamentos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

Assim é que se pode entender a “*simpathia*” como sendo um encontro de caminhos “*páthicos*”. Este encontro se dá quando se considera possível vivenciar o mesmo evento de forma similar a alguém, quando se pode olhar o outro “colocando-se em seu lugar”, imaginando a passagem por um caminho com características similares. Numa relação de “*simpathia*”...

...todas as chamadas afinidades eletivas, tanto no amor como no campo profissional, estão estritamente ligadas ao *pathos*. Na simpatia e na antipatia estamos implicados como sujeitos, ficando evidenciado que algo em mim me dispõe a experimentar algo *páthico*. (MARTINS, 2005, p. 46)⁸⁶.

Mas o estabelecimento de uma relação de simpatia se dá quando o que é vivenciado pelo outro é considerado como sendo passível de vivenciarmos também. Na medida em que a vivência do outro é considerada negativa demais (seja por seu caráter doloroso, aflitivo, angustiante, etc.), daí tem-se a necessidade de afastamento. As comparações e contrastes cessam e a possibilidade de obtenção de prazer cômico, pelo contexto, também.

Já vimos que a liberação de afetos aflitivos é o maior obstáculo à emergência do cômico. Tão logo o movimento inútil produza um dano, ou a estupidez leve à maldade, ou o desapontamento cause dor, a possibilidade de um efeito cômico chega ao fim. Isto é verdade, em todos os casos, para alguém que não pode evitar tal desprazer, que é propriamente sua vítima ou obrigado a compartilhá-lo; enquanto isso uma pessoa não envolvida mostra, por sua conduta, que a situação em questão contém tudo o que se requer para um efeito cômico. (FREUD, 1905, p. 212)⁸⁷.

Dessa maneira, o cômico exige a aproximação para que haja a comparação, mas desde que ela ocorra na medida do suportável, tendo-se por critério de aceitabilidade o que é ofensivo (a depender das diferentes gradações de agressividade). Quando a ofensa se nos apresenta demasiada, a possibilidade cômica fica restrita a outrem, mais afastado, e que, por isso, ainda possui a possibilidade de se comparar, e, dessa maneira, obter prazer cômico. Assim é que essa comparação na base do cômico exige um distanciamento ótimo entre a proximidade (*simpáthica*) e o distanciamento, que mantenha a autosssegurança e possibilite o riso.

A medida do que é suportável em termos cômicos para a sua vítima ou para alguém que dele seja obrigado a compartilhar (um espectador) irá depender, também, da capacidade

⁸⁶ Martins, Francisco. (2005). *Psicopatologia I: Prolengômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

⁸⁷ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

humorística de ambos. Na verdade, isto é o que se deve ter em mente quando o interlocutor é também a vítima do emissor cômico. Visto que humor é a capacidade de rir, de brincar com os próprios infortúnios.

[o humor] [...] é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos coloca-se no lugar deles. As condições para seu aparecimento são fornecidas se existe uma situação na qual, de acordo com nossos hábitos usuais, devíamos ser tentados a liberar um afeto penoso e então operam sobre estes motivos que o suprimem *in statu nascendi*. Nos casos ora mencionados a pessoa que é vítima da ofensa, dor etc. pode obter um prazer humorístico, enquanto a pessoa não envolvida ri sentindo um prazer cômico. (FREUD, 1905, p. 212)⁸⁸.

Nesse sentido o humor é mesmo um tipo de sublimação, que tem por cerne uma atitude de resignação e renúncia. É uma alternativa criativa de mudarmos o destino de nosso desejo sem ficarmos presos a impossibilidade de lidarmos com ele. Assim é que pelo humor deixamos de lado nossa postura defensiva em face de tudo que nos soa narcisicamente ofensivo para podermos lidar com mais leveza com nossas dificuldades e limitações.

No humor, diante da insistente insurgência de um sentimento momentosamente doloroso, o que se faz como resposta defensiva, é uma “retirada de atenção consciente do conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso” comparando algum aspecto do evento em voga com algum outro, que necessariamente não comporta o mesmo afeto doloroso. A comparação, com deslocamento de atenção consciente, se dá de forma a diminuir a importância do dano causado pelo afeto doloroso e isto somente ocorre por um prévio conhecimento de tal afeto em sua verdadeira proporção, evitando-se o automatismo dos processos defensivos mais simples (como o recalque). Diz mesmo de uma resiliência, da capacidade de se manter inteiro e íntegro, face ao próprio dano, aos próprios males e dores.

Entendamos melhor o processo de humorização a partir de uma citação de Freud, que comporta uma amplitude maior de entendimento:

Os processos defensivos são os correlativos psíquicos de um reflexo de fuga e realizam a tarefa de impedir a geração do desprazer a partir de fontes internas. [...] O humor pode ser considerado como o mais alto desses processos defensivos. Ele desdenha retirar da atenção consciente o conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso, tal como o faz o recalque, e assim domina o automatismo da defesa. Realiza isto descobrindo os meios de

⁸⁸ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-o pela descarga em prazer. (Freud, 1905, p. 216-217).⁸⁹

Aqui o humor é comparado com outro qualquer mecanismo de defesa vez que se constitui em tentativa de lidar com a geração de desprazer, como correlato psíquico de reflexo de fuga ou de “perda da realidade”. Mas ele também é contrastado (pelas suas especificidades) com outros processos defensivos, em particular com o recalque, pois que este se estabelece como processo de esquecimento automático dos conteúdos ideacionais geradores de afetos dolorosos e o humor se dá num caminho oposto ao automatismo. E isto porque a retirada de atenção consciente de um conteúdo ideacional gerador de afetos dolorosos para um outro evento (possibilitado em decorrência de uma comparação), exige a preponderância e astúcia perspicaz da consciência, o que vai contra (em sentido oposto) a um desenrolar autômato-ativado.

Mas como se dá a possibilidade de “retirar energia da liberação de desprazer, já em preparação, transformando-o pela descarga em prazer”? Freud nos dá um indício de resposta a esta questão ao continuar o trecho acima da seguinte maneira:

É mesmo concebível que isso possa estar novamente em conexão com o infantil, que lhe coloca à disposição os meios para executá-lo. Apenas na infância existem dolorosos afetos dos quais o adulto hoje se ri - tal como o humorista ri de seus afetos dolorosos atuais. A exaltação do ego, que o deslocamento humorístico testemunha, e cuja tradução inegavelmente seria ‘sou grande demais (ou bom demais) para ser atingido por essas coisas’, pode se derivar da comparação do ego atual com o infantil. (FREUD, 1905, p. 216-217)⁹⁰.

A resposta está novamente na comparação, base na constituição da comicidade, mas também primordial para o estabelecimento do humor. Freud traça um paralelo em que o humorista ri de seus afetos dolorosos de modo semelhante ao que o adulto ri de aspectos dolorosos concernentes a sua infância; que a tentativa de determinar o que é realmente importante para se ver atingido por algo depende da comparação entre ego do adulto com o ego da criança que fora anteriormente. Entendimento parecido é expresso em “O Humor” (1927)⁹¹. Nele, Freud se questiona:

⁸⁹ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁹⁰ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁹¹ Freud, S. (1927/1969). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Em que, então, consiste a atitude humorística, atitude por meio da qual uma pessoa se recusa a sofrer, dá ênfase à invencibilidade do ego pelo mundo real, sustenta vitoriosamente o princípio do prazer - e tudo isso em contraste com outros métodos que têm os mesmos intuitos, sem ultrapassar os limites da saúde mental? As duas realizações parecem incompatíveis. (FREUD, 1927, p.167)⁹²

E continua seu texto respondendo:

É que o indivíduo se comporta para com eles como um adulto o faz com uma criança, quando identifica e sorri da trivialidade dos interesses e sofrimentos que parecem tão grandes a esta última. (FREUD, 1927, p.167)⁹³.

A diferença de concepção entre um texto e outro está, então, no acréscimo advindo com a emergência da segunda tópica freudiana, segundo a qual o superego é o herdeiro do agente paterno. Para Freud, o superego “frequentemente mantém o ego em estrita dependência e, ainda, realmente o trata como os genitores, ou o pai, outrora trataram o filho, em seus primeiros anos” (FREUD, 1927, p.168)⁹⁴. Dessa maneira esse papel de progenitor também é constituído por uma postura de proteção, o que o leva a concluir que “se o superego tenta, através do humor, consolar o ego e protegê-lo do sofrimento, isso não contradiz sua origem no agente paterno” (FREUD, 1927, p.169)⁹⁵. Assim é que, para Freud, “obteremos uma explicação dinâmica da atitude humorística, portanto, se supusermos que ela consiste em ter o humorista retirado à ênfase psíquica de seu ego, transpondo-a para o superego” (FREUD, 1927, p. 168)⁹⁶, num movimento que, podemos concluir, se configura como um desinvestimento narcísico.

No humor, o superego, concernente a seu papel de protetor (enquanto uma possibilidade vinculada ao exercício da atividade de agente paterno), repudia a realidade e serve a uma ilusão, a ilusão na base da “exaltação do ego”, tal como presente numa citação acima. Mas a exaltação do ego a que Freud se refere (que o deslocamento humorístico testemunha) é um processo mais compatível com a comparação do ego atual com o ego infantil. Num caminho diferente, a postura que se coaduna com o humor é necessariamente proveniente de um desinvestimento narcísico, com sobrepujança superegógica. É assim que o

⁹² Freud, S. (1927/1969). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁹³ Freud, S. (1927/1969). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁹⁴ Freud, S. (1927/1969). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁹⁵ Freud, S. (1927/1969). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

⁹⁶ Freud, S. (1927/1969). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.

humor se expressa por uma humildade velada. Entendamos melhor o dito através de um exemplo constante do próximo subcapítulo.

3.2- A Negação da Negação Vincula a Ironia e o Humor

Pode-se, a partir de um exemplo de Freud, entender melhor sobre o humor, sua vinculação com a negação e a ironia, tendo por foco a questão da flexibilização narcísica.

Um vagabundo que estava sendo levado à execução em uma segunda-feira, comentou: 'É, a semana está começando otimamente'. Este é efetivamente um chiste, já que o comentário é bem adequado em si mesmo, mas por outro lado está deslocado de uma maneira absurda, já que para o próprio sujeito não haveria eventos ulteriores naquela semana. Mas o humor está envolvido na confecção de tal chiste - isto é, ao desrespeitar o que distingue o início dessa semana de todas as outras, ao negar a distinção que podia originar-se, motiva emoções bastante especiais. (FREUD, 1905, p. 213)⁹⁷.

Além de se constituir num exemplo muito esclarecedor da noção de humor em Freud, o trecho acima permite entender mais aprofundadamente a relação entre humor e negação. Referente a este exemplo, Freud fala que a base do humor (no caso acima) está em o vagabundo negar a diferença entre o início desta semana de sua execução e o início de todas as demais semanas. E assim tem-se que, realmente, o vagabundo consegue fazer piada de uma situação incontestavelmente aflitiva para todos os envolvidos, por meio de se recusar a aceitar, em sua amplitude, tal caráter aflitivo. Mas o humor não se dá numa situação em que simplesmente os seus aspectos são ignorados ou desconhecidos; ao contrário, o que ocorre é que os aspectos concernentes ao contexto, tomado de forma humorizada, são bem conhecidos do humorista. A negação, no sentido da recusa da percepção, não se vincula a nenhum aspecto formador do contexto humorizado. Contrariamente, o conteúdo do sentimento negado pela postura bem humorada geralmente é bem conhecido do humorista. Pode-se dizer conhecido, reconhecido e elaborado a ponto de ser considerado numa proporção bem menor do que a que teria a outrem, que esteja lidando com este sentimento específico pela primeira vez ou que seja incapaz de humorizar simplesmente por "optar" não lidar com as questões concernentes àquele sentimento específico (o desespero, no caso do vagabundo do nosso exemplo).

⁹⁷ Freud, S. (1905/1969). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

O conhecimento com aproximação verdadeira dos aspectos dolorosos é o que possibilita a tomada de uma postura mais condizente com uma flexibilização narcísica necessária a desdenha do humorista. É assim que se estabelece como preponderante a alternativa de lidar com o contexto de maneira mais sublimada, com influência cabal da consciência dada pelo maior investimento no superego. O que o humorista recusa não é o sentimento doloroso em si, mas a possibilidade de ter que continuar lidando com sua factualidade tida como inalterável, inexorável.

Se a postura do vagabundo condenado a morte fosse realmente a de “sou grande ou bom demais para ser atingido por essas coisas” o que se teria seria um questionamento acerca da justiça no ato que o condenou “imerecidamente” à morte. Haveria um questionamento do tipo “Por que, justo eu, um homem que se sobressai em qualidades, devo ser executado desta maneira?” Mas, quando ele nega a diferença entre a semana que começa com o dia de sua execução em relação às demais semanas, o que ele expressa é que não se diferencia tanto assim de qualquer outra pessoa. E daí tem-se uma inversão da pergunta para: “Por que não eu?”, “Por que não poderia ocorrer isso comigo também?” Assim é que no humor tem-se uma postura de humildade que se expressa pela maneira de “sou grande demais para ser atingido por essas coisas”. E aí a ironia característica do humor, a ironia de alguém que desdenha de si próprio e dos próprios infortúnios expressando o contrário do que concebe acerca de si. A recusa em se posturar compassivamente diante do infortúnio de ser tratado de forma diferente do que se julgava merecedor é expressa em termos de resignação em relação às próprias insuficiências, por se reconhecer como alguém que, nesse sentido, não está acima de qualquer outro.

E aqui se faz importante retomar alguns importantes aspectos. O humor é visto como alternativa de resignação que gera a possibilidade de uma reação mais sublimada em relação à evitação da dor psíquica. Seu cerne motor está mesmo num desinvestimento narcísico com sobrepujança do superego tomado tanto a partir de sua função moralizadora, mas também concebido pelo importante papel de cuidador paterno, daquele que também realiza o censo no sentido de verificar os haveres e as possibilidades necessárias. Foi visto também que a configuração do humor se dá por meio de um movimento contrário à negação (no sentido de uma perda “propositiva” de realidade), que o humor exige uma vivência prévia do conteúdo antes recusado pela via da negação e agora desdenhado pelo superego, com flexibilização narcísica.

Pois bem, e aqui há o importante papel da ironia para o estabelecimento de uma postura mais bem humorizada da vida. O humor também exige uma negação da negação.

Ele se dá mesmo por uma vivência em que o conteúdo negado passa a ser desdenhado. E a ironia, por todo o visto anteriormente e como também se seguirá, é a própria negação da negação. É nesse sentido que a ironia pode ser utilizada como instrumentalidade clínica que vai contra o movimento de “perda da realidade” possibilitando a preponderância do “pensar” e da consciência sublimadora num caminho que conduz à possibilidade do riso de si mesmo, inclusive quando de vivências irônicas, situação em que a realidade se nos apresenta completamente diferente dos nossos *scripts* anteriormente planejados.

Para se entender melhor a aliança existente entre ironia e humor (a partir do ponto de vista de que ambos os processos se configuram como implementadores de uma negação da negação) antes é preciso deixar claro o que se denomina por negação, realizando um estudo mais pormenorizado sobre esse processo psíquico. Tal estudo será realizado a partir de um recorte particular de um conjunto amplo de entendimentos sobre negação tal como o encontramos exposto na obra freudiana.

Na obra de Freud a ação de negar é expressa por meio de vários termos. O mais usual é o “*Die Verneinung*” que, inclusive, intitula um importante texto freudiano (escrito em 1923) por meio do qual se pode obter relevante conhecimento sobre aspectos importantes referentes à negação, os processos psíquicos que subjazem ao fenômeno bem como entendimento sobre sua motivação e importância para a estruturação psíquica humana. Estes aspectos serão abordados de forma a vinculá-los com a ironia no que tange aos desdobramentos teórico-práticos dessa relação, mas antes é necessária a consideração pela abrangência de termos vinculados ao fenômeno da negação, bem como as suas muitas significações.

O termo “*Die Verneinung*” na obra freudiana expressa dois sentidos diferentes: um sentido lógico-linguístico e um sentido “psicológico” (vinculado a um processo defensivo específico). No texto citado a tradução de “*Die Verneinung*” é comumente feita pela utilização da palavra (de)negar, com a disponibilidade de uso ou não da partícula “de” (entre parênteses), e isto em razão da dificuldade em se afirmar categoricamente a significação de um ou outro sentido possível (se lógico-linguístico ou psicológico). O sentido lógico-linguístico expresso por uma tradução possível do termo “*Die Verneinung*” é aquele vinculado aos sentidos mais rotineiros, da cotidianidade, que vêm à mente de qualquer um leigo em psicanálise quando da utilização do termo “negar”. São aqueles passíveis de serem encontrados pela explicação do verbete pela atribuição de sinônimos presentes em um dicionário, tais como:

“Negar”: (...):

1. (...) Afirmar que não: enunciar uma negativa (...)
2. (...) Contestar, não admitir a existência de (...)
3. (...) Denegar, indeferir, recusar (...)
4. (...) Não reconhecer (...)
5. (...) Abandonar, largar, repudiar (...)
6. (...) Desmentir (...)
7. (...) Proibir, vedar (...)
8. (...) Renunciar à vontade própria. (“...”) (Silva, 1968, p. 419) ⁹⁸.

Pela análise dos sinônimos expressos pelo verbete “negar” do referido dicionário é que podemos notar que o sentido geral do termo de acordo com sua vertente lógico-linguística é o de oposição (de se opor a algo “afirmando que não”, “recusando”, “contestando”, “repudiando”). Mas também é possível perceber, numa outra vertente, a utilização de vários dos sinônimos citados vinculados ao contexto de uma postura de afastamento frente a uma dada realidade (postura bem demonstrada pelos termos “não admitir a existência de”, “não reconhecer”, “abandonar”). As duas vertentes de sentidos propiciadas pelos sinônimos do termo negar tomado em seu sentido lógico-linguístico se encontram quando pensamos na possibilidade de uma postura de oposição em face de uma dada realidade (e daí, a depender do contexto da frase, a utilização de todos os sinônimos citados se faz coerente).

Já a negação, em seu sentido psicológico, é um processo psíquico “pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcados, continua a defender-se dele negando que lhe pertença” (Laplace e Pontalis 2001, p.293) ⁹⁹. É um processo defensivo que se centra na “suspensão do recalque”. Pela “suspensão do recalque” é que o desejo, que se encontra no bojo da representação recalcada, é expresso. Mas tal expressão se dá pela via da desmentira, com a utilização do termo “não” antecedendo a forma linguística direta, tal como quando o paciente diz “eu não pensei isso” e o terapeuta interpreta, pelo contexto psicoterápico maior, que era sobre este mesmo “isso” que se fundamentava o pensar do analisando naquele instante da negação. Assim é que, no exemplo, a fala direta do paciente é tomada pela desconsideração ao termo “não”, considerando-se então a sua fala como sendo a desmentira da expressão “eu pensei isso”. E o “isso” da frase como sendo um pronome substituto de uma oração subordinada subjetiva objetiva direta que indica, com exatidão, o conteúdo psíquico que demonstra, correlativamente, um desejo inconsciente em relação ao qual o paciente se defende duplamente. Num primeiro momento,

⁹⁸ Silva, A. P. (Org) (1968). *Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado*, 4ª Edição. São Paulo: Melhoramentos.

⁹⁹ Laplanche, J & Pontalis, J. B.(2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes

a defesa se estabelece pela realização do recalque da representação correspondente ao desejo e, num segundo momento - quando da suspensão do recalque - a defesa se estabelece pela via da utilização de uma desmentira, pela recusa em assumir que o desejo lhe pertença. Assim é que a negação (do original *Die Verneinung*), no seu sentido psicológico, é traduzida pela utilização do termo denegação, designando uma dupla-negação, uma atividade de negar uma negação. O dito pode ser mais bem entendido quando nos utilizamos de uma anedota descrita por Freud em “A Interpretação dos Sonhos” acerca dos subterfúgios da mente utilizados por um adormecido.

Assim, a mente parece comportar-se como o adormecido da anedota. Quando alguém lhe perguntou se estava dormindo, ele respondeu “Não”. Mas quando o interlocutor prosseguiu dizendo “Então empreste-me dez florins”, ele se refugiou num subterfúgio e respondeu: “Estou dormindo”. (FREUD, 1900, p.252).¹⁰⁰

O não, proferido pelo adormecido como primeira resposta, configura a primeira negação e o seu “estou dormindo”, dito depois, se configura como uma negação da primeira negação. Assim é que no texto “*Die Verneinung*” o negar “sentido psicológico” decorre de uma modalidade de negar “sentido lógico-gramatical”, pois que a desmentira se configura como uma recusa em aceitar o conteúdo advindo por uma suspensão momentânea do recalque que traz à tona o conteúdo recalcado (com conseqüente exposição de conteúdos de cunho inconsciente). O recalque em si é um processo psíquico que advém da dificuldade oriunda de uma realidade tomada como inconciliável com o desejo. A partir da contraposição do desejo e da realidade incompatível é que o desejo é recalcado, “esquecido”, num movimento em que se sobrepuja a renúncia em oposição à efetivação do desejo sobre a realidade. Quando ocorre a suspensão do recalque e o conteúdo recalcado emerge em direção a uma esfera mais próxima da consciência, o desejo passa novamente a impor a necessidade de uma nova proteção, que se dá pela via da recusa (negação no sentido lógico-linguístico) em lidar com a presentificação de tal desejo. Daí a desmentira característica da denegação (sentido psicológico). Dessa maneira é que a denegação, (tal como expresso por Freud em “*Die Verneinung*”) decorre de uma negação, sentido lógico-linguístico, na medida em que o paciente recusa o conteúdo recalcado como sendo pertencente a si, à sua própria realidade. É assim que, num determinado trecho do texto freudiano em análise, o autor, ao comentar um exemplo, considera:

¹⁰⁰ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

É como se o paciente tivesse dito: É verdade que minha mãe me veio à lembrança quando pensei nessa pessoa, porém não estou inclinado a permitir que essa associação entre em consideração. (FREUD, 1923, p.265).¹⁰¹

Na negação, em seu sentido psicológico, o que se tem é, dessa forma, uma dissociação entre representação e afeto. Permitir que determinadas associações entrem em consideração na psicoterapia é fenômeno que encaminha para a necessidade de que o paciente torne a integrar o conteúdo representacional vindo a tona, com o afeto a ele correspondente (o que normalmente gera muita dor e angústia). Em “*Die Verneinung*”, Freud desenvolve todo um importante conjunto de entendimentos sobre aspectos que subjazem à separação entre afeto e representação característica da negação (sentido psicológico). Explica que, por trás dessa separação, encontra-se o desenvolvimento da capacidade de julgamento, tal como ela se configura ao longo do desenvolvimento psíquico. Sendo a denegação, um processo psíquico vinculado à negação (sentido lógico-gramatical), podemos então inferir que o entendimento acerca da capacidade de julgamento também exerce grande importância para a apreensão da própria noção de “perda da realidade” na negação, tomada em seu sentido lógico-linguístico.

Voltaremos a considerar aspectos referentes ao desenvolvimento da capacidade de julgamento em vínculo com a “perda da realidade” (sentido lógico-linguístico), que corresponde a uma postura de não reconhecimento de uma realidade externa. O faremos por entender que (tendo por foco os vínculos possíveis entre os fenômenos) o principal é o de que a ironia se coloca contra uma postura de “perda da realidade”, contra uma postura de não reconhecimento em face da realidade externa.

A função da ironia no que a vincula à negação é coerente com a própria noção de oposição, que é o cerne constitutivo da noção de ironia. A partir deste cerne de oposição que subjaz à noção de ironia, vários são os desdobramentos que permitem o vínculo entre ironia e negação. Como primeiro vínculo, deve-se considerar a ironia enquanto meio expressivo (figura de linguagem). A ironia, nesse caso, se sustenta pelo seu componente cínico, pela recusa do irônico em assumir que esteja agindo ironicamente. Ele se utiliza de uma ironia a fim de evitar uma recidiva confrontativa por parte de seu interlocutor e sustenta a sua “defesa” recusando a ideia de que está dizendo o contrário do que verdadeiramente pensa. Aqui cabe retomar um exemplo exposto anteriormente, como forma de clarear o dito. Quando, numa enunciação irônica, A sabe que magoou B em razão de algum acontecimento

¹⁰¹ Freud, S. (1923/1969). *A Negativa*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora

e B anuncia: “Imagina, eu não estou magoado com você, isso é coisa da sua imaginação!” a ironia se estabelece por dois motivos, porque B sabe que A está consciente de seu sentimento de mágoa para com ele e porque B nega que está falando o contrário do que sente. Uma vez que a negação do fenômeno por parte de B cesse a ironia também se desfaz no mesmo instante, a liberdade de dizer falando o contrário se desfaz. Nesse sentido é que o irônico nega que esteja negando algo. Ele recusa-se a assumir claramente a sua postura de quem confronta uma noção qualquer tomada como verdadeira, mas desdenhada pelo irônico. Aqui negar se dá no sentido de uma “não aceitação” (sentido lógico-linguístico).

Tendo por foco a ironia considerada enquanto vivência de cunho irônico, tem-se um segundo vínculo entre ironia e negação. Este é o caso em que a vida ou o destino apresenta ao protagonista da vivência ironia exatamente aquilo em relação a que ele tinha uma postura de recusa ou não aceitação. Nessa situação o que se tem é justamente o devir da vida ou devir destinal, marcado pelas atitudes do sujeito no sentido de se distanciar do que lhe causa afastamento, conduzindo o sujeito a este destino evitado. A relação entre a vivência de cunho irônico e a negação, nesse caso, está em que aí se tem a vida negando uma negação que estivera sendo feita. O questionamento então recai sobre a possibilidade de uma inteligência superior e cruel, impassível e perfídia, que trama contra o protagonista indefeso, cego em relação às próprias possibilidades de desdobramentos destinais. Numa situação assim, configura-se como difícil perceber, ter uma visão mais clara sobre o fato de que, não raramente, a ironia está em que o que aproxima o protagonista irônico daquilo em relação a que ele se insurge, não é a vida ou o destino, mas sim seu próprio movimento de afastamento, que engaja a sua “fuga” em relação ao indesejado.

Por fim, como terceiro vínculo possível, tem-se o propósito vinculado à utilização da ironia enquanto instrumentalidade clínica, no sentido de “confrontar” o paciente com questões e processos em relação aos quais ele tinha uma postura de afastamento ou negação (sentido lógico-linguístico). Nesse último sentido também o terapeuta se postura em oposição diante das inflexibilidades defensivas do paciente, negando suas negações pela via irônica. Nesse caso, quando se fala em o terapeuta negar a negação do paciente, o primeiro “negar” (verbo) respeita a uma tendência do terapeuta de ir contra (de negar no sentido de oposição, primeira vertente do sentido lógico-linguístico) e o segundo negar (dado pelo substantivo “negação”) se vincula mesmo ao processo defensivo que implica certa “perda da realidade”. Esta perda de realidade se dá em razão d’ela, muitas vezes, soar ao paciente como excessivamente aflitiva, angustiante ou dolorosa e ocorre em detrimento da possibilidade de

se dispor de mais amplo acesso a uma realidade sua (segunda vertente do sentido lógico-linguístico).

E aqui cabe a consideração de que a perda de realidade a ser confrontada pela ironia (clínica) se refere à realidade própria do paciente, pela preferência mesmo em relação a uma concepção nominalista da apreensão da realidade em oposição a uma concepção realista. Essa oposição bem pode ser explicada pelas palavras de Perelman:

Numa concepção realista, o pensamento é uma atitude contemplativa que visa a reconhecer a evidência de uma intuição ante um objeto que se impõe a todo sujeito cognoscente que aplica os métodos racionais. Numa concepção nominalista, como o sentido é uma obra humana, perfectível e modificável, o pensamento consiste, muitas vezes, numa apreciação, num juízo, que resulta numa decisão que não se impõe necessariamente, e da qual, por essa razão, convém justificar o caráter racional. O pensamento, nesse caso, não se inclina simplesmente diante de seu objeto: adapta as regras aceitas a uma situação nova graças a uma ação que discrimina, aprecia, julga e decide. Já não se pode, nessa perspectiva, separar nitidamente, como no realismo, a teoria da prática, e o pensamento da ação: o pensamento, enquanto expressão de um juízo, resulta de uma tomada de decisão, cuja legitimidade é preciso justificar, e que envolve a personalidade de quem julga. (PERELMAN, 1997, p. 27).¹⁰²

Pelos três vínculos apresentados, segundo os quais a ironia se configura como negação da negação, percebemos que o termo “negação” é utilizado para designar processos diferentes, ora no sentido de recusa de aceitação de uma postura dada, ora no sentido de se opor, de ir contra ou ainda no sentido de processo de defesa, de uma “perda da realidade”. Em relação a estes dois últimos vínculos apresentados, entendemos que a utilização da ironia do ponto de vista de sua instrumentalidade clínica - disposta pelo terapeuta com o propósito de flexibilizar o processo de negação de seu paciente - também diz de um movimento, de uma postura alternativa, que pode auxiliar o paciente quando de uma vivência de cunho irônico. É isto visto que o uso terapêutico clínico da ironia é instrumentalidade rumo a uma apreensão maior da realidade, com ampliação das possibilidades de ponto de vista em relação às próprias repetições no cerne do que conduz exatamente aquilo que é evitado (e que caracteriza a vivência irônica). Nesse sentido é que o terapeuta exerce também o papel de negar a negação, aproximando do paciente, com o necessário respeito e com a contundência necessária, aquilo em relação a que ele se opunha. Como se o terapeuta, pela via irônica, pudesse antecipar ao paciente um pouco do que a vida tende a fazer com todos nós, visto todos termos a dar muitos exemplos de vivências de cunho fortemente irônico.

¹⁰² Perelman, C. (1997). *Retóricas*. Trad. Maria Erantina. São Paulo: Martins Fontes.

3.3- Julgamento e Negação: entre “fantasiar” e o “pensar”.

E agora sim, cabe a consideração pelo desenvolvimento da capacidade de julgamento, no cerne da (de)negação. E esta palavra “(de)negação” por que os aspectos concernentes ao desenvolvimento da capacidade de julgamento se vinculam com a separação entre afeto e representação característica da denegação (sentido psicológico), mas também explicam uma postura de não reconhecimento de uma dada realidade externa, (com “perda da realidade”, sentido lógico-linguístico). Além disso há outros motivos que nos levam a entender melhor sobre o desenvolvimento da capacidade de julgamento tal como expostos por Freud. Primeiramente há o dito, o fato de que o desenvolvimento da capacidade de julgamento se vincula (e ajuda a entender) à(a) negação, processo contra o qual a ironia se insurge. E depois porque o término do desenvolvimento da capacidade de julgamento redundava na possibilidade de renúncia, que é mesmo um processo psíquico central para a ocorrência da ironia. A partir destes aspectos é que se explica a necessidade de realizar um pequeno estudo sobre o tema.

Freud explica que a primeira atividade de julgamento se vincula à necessidade de atribuir valor ou qualidade a um objeto que se nos apresenta. De acordo com o valor atribuído ao objeto é que se estabelece a postura a ser tomada em seguida, se de introjeção ou projeção. O que é experimentado como bom é considerado, em seguida, como passível de ser introjetado (incorporado a realidade psíquica do sujeito) e também representado como algo “bom”. O que é experimentado como ruim é tomado, em seguida, como algo a ser projetado (expelido para fora da experiência do sujeito) e representado como algo “ruim”.

Neste momento do desenvolvimento da capacidade de julgamento, quando ela se caracteriza pela definição de atributos ao que se apresenta, não existe ainda uma noção exata sobre a distinção entre um mundo interno e um mundo externo. A representação, neste momento, se dá como representação-coisa, vez que presentificada, coisificada na experiência sensorio-motora do corpo próprio do bebê - pulsionalizado parcial e desordenadamente - à mercê do que suas experiências corpóreas lhe ocasionam.

Vinculado a esta fase do desenvolvimento da capacidade de julgamento é que se pode entender o processo de recalque primário. Ao supor a incidência no aparelho psíquico de um estímulo perceptivo que seja fonte de uma excitação dolorosa, Freud postula que um bebê se

comportaria de forma a emitir diversas manifestações motoras descoordenadas de evitação em relação à fonte dolorosa. Segundo ele, de uma dessas manifestações, sobreviria, então, um retraimento do aparelho psíquico em relação à percepção aflitiva (em termos representacionais) e, ao mesmo tempo, em relação à dor (em termos afetivos). Tal procedimento, se mostrando então eficaz, também se repetiria em situações semelhantes. Nas palavras de Freud:

Nesse caso, não resta nenhuma inclinação a recatexizar a percepção da fonte da dor, alucinatória ou de qualquer outra maneira. Pelo contrário, haverá no aparelho primitivo uma inclinação a abandonar imediatamente a imagem mnêmica aflitiva, caso algo venha a revivê-la, pela mesma razão de que, se sua excitação transbordasse até a percepção, provocaria desprazer (FREUD, 1900, p.626)¹⁰³.

Assim é que a evitação de lembrança, no cerne constitutivo do recalque originário é considerado como movimento psíquico antitético em relação à alucinação. A alucinação teria por origem a tentativa do bebê em voltar a sentir a sensação de satisfação pelo reinvestimento psíquico-pulsional de um conjunto tal de imagens mnêmicas (representações-coisas) que conectam a percepção das necessidades internas com o apaziguamento advindo de fontes externas possibilitadoras de satisfação, num movimento a que Freud denomina “identidade de percepção”. A evitação da lembrança se estabelece como mecanismo funcional de evitar o investimento perceptivo a ponto de gerar aumento de tensão excitatória de cunho doloroso.

A evitação da lembrança que não passa de uma repetição da fuga anterior frente à percepção é, também, facilitada pelo fato de que a lembrança, diversamente da percepção, não possui qualidade suficiente para excitar a consciência e assim atrair para si um novo investimento. Essa evitação de lembrança de qualquer coisa que um dia foi aflitiva, feita sem esforço e com regularidade pelo processo psíquico, fornece-nos o protótipo e o primeiro exemplo do recalque psíquico (FREUD, 1900, p.626)¹⁰⁴.

O recalque originário se configura então como processo psíquico prototípico do recalque; como registro de afluxo energético pulsional, que se dispõe em potência de uso, capaz de enveredar novos afluxos de investimentos pulsionais/excitatórios. Quando a efetivação do desejo é confrontada com as possíveis consequências advindas da realidade externa, a renúncia se estabelece como coerente, o recalque do desejo passa a ser uma opção (enveredando então para uma estruturação psíquica neurótica). Contra as primeiras insurgências (desejosas) do id o ego lança mão do processo de recalque, do “esquecimento de tais desejos”. Pela re-insurgência desejosa do id (via constituição sintomática), o ego se

¹⁰³ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora

¹⁰⁴ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora

mune de um contrainvestimento a que Freud denomina resistência. O que caracteriza a neurose então é a não consecução de um desejo redundando numa renúncia que se expressa pela subversão dos desejos do id a um controle rigoroso do ego (muitas vezes via formação sintomática, com recalque e resistência). Mas, a que se considerar, a despeito de tal “controle rigoroso” do ego, que o sintoma se estabelece como fracasso do recalque e se contemporiza com uma transformação fantasiosa de um fragmento da realidade, o mesmo cuja exigência resulta no recalque pulsional pelo ego.

A noção de recalque (no cerne da negação que redundando numa certa “perda de realidade”), se estabelece pelo enveredamento advindo do registro do recalque primário, porém tendo por consideração outros importantes aspectos. Dentre os aspectos importantes a serem considerados estão os processos de “fantasiar” e “pensar”, os dois vinculados à questão do desenvolvimento da capacidade de julgamento e gerando por consequência um aprofundamento de entendimento em relação à renúncia e à sublimação (no cerne da possibilidade de se estabelecer a ironia).

Tendo-se por referência a negação no sentido de oposição em face de uma dada realidade, tanto a negação da realidade pela via da alucinação, quanto à negação da realidade pela via da evitação de lembrança redundam, em alguma medida, numa modificação fantasiosa da realidade. Modificação fantasiosa da realidade é também o cerne da denegação, pelo “desvinculo” existente entre um afeto e sua representação correspondente. A possibilidade de re-interação entre estes dois fatores é o que corresponderia a uma assimilação mais condizente da realidade particular do paciente por ele mesmo. Idealmente (e de maneira esperadamente ética, respeitosa) é em relação a esta modificação fantasiosa da realidade que a ironia se posiciona. Segundo Freud nos esclarece em “Neurose e Psicose” (1924[1923])¹⁰⁵ e um seu texto de cunho complementar, “A Perda da Neurose na Neurose e na Psicose” (1924)¹⁰⁶, quando nos remetemos à alucinação, esta transformação fantasiosa tende a abarcar uma parcela maior da realidade, com o extremo da criação autocrática de uma outra realidade. Mas em alguma medida a transformação fantasiosa da realidade, também está presente nas psiconeuroses transferenciais e sempre vinculada à demanda advinda do embate entre o desejo e a angústia de sua efetivação na realidade, tendo por foco os aspectos morais vinculados a tal efetivação. De um modo ou outro, percebemos que a parte

¹⁰⁵ Freud, S. (1924[1923]). *Neurose e Psicose*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

¹⁰⁶ Freud, S. (1924). *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

transformada da realidade é resultante do processo de “fantasiar” e tem por cerne a tentativa de evitação de sentimentos dolorosos (aqueles mesmo que, em seu registro experimental primeiro, foram considerados como sendo não passíveis de serem “introjetados”).

Faz-se necessário entender o processo de fantasiar em vínculo com o pensar, pois que, para Freud (1911)¹⁰⁷, o fantasiar começa já nas brincadeiras infantis e é conservado na atividade de devaneio do adulto, com abandono de objetos reais tidos enquanto referência limitadora da atividade de pensamento. Ou seja, ele se dá quando, num segundo estágio de desenvolvimento da capacidade de julgamento, há o pensamento. Nesse estágio não importa apenas a atribuição de valor no sentido de designar qualificação a um objeto que se apresente, mas ocorre também a necessidade de averiguar a existência de tal objeto na realidade externa. Nesse momento do desenvolvimento a capacidade de julgamento de atributo cede lugar ao julgamento de existência. Por meio da confrontação da experiência sensorial com o arcabouço mnêmico de registro de representações acumuladas (no cerne do processo denominado por Freud por “identidade de pensamento”) é que a capacidade de julgamento atinge um segundo estágio, em que as representações se associam às palavras (e emerge o pensamento). Só a partir daí é que o fantasiar pode se estabelecer tal como é possível observar na atividade do adulto, como possibilidade de abandonar a necessidade de averiguar a existência real de objetos a fim de servirem como referência ao processo de pensamento, num movimento que tende a resgatar a possibilidade de julgamento de atribuição, com sobrepujança do princípio do prazer.

Segundo Freud, o fantasiar tende a permanecer muito vinculado a aspectos agressivos e sexuais do desenvolvimento. No caso específico da vinculação entre o fantasiar e os aspectos sexuais do desenvolvimento, ela se estabelece por dois motivos principais. Primeiro em razão do período de latência do desenvolvimento, que retarda o desenvolvimento psicosexual infantil para a puberdade. Segundo, pelo fato de a sexualidade se desenvolver, a princípio, de forma mais autoerógena, sem tanta vulnerabilidade à frustração advinda das limitações da realidade externa. A fantasia é o instituto que possibilita a substituição da realidade, ou de fragmentos da realidade, por outra(s) situação(ões)/configuração(ões) bem mais de acordo com os desejos do id.

¹⁰⁷Freud, S. (1911/1969). *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. ESB, XII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Assim é que o fantasiar deve ser tomado em conta, quando da tentativa em se realizar, no contexto clínico, uma ironia fina, com fins terapêuticos. A ironia fina, enquanto instrumentalidade clínica (ou “ironia clínica”) tem por intuito a possibilidade de fazer com que o paciente lide de forma mais leve com estes mesmos conteúdos difíceis de serem “introjetados” em sua devida proporção (no cerne da constituição de representações-palavras vinculadas) e que estão mesmo no bojo dos próprios infortúnios e repetições. A ironia então se insurge contra este processo de negação (cerne antecipatório da projeção) enveredando inclusive para a possibilidade de que o paciente tenha um ponto de vista mais bem humorado sobre si mesmo e sobre seu contexto.

E quando falamos em humor, em rir de si mesmo, devemos conduzir nossa atenção para o fato de que os dois tipos principais de “*Der Witz*” tendenciosos segundo a categorização freudiana (apresentados no capítulo anterior) são os *smuts*, os “*Der Witz*” sexuais e os ditos espirituosos agressivos. E isso não é em vão: o poder de persuasão destes dois tipos espirituosos (na busca da aliança que é almejada como propósito do “*Der Witz*”) está justamente no fato de ele se referir a conteúdos muito vinculados às fantasias que, por si, se referem primordialmente, como vimos, a aspectos sexuais e agressivos do desenvolvimento. Tais fantasias, retomadas de improviso por constituírem o cerne de grande parte dos ditos espirituosos, chamam a atenção justamente por remeter o locutor a um conteúdo seu conhecido, o seu desejo, e isto é possibilitado pela referência indireta do fenômeno, como é característico do dito espirituoso. É assim que a ironia fina muitas vezes se refere a um conteúdo fantasioso, porém mais do que isso, essa referência se dá por meio de um nível acentuado de condensação e deslocamento (como visto no capítulo 2) e chama a atenção do interlocutor justamente porque estes dois processos psíquicos são os mesmos que possibilitam a vazão dos conteúdos fantasiosos (na constituição de um sonho, estruturação de um sintoma ou construção espirituosa). Mas chama a atenção do interlocutor em relação a quê? Responde-se: em relação à necessidade de uso de sua capacidade de pensar sobre si mesmo, sobre a necessidade de ver a si mesmo como um objeto de estudo a fim de compreender o cerne de suas repetições.

Mas esse questionamento, como visto, pode se dar pela via do cômico, possibilitando o humor. Assim é que concomitantemente, a construção irônica se dá de forma a abordar o assunto de modo mais tangente e indireto, com um nível de proximidade articuladamente mensurado possibilitando a leveza contextual possibilitadora da descarga energética dispersada pela via do riso prazeroso. Caso a abordagem do conteúdo

agressivo/sexual no bojo da fantasia fosse simplesmente realizada de maneira direta e desmedida, no lugar do riso haveria apenas o constrangimento no cerne de uma reação esperadamente defensiva. Do mesmo modo com a “ironia clínica”, ela deve se vincular com uma proximidade ótima dos conteúdos fantasiosos do paciente, mas de maneira a considerar o “pensar” expresso por meio do modo como ele se articula e tal como é demonstrado na linguagem do paciente.

A consideração pela realidade, e preponderância do pensamento então, vem exatamente em razão do desapontamento resultante da impossibilidade de uma identidade perceptiva, da tentativa em se restabelecer uma situação de satisfação pelo reinvestimento psíquico na lembrança de satisfação, tentando tornar a percepção satisfatória novamente disponível (cerne da “identidade perceptiva” característica da alucinação). Numa situação em que a alucinação não mais se configura como suficiente (pela premência e pujança voluntariosa das necessidades internas), a importância do “princípio da realidade” se estabelece. Nas palavras de Freud:

Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do princípio da realidade provou ser um passo momentoso. (Freud, 1911, p. 238)¹⁰⁸

O pensar é enfatizado como processo anímico central da consideração subjacente à apreensão da realidade. No texto de 1911, a “identidade de pensamento”, que contrapõe os dados da realidade com o arcabouço mnêmico constituído até então, é posto como se sobrepondo à “identidade perceptiva” dada pela alucinação. Nele, Freud considera que

[...] o pensar, como um todo, não passa de uma via indireta que vai da lembrança de uma satisfação (lembrança essa adotada como uma representação-meta) até um investimento idêntico da mesma lembrança, que se espera atingir mais uma vez por intermédio das experiências motoras. (FREUD, 1900, p. 628)¹⁰⁹.

O pensar, assim, se dá como função psíquica organizadora da experiência motora com vistas a uma modificação da realidade. Mas, lembre-se, o desejo é a força motívica que

¹⁰⁸ Freud, S. (1911/1969). *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. ESB, XII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

¹⁰⁹ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

põe todo sistema psíquico em movimentação. Assim, o princípio da realidade se estabelece em razão do princípio do prazer. Em outras palavras, “o princípio do desprazer regula claramente o curso da excitação tanto no segundo sistema quanto no primeiro sistema” (Freud, 1900, p. 627)¹¹⁰. O primeiro e o segundo sistema são construções conceituais presentes nas primeiras teorizações de Freud sobre o tema, mas correspondem, respectivamente, ao protótipo teórico dos postulados freudianos (desenvolvidos posteriormente) de “princípio do prazer” e “princípio da realidade”. Em consequência do dito, a correspondência de identidade entre o que se apreende pelos órgãos sensoriais externos e as lembranças constituidoras da memória (em crescente aglomeração) deve seguir a um critério ótimo de intensidade.

O pensar tem que se interessar pelas vias de ligação entre as representações sem se deixar extraviar pelas intensidades dessas representações, pois o segundo sistema só pode catexizar uma representação se estiver em condições de inibir o desenvolvimento do desprazer que provenha dela (FREUD, 1900.p.628)¹¹¹.

Ou seja, o princípio da realidade, que se regula pelo teste de verossimilhança da realidade, em coadunação com o princípio do prazer, deve levar em conta a similitude entre o que se pode apreender da realidade e o arcabouço mnêmico até então constituído, mas de forma a tornar suportável o re-investimento de lembranças representacionais de cunho afetivamente aflitivo e doloroso. A medida desse investimento deve, por consequência, obedecer a dois senhores, numa contínua formação de compromisso em que é esperada uma maior consideração pelo princípio da realidade, a fim de que se estabeleçam satisfações mais reais (não alucinatórias) e duradouras. Mas isso, sem que o princípio do prazer deixe de fornecer sinais indicadores da emergência de vivências aflitivas.

O alcance do aprimoramento nessa capacidade de formulação de solução de compromisso se dá pelo incremento da consciência, com auxílio primordial do desenvolvimento da linguagem, mas sempre à mercê do princípio do prazer (dos desejos inconscientes). Para Freud:

O pensar foi dotado de características que tornavam possível ao aparelho mental tolerar uma tensão aumentada de estímulo, enquanto o processo de descarga era adiado. Ele é essencialmente um tipo experimental de atuação acompanhado por deslocamento de quantidades relativamente pequenas de catexia, junto com menor dispêndio (descarga) destas. Para este fim, foi necessária a transformação de catexias vinculadas o que se conseguiu

¹¹⁰ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

¹¹¹ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

mediante elevação do nível de todo o processo de catexia. É provável que o pensar fosse originalmente inconsciente, na medida em que ultrapassava simples apresentações ideativas e era dirigido para as relações entre impressões de objetos, e que não adquiriu outras qualidades perceptíveis à consciência até haver-se ligado a resíduos verbais (FREUD, 1911, p. 240)¹¹².

Em Freud, então, o pensar é originalmente inconsciente, vinculado a simples apreensões de objetos e depois adquiriu qualidades perceptíveis à consciência na proporção em que se viu vinculado a resíduos verbais. Ou seja, o pensar era antes mais restrito a imagens de objetos, associadas a um arcabouço mnêmico de tais imagens (no cerne da possibilidade alucinatória pela operação de “identidade perceptiva”). Posteriormente é que as relações possíveis de causalidade, historicidade (e demais formas relacionais entre elas) são estabelecidas e esta passagem, de uma para outra situação, se dá mesmo em razão da aquisição da linguagem, que possibilita o pensar acerca de objetos, mas a partir do prisma da abstração da relação estabelecida entre as imagens objetais. Mas este é um entendimento mantido por Freud também no texto “O Inconsciente” (1915) quando atrela o desenvolvimento do pensar como sendo vinculado à possibilidade dada pelo desenvolvimento da linguagem, de se acoplar as representações-coisas às suas correspondentes representações-palavras. Segundo Freud:

A representação consciente abrange a representação de coisa mais a representação de palavra que pertence a ela, ao passo que a representação inconsciente é a representação da coisa apenas. (FREUD, 1915, p. 206)¹¹³

Há então uma influência recíproca entre o desenvolvimento da capacidade de pensamento e o desenvolvimento da linguagem. A representação-palavra no bojo do desenvolvimento simbólico expresso pela linguagem exige então a capacidade de referência para que o sujeito possa não somente se expressar (conectando suas sensações às histórias expostas), mas também se fazer entender, comunicar. A comunicação (que implica tornar algo comum) exige, como requisito, a operação de referência. A operação de referência se vincula à coerência do texto, à possibilidade de que se possa saber a que termo cada parte integrante da frase se refere. Ela se dá pela utilização, na frase “[...]de elementos linguísticos que, num discurso, remetem a outros seguimentos do enunciado, assegurando, desse modo, a coerência

¹¹² Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

¹¹³ Freud, S. (1915/1969). *O Inconsciente*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora

do conjunto” (TZVETAN TODOROV, 1980, p. 164)¹¹⁴. Conforme Tzvetan Todorov explica, a operação de referência é manifesta em coadunação com o próprio desenvolvimento *páthico* do sujeito. Dessa maneira que ele conclui que:

Se a psicose em geral é uma perturbação da relação entre o eu e a realidade exterior, o discurso psicótico será um discurso que fracassa em seu trabalho de evocação dessa realidade, dito de outro modo, em seu trabalho de referência. (TODOROV, 1980, p. 165)¹¹⁵

É assim que, na esquizofrenia, pela constituição de uma realidade autocraticamente criada (tendo por bojo a alucinação) o discurso se apresenta sem a operação de referência. Daí a nossa reafirmação da importância da capacidade de pensamento (expresso com operação de referência) para a construção e assimilação de uma ironia.

3.4- A Ironia se Articula com a Renúncia, o Recalque e a Sublimação.

Ao se assumir a possibilidade de ter uma visão mais bem humorada da realidade, através da assimilação de uma ironia fina, realiza-se uma formação de compromisso pela via do pensamento. É no contexto da construção de formações de compromisso entre o desejo e as recidivas do real (no eterno embate entre pulsão e civilização) que a ironia enquanto instrumentalidade clínica se insere, é aí que ela pode ser assimilada. O pensamento expresso com operação de referência é instrumentalidade de comunicação que permite que a realidade possa ser considerada a partir da fantasia, mas visando a uma transformação no real como só o pensamento possibilita, com conciliação perspicaz entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. É pela consideração à estes dois fatores que a ironia se coloca como instrumento de questionamento da atitude tomada diante da realidade, como saída possível diante da negação em face do real ou como saída em face de uma renúncia.

¹¹⁴ Todorov, T. (1980). *Os Gêneros do Discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes.

¹¹⁵ Todorov, T. (1980). *Os Gêneros do Discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes.

A renúncia, por si é também uma solução de compromisso deste tipo, que leva em conta o desprazer possível de se estabelecer em razão da efetivação do desejo em face da realidade, tal como ela se apresenta, pelas recidivas possíveis. O termo alemão utilizado por Freud “*Versagung*”, é traduzido para o português como significando frustração, que diz “da ausência de um objeto externo suscetível de satisfazer a pulsão” (Laplanche e Pontalis, 2001, p. 203) ¹¹⁶. Mas é interessante notar que muitas vezes o termo freudiano é utilizado para designar uma auto-frustração, de cunho não só passivo, mas que implica a atividade do sujeito no sentido de recusar-se a uma satisfação. Nesse sentido é que a tradução para o português com o termo “renúncia” se faz coerente com o paradoxo das pessoas que “ocasionalmente adoecem precisamente no momento em que um desejo profundamente enraizado, e de há muito alimentado, atinge a realização” (Freud, 1916, p.331) ¹¹⁷

A renúncia se dá pela preponderância do princípio de realidade em detrimento “suposto” em relação ao princípio do prazer. E suposto porque a efetivação do desejo (em vínculo com o princípio do prazer) também geraria um desprazer, pela própria internalização das regras morais que tornam a efetividade do desejo um desprazer. E é pela renúncia da efetivação do desejo que se estabelece o sintoma neurótico, tendo por instrumentalidade o próprio recalque.

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma conseqüência do processo de recalque. O recalque se processa a partir do ego quando este - pode ser por ordem do superego - se recusa a associar-se com um investimento pulsional que foi provocado no id. O ego é capaz, por meio do recalque, de conservar a idéia que é o veículo do impulso repreensível a partir do tornar-se consciente. A análise revela que a idéia amiúde persiste como uma formação inconsciente. (FREUD, 1926, p. 95) ¹¹⁸

Mas este caminho que vai da fantasia ao pensamento, da efetividade do desejo à sua renúncia, com desvio do caminho psíquico emocional para uma outra possibilidade (menos perigosa), é mesmo o que possibilita a ironia. Só ironiza quem renuncia a possibilidade de fazer o desejo se efetivar a qualquer preço na realidade. E a renúncia é também o que está no cerne da noção de sublimação visto que esta se caracteriza pelo desvio do afluxo pulsional para uma meta outra, menos comprometedora do ponto de vista da efetivação do desejo. Freud se refere mais especificamente ao desejo sexual quando diz que a sublimação tem o

¹¹⁶ Laplanche, J & Pontalis, J. B.(2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

¹¹⁷ Freud, S. (1916/1969). *Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico*. ESB, XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora

¹¹⁸ Freud, S. (1926/1969). *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. ESB, XX. Rio de Janeiro: Imago Editora.

seu propulsor na pulsão sexual, que é desviada para fins não sexuais como a atividade artística ou a investigação intelectual.

A partir de um exemplo de ironia fina advindo da obra freudiana pode-se entender melhor sobre a relação entre ironia fina, e os processos psíquicos de “fantasiar”, “pensar”, renunciar e sublimar. A ironia fina em questão está presente em um trecho na discussão da interpretação de um sonho modelo analisado por Freud em “A Interpretação dos Sonhos”. Ela não foi dita a Freud e nem por Freud num contexto psicoterápico, e nesse sentido não pode ser considerada uma ironia clínica, tal como a abordamos ao longo do texto. Mas ela diz de uma ironia elaborada por Freud e destinada a ele próprio, que permite ilustrar alguns entendimentos importantes ora apresentados. Trata mesmo de demonstrar a ironia presente na postura freudiana diante das recriminações que chegavam até ele, mas que depois se convertem em autorrecriminações abordadas (por ele) , de maneira bem humorizada. Inteiro-nos primeiro das recriminações freudianas advindas de sua interpretação do “sonho de Irma”.

A falta de fundamento das recriminações me foi provada no sonho de maneira extremamente complexa. *Eu* não merecia a culpa pelas dores de Irma, já que ela própria era culpada, por se recusar a aceitar minha solução. *Eu* não tinha nada a ver com as dores de Irma, já que eram de natureza orgânica e totalmente incuráveis pelo tratamento psicológico. As dores de Irma podiam ser satisfatoriamente explicadas por sua viuvez (cf. a trimetilamina), que *eu* não tinha meios de alterar. As dores de Irma tinham sido provocadas pelo fato de Otto ter-lhe aplicado, sem a devida cautela, uma injeção de uma droga inadequada - coisa que *eu* nunca teria feito. As dores de Irma eram o resultado de uma injeção com agulha suja, tal como a flebite da velhinha de quem eu cuidava - ao passo que *eu* nunca provoquei nenhum dano com minhas injeções. (FREUD, 1900, p. 153/154)¹¹⁹

Freud estabelece um embate em relação às recriminações que julga chegar até a sua pessoa - advindas de várias fontes diferentes- e realiza o seu desejo de se vingar de cada uma delas. Assim é que os trechos constituidores do “Sonho de Irma” se configuram como reprimendas de tais recriminações. Freud as nega, uma a uma, por meio de responsabilizar outras pessoas pelos “erros” vinculados ao caso clínico de Irma. Neste primeiro momento do texto ele apresenta suas reprimendas através de uma postura que se resume pelo “eu não tive culpa” (negação da culpa) vez que “a causa pelo erro está em” outro aspecto ou situação (responsabilização de outrem), tal como podemos observar na esquematização a seguir:

¹¹⁹ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Negação da culpa	Responsabilização de outrem
<i>Eu</i> não merecia a culpa pelas dores de Irma...	... já que ela própria era culpada, por se recusar a aceitar minha solução
<i>Eu</i> não tinha nada a ver com as dores de Irma...	...já que eram de natureza orgânica e totalmente incuráveis pelo tratamento psicológico
... <i>eu</i> não tinha meios de alterar.	As dores de Irma podiam ser satisfatoriamente explicadas por sua viuvez
... coisa que <i>eu</i> nunca teria feito	As dores de Irma tinham sido provocadas pelo fato de Otto ter-lhe aplicado, sem a devida cautela, uma injeção de uma droga inadequada...
...ao passo que <i>eu</i> nunca provoquei nenhum dano com minhas injeções.	As dores de Irma eram o resultado de uma injeção com agulha suja, tal como a flebite da velhinha de quem eu cuidava

Assim é que cada uma das suas negações é seguida da responsabilização de outrem. E aqui a negação pode ser entendida do ponto de vista lógico-linguístico mais completo, que reúne as duas vertentes do conjunto de significações do termo “negar”. Ela é feita como uma postura de recusa diante de uma realidade e, nesse caso especificamente, acompanhada de uma projeção da culpa dada pela complementação da frase com o trecho que destina à responsabilização de uma outra pessoa: eu não tive culpa já que a responsabilidade pela culpa é de outra pessoa ou de outro acontecimento do contexto. A projeção, antecedida pela negação freudiana é feita por um complexo imbricado de argumentos e cada um deles é fruto do uso do processo de pensamento, mas tendo por objetivo a manutenção de sua fantasia. A manutenção, por ele, de uma situação fantasiosa em que, no final, ele deve se manter à parte de qualquer responsabilidade em relação aos insucessos do caso clínico sob seu acompanhamento. Assim é que o pensar e o fantasiar se coadunam na construção da negação característica deste primeiro momento, mas também se encontram presentes na construção irônica que vem na continuidade do texto:

Notei, é verdade, que essas explicações das dores de Irma (que contribuíam para me isentar de culpa) não eram inteiramente compatíveis entre si e, a rigor, eram mutuamente excludentes. Toda a apelação - pois o sonho não passara disso - lembrava com nitidez a defesa apresentada pelo homem acusado por um de seus vizinhos de lhe haver devolvido danificada uma chaleira tomada de empréstimo. O acusado asseverou, em primeiro lugar, ter devolvido a chaleira em perfeitas condições; em segundo, que a chaleira tinha um buraco quando a tomara emprestada; e, em terceiro, que jamais pedira emprestada a chaleira a seu vizinho. Tanto melhor: se apenas uma

dessas três linhas de defesa fosse aceita como válida, o homem teria de ser absolvido. (FREUD, 1900, p. 153/154)¹²⁰

Esta citação começa pelo reconhecimento, por Freud, de que as explicações vinculadas às dores de Irma eram feitas no sentido de lhe isentar da culpa que verdadeiramente sentia como sua. A percepção de sua responsabilidade em relação ao quadro de Irma pode ter sido facilitada em razão do reconhecimento de que a retirada do “não” de cada reprimenda recriminativa (ocupando cada uma delas uma linha do quadro esquemático apresentado) seria o caminho para a constituição de uma afirmação direta de sua responsabilidade. Isto vincula cada reprimenda a um processo de negação (sentido psicológico) que Freud estivera realizando e que teve representabilidade em suas assertivas. Cada uma de suas assertivas, em separado, demonstra Freud num movimento que o encaminha para o reconhecimento de suas responsabilidades, vez que a maneira como as frases são construídas (com a forma direta simples precedida ou intercalada por um “não”) o levam para a compreensão por Freud de sua responsabilidade.

Tal compreensão é ainda mais facilitada em razão da junção das asserções num meandro lógico em que uma explicação (no lado do esquema denominado de “responsabilização de outrem”) exclui a outra. Assim é que Irma ou era responsável pelo insucesso do tratamento em razão de sua teimosia em não aceitar as sugestões de Freud ou nem ela e nem ele o eram em razão de que a origem de sua doença se dava por problemas orgânicos, ou, ainda, a responsabilização deveria ser associada ao fato de Irma ter ficado viúva, ou outro ou outro argumento. O que ocorre é que os argumentos são excludentes entre si e se somente um deles fosse utilizado por Freud, e devidamente sustentado, haveria maior possibilidade d’ele se distanciar da responsabilidade em relação ao estado da paciente. Daí é que Freud, ironicamente, lança mão de um símile pela correspondência entre a sua atitude e a atitude presente na defesa do homem acusado de ter pegado emprestado uma chaleira (e de tê-la devolvido estragada). Com ele também, cada uma das asserções de sua defesa é excludente em relação às demais e somente a escolha de uma das possibilidades defensivas o levaria a deixar de ser responsabilizado pelo incidente.

Aqui também temos, no cerne da ironia fina produzida por Freud, apresentada neste segundo trecho citado, a utilização dos processos psíquicos de pensar e fantasiar ambos no bojo de uma grande renúncia rumo a um encaminhamento sublimatório. É o processo de pensamento que está no cerne do reconhecimento da semelhança entre a sua postura e a do

¹²⁰ Freud, S. (1900/1969). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

protagonista no caso da chaleira. O estabelecimento desse símile, o reconhecimento da correspondência entre as duas situações, implica numa renúncia de Freud à possibilidade de continuar evitando sua responsabilidade em relação ao caso clínico. Mas, o símile foi constituído objetivando a efetivação de um outro desejo fantasioso de Freud. Por meio dele Freud reconhece, em alguma medida, sua responsabilidade em relação ao infortúnio que sobreveio ao tratamento de Irma, mas isto tendo em vistas a possibilidade de realização de uma outra fantasia: a de fornecer um novo e coerente esclarecimento sobre o processo de construção dos sonhos.

Porém, para entender melhor a renúncia freudiana, se faz necessário esclarecer alguns aspectos concernentes ao caso clínico em questão. Os atendimentos de Freud junto a sua paciente Emma Eckstein (Irma) foram contemporâneos a um período de comunicações intensas entre Freud e Fliess. Este foi, como se sabe, o grande correspondente de Freud, a pessoa com quem ele tinha espaço para colocar todas as suas ideias sobre entendimentos psicanalíticos importantes e, então, em construção. No contexto, Freud desenvolvia, em consonância direta com os seus atendimentos clínicos e a partir deles, toda a sua teorização inicial sobre a origem e causa dos sintomas histéricos e Emma era uma paciente com quem Freud muito aprendia em relação a este tema. Fliess, por sua vez, à época, defendia a idéia de que o nariz era órgão com vinculação direta com as regiões genitais (no bojo da origem dos distúrbios histéricos). Assim é que, por compartilharem a idéia central da importância da sexualidade na origem dos distúrbios histérico e confiar bastante na pessoa de Fliess, Freud encaminha sua paciente para que o amigo lhe auxilie com o caso. O problema se estabelece quando Fliess realiza um procedimento errado na paciente de Freud, tamponando uma ferida que ela tinha no nariz e possibilitando o acúmulo de secreções purulentas em razão de evidente inflamação do local. Freud é quem percebe o erro médico do colega e tenta reverter à situação de Irma. Mas, para isso, ele tem que lidar com o fato de ter sido o “emprestador de chaleira”. Sim porque não é a toa que o objeto emprestado (no conjunto de metáforas utilizado por Freud, em sua ironização) fora uma chaleira: Irma soltava vapores pelo nariz tal como a chaleira, com a diferença de que os seus eram fétidos e oriundos de uma indicação médica feita por Freud. O acontecido pôs em questionamento a confiança que Freud tinha em seu amigo e, mais, fundou o questionamento acerca do quanto, para ele, era difícil reconhecer o erro de alguém que lhe era tão cativo, com quem tanto se identificava e por quem Freud nutria sentimentos tão profundos (no cerne mesmo do reconhecimento das próprias tendências homossexuais).

Assim e que, para Freud, o reconhecimento de ter sido um imprevidente “emprestador de chaleiras” é o cerne do símile utilizado como substituto de uma postura de simplesmente tentar negar a sua responsabilidade nos rumos tomados pela paciente no caso clínico. O processo de negação dá espaço ao estabelecimento de um símile irônico que possibilita a Freud rir de si mesmo e que faz com que nos admiremos tanto do tamanho da exposição a que ele se permite em relação a suas próprias faltas, quanto em relação à “escolha” de um substituto para a sua negação. Sua negação passa a ser vista tal como o Napoleão entre as árvores na imagem kierkegaardiana, ele não mais consegue deixar de vê-la. E a partir daí, ao invés de manter-se na postura de defender-se pela via da negação, ele ironiza de maneira sublime (termo central para o entendimento da noção de sublimação), com um grau de refinamento e um nível de humildade admiráveis por qualquer um. Ele renuncia à possibilidade de se sentir em segurança com a preservação de seus segredos e dramas pessoais e o faz em razão da possibilidade de trazer clareza pragmática (científica) aos fenômenos oníricos estudados. Mas a noção de algo que é sublime é também o que constitui a própria noção de sublimação, de poder desviar o afluxo pulsional da simples realização direta de desejos para a possibilidade de investimento desta mesma pulsão num destino socialmente não só mais aceito, mas que constitui o próprio cerne motor do processo civilizatório, vez que a destinação pulsional enveredada para metas coletivas, é o que alimenta a própria arte e as investigações científicas.

Esta foi uma ironia fina produzida por Freud em um texto científico que nos serviu ao propósito de tentar concatenar alguns conceitos centrais vinculados ao modo como a ironia se articula com a negação, com o seu vínculo direto com o processo de fantasiar, mas com o uso articulado do pensar num movimento psíquico que exige a renúncia como sacrifício rumo à possibilidade de rir de si mesmo. A partir desta construção é que se pode então retomar o vínculo entre a ironia e humor na reafirmação do entendimento de que a ironia é também processo psíquico à disposição do paciente e do terapeuta no contexto clínico. A ironia encaminha para o silêncio e o vazio necessários para a auto-reflexão a ponto de tornar a própria realidade mais acessível e, assim, para que esta realidade possa ser desdenhada numa postura bem humorizada. Ela pode e deve ser estimulada pelo terapeuta a fim de encaminhar o paciente num movimento que o enverede para a possibilidade do riso em face da tensão acumulada que subjaz às vivências trágicas de cada um, inclusive no que respeita às próprias vivências de cunho irônico. Tanto o humor quanto a ironia se encontram no fato

de se constituírem alternativas que se contrapõem à negação, nas suas mais diversas expressões e desdobramentos.

CONCLUSÃO

A partir da idealidade trágica de Sócrates, tal como ela se expressa nas obras platônicas e é analisada por Kierkegaard, podemos compreender (no primeiro capítulo) que a primeira premissa socrática, o “sei que nada sei” se dá em razão da percepção de que todo o conhecimento é ilusório face à amplitude do que falta a ser conhecido. A partir do reconhecimento desta ilusão é que as perguntas do filósofo tinham por objetivo conduzir seu interlocutor, por meio da ironia, à vacuidade, à negatividade de resultado (pela retirada de conteúdo). E aí a ironia socrática, a ironia de quem acrescenta para depois tirar o acréscimo e tudo o que havia antes, a ironia que redundava em negatividade infinita absoluta. É assim que, para exemplificar, em “O Banquete”, Sócrates chega ao entendimento de que o amor é vazio, não se consubstancia vez que só existe no e pelo movimento de amar que tem por impulsor o sentimento de falta. O caminho argumentativo percorrido conduz ao amor por algo que não se possui, por busca que redundava em mera nostalgia.

A ironia socrática era o que lhe permitia estar “negativamente livre”. A liberdade expressa pelo uso inusitado da forma lingüística indireta, característica da ironia, é então correlacionada à possibilidade de ter o olhar ampliado em relação à realidade antes presente, mas não vista (negada). A possibilidade de expressão que vai além da coerência lógico-formal exigida na fala direta (que segue a norma gramatical estruturadora da língua) se dá, também, em coadunação com uma liberdade de ação frente ao vivido possibilitando um distanciamento a fim de questionar a inflexibilidade das vivências e a consubstanciação de um destino tomado como implacável.

A primeira premissa socrática se coaduna com a segunda, o “conhece-te a ti mesmo”. Uma complementa e potencializa a outra. O “sei que nada sei” se insere no bojo do questionamento irônico de Sócrates sobre a arbitrariedade do Estado e participa ativamente do movimento que, ao mesmo tempo, enaltece o pensamento enquanto possibilitador de tomada de decisões geradas a partir de uma menor influência estatal (com conseqüências óbvias em termos de autoanálise e autorresponsabilização). Em Sócrates, a negatividade se configura como instrumento de oposição (negação), no sentido em que a firmeza na sustentação de sua premissa inicial se apresenta como instrumentalidade que possibilita um – pequeno que seja – retrocesso à esfera do próprio pensamento, e gera, assim, uma maior autorresponsabilização

pelo próprio devir. Numa escala diminuenda, que encaminha da influência estatal inquestionável para a noção de subjetividade, o oráculo restringe (do universal para o particular) e o gênio de Sócrates ou o seu “Demônio”, recorta ainda mais numa restrição que encaminha do particular para o individual (rumo à noção atual de inconsciente).

No contexto, a ironia é tida como primordial para a derrocada do helenismo grego. Observamos como Sócrates, na medida em que foi justificado e autorizado, venceu em se tornando uma vítima. Tal como a ironia do filósofo, o silêncio e a paralisação característicos dos momentos históricos de grande transformação se insurgiam contra a sofística (pessoalizada nos sofistas) e a arbitrariedade estatal (na figura dos magistrados e dos sacerdotes). O silêncio e a paralisação, também no cerne do que torna a ironia tão sedutora, é também o que encaminhava para o nada e, por fim, para o novo. A possibilidade antes não vista é então percebida, o olhar que o viu uma vez o vê então sempre. Assim também com as réplicas de Sócrates: este espaço vazio, este nada é o que esconde o mais importante. Para Sócrates a ironia é instrumento, negatividade que encaminha para a apreensão deste nada e deste vazio. Do nada que contém o germe de tudo e do vazio que abre para o infinito de possibilidades.

Do segundo capítulo, pela análise da ironia abordada do ponto de vista de sua vinculação com os processos psíquicos comuns entre trabalho do sonho e as produções espirituosas, é que podemos concluir que todo o sistema psíquico é demandado tanto quando da construção de uma ironia fina, quanto na ocasião em que ela é assimilada pelo interlocutor do irônico. No que respeita à da esfera da inconsciência, condensação e deslocamento são processos psíquicos ampliados quando da construção (e assimilação) de uma ironia. O nível de condensação na ironia é grande, vez que ela contém em si a junção de ideias, não somente diferentes ou díspares, mas contrárias, contraditórias. A ironia gera a necessidade de uma atenção pontual ampliada em razão de demandar do ouvinte a necessidade de se pensar sobre uma afirmação e seu contraponto negativo num mesmo instante. Quanto ao deslocamento, Freud nos enfatiza a importância das frouxas relações entre os elementos constitutivos de “transferências” de intensidades, sendo este um princípio norteador tanto do trabalho do sonho quanto das formações espirituosas. Segundo ele são relações estabelecidas de forma a serem desdenhadas por nosso pensamento de vigília, sem pontos lógicos de conexões relacionais, vínculos estabelecidos, não raramente, com o auxílio de sentidos duplos possibilitados pela multiplicidade de significados de uma mesma palavra, ou pelo uso de conexões lingüísticas comuns a duas cadeias associativas distintas. Tomando deste

entendimento, explicitado de maneira resumida é que podemos concluir que a ironia é composta também por um alto grau de deslocamento. Uma enunciação direta, não irônica e verdadeira (advinda de uma liberdade positiva) implica a correspondência entre o fenômeno e a essência, o dito e o pensado. O que ocorre com a ironia (em estar negativamente livre) é que o dito é o oposto do pensado, há a presença de necessariamente duas díades de dito/pensado (fenômeno/essência) que são diametralmente oposta, ou seja, que têm seus pares correspondentes trocados (transferidos).

Porém, à despeito da especificidade da ironia, no que respeita ao alto nível de condensação e deslocamento que ela comporta, é pelo uso primordial da consciência e das faculdades psíquicas a ela concernentes que a ironia se instaura. Pela diferença entre o modo como a representação pelo oposto se dá nos sonhos e na ironia fina é que podemos perceber também o papel primordial da esfera da consciência na construção e assimilação de uma ironia. Nos sonhos, a representação pelo oposto se dá pela utilização de duas esferas psíquicas distintas, uma em que a idéia/representação se constitui (referente ao conteúdo latente do sonho, mais próxima da inconsciência), e outra que diz da expressão onírica do oposto de tal idéia- um negativo- após todo o “trabalho do sonho” realizado (conteúdo manifesto, esfera psíquica mais próxima da consciência). Quanto à “representação pelo oposto”, enquanto categoria espirituosa, a ideia e o seu oposto são expressos conjuntamente, tendo por foco não mais a necessidade de se haver com um censor interno rígido (atuante na necessidade de elaboração secundária pelo trabalho do sonho), mas com a necessidade da utilização perspicaz de um instrumento de linguagem que permita o questionamento sobre os dois opostos expressos, com tomada de postura de óbvia oposição em relação ao conteúdo manifesto/expresso. A importância da consciência para a elaboração e assimilação de uma ironia é entendimento corroborado pelo estudo realizado no terceiro capítulo. A ironia exige bastante do processo de “pensar” para a sua concepção, mas não apenas: ela também estimula e possibilita um novo modo de pensamento. A ironia possibilita um ponto de vista diferenciado em relação a uma dada realidade, antes não vista ou negada.

A fim de entender melhor a questão da apreensão ou negação de uma dada realidade é que então, no terceiro capítulo, realizou-se um estudo sobre o fantasiar e o pensar, em vínculo também com o desenvolvimento da capacidade de julgamento. Em Freud a ironia é tomada como “*Der Witz*” que integra a “representação pelo oposto” e que tem também por função primordial se posturar sempre em oposição a alguma noção importante para o interlocutor do enunciador irônico. E nessa disposição de oposição, os processos de “fantasiar” e “pensar”

bem como o conhecimento acerca do desenvolvimento da capacidade de julgamento de seu interlocutor, devem ser levados em conta.

Para se levar em consideração o estado psíquico do interlocutor na construção de uma ironia (com foco em suas fantasias e pensamentos) deve-se tentar compreendê-lo por comparação com o próprio estado psíquico. Os processos de empatia e comparação é que resultam na economia da despesa psíquica passível de ser descarrega pelo riso. A comparação (na base do cômico) exige um distanciamento ótimo entre a proximidade *simpáthica* e o distanciamento, que mantenha a autosssegurança e possibilite o riso. No caso da ironia, em que, geralmente, coincide o interlocutor e a pessoa a quem a ironia se destina, deve-se, por óbvio, ter atenção redobrada em relação à necessidade de benevolência na construção irônica bem como em relação ao nível de agressividade envolvido na mesma. A tendência esperada é que haja, em alguma medida, dificuldades em se estabelecer a aliança entre os envolvidos, vez que tal aliança deve se dar com base num auto-questionamento por parte do ironizado (o que envolve sua autoimagem narcísica).

A economia psíquica (no cerne da possibilidade de descarga, pelo riso) é sempre tomada em sua relatividade, pois que abordada em comparação a um estancamento psíquico anterior bem maior pelo ouvinte do “*Der Witz*” (de qualquer um e do irônico em especificidade). E é justamente a comparação que proporciona a bonificação prazerosa, mesmo em um caso em que haja uma contestação dos atos da própria pessoa (que é objeto de um espíritosmo irônico), possibilitando que ela ria de si mesma. A medida do que é suportável em termos cômicos para a sua vítima ou para alguém que dele seja obrigado a compartilhar irá depender, também, da capacidade humorística do interlocutor.

O humor é um meio de obter prazer apesar dos afetos dolorosos que interferem com ele; atua como um substitutivo para a geração destes afetos, coloca-se no lugar deles. As condições para seu aparecimento são fornecidas se existe uma situação na qual, de acordo com nossos hábitos usuais, devíamos ser tentados a liberar um afeto penoso e então há uma desdenha consciente do conteúdo ideacional que porta o afeto doloroso. A ironia fina é então compreendida no que concerne a sua vinculação com o humor, enquanto instrumentalidade que envereda para a possibilidade de uma visão mais bem humorada de si e da vida. Ambos são processos que se opõem a uma negação da realidade e enveredam para uma amplitude de visão em relação à outras possibilidades, antes não vistas. A expressão da ironia nas três modalidades possíveis (enquanto figura de linguagem, vivência irônica ou instrumentalidade

clínica) se configura como negação da negação, ou seja, como vivência que se interpõe, num caminho oposto em relação a uma “perda da realidade”. A negação da negação no que concerne a ironia vista enquanto instrumentalidade clínica é processo vinculado à renúncia e que encaminha para a sublimação presente também na possibilidade de uma visão mais leve acerca de si e da própria vida e que, desse modo, possibilita o humor.

O humor é então, (no terceiro capítulo) considerado como possibilitado pela ironia (em oposição à negação). É tido como o mais alto (sublime) dos processos defensivos. No humor e na ironia fina deixa-se de lado uma postura defensiva em face de tudo que soa narcisicamente ofensivo para se poder lidar de maneira mais leve com algumas dificuldades e limitações. Nesse sentido a ironia fina é mesmo um tipo de sublimação, uma alternativa criativa, que encaminha do “fantasiar” para o “pensar”, uma alternativa em face da simples negação ou da renúncia em relação ao desejo. A ironia e o humor redundam em uma possibilidade pensada de se mudar a destinação do desejo sem que se fique preso à impossibilidade em se lidar com ele. O que o ironista e o humorista recusam não é o sentimento doloroso em si, mas a possibilidade de ter que continuar lidando com sua factualidade tida como inalterável. Na ironia e no humor, a comparação, com deslocamento de atenção consciente, se dá de forma a diminuir a importância do dano causado pelo afeto doloroso e isto somente ocorre por um prévio conhecimento de tal afeto em sua verdadeira proporção, evitando-se o automatismo dos processos defensivos mais simples (como a repressão). Diz mesmo de uma resiliência, da capacidade de se manter íntegro, face ao próprio dano, aos próprios males e dores.

Em comparação à ironia socrática, a ironia fina (instrumentalidade clínica - tal como a enfocamos primordialmente ao longo da dissertação) não tem por objetivo a simples retirada de conteúdo. Ela tem por meta possibilitar um ponto de vista mais crítico pelo paciente em relação a sua própria negação. Tal instrumentalidade exige, por um lado, segurança do terapeuta, que deve estar, tanto quanto possível, imiscuído pela história clínica do paciente, mas com um distanciamento que possibilite a observação dos critérios de análises clínicas psicanalíticas (transferência, contra-transferências, resistências, projeções, negações, etc). Por outro lado, a ironia exige a instigação do paciente, para se deixar envolver pela intervenção irônica do terapeuta. Tal instigação se dá pelo refinamento da ironia (com respeito pelo processo do paciente) e pela sustentação (pelo terapeuta) na postura de negar que esteja sendo -terapeuticamente- irônico. Com auxílio da metáfora kierkegaardiana (explanada no primeiro capítulo), se constitui numa tentativa de fazer com que o paciente muitas vezes não se atenha

a figura das árvores e possa, com um auxílio terapêutico irônico, ver o Napoleão entre elas, confrontando o próprio “fantasiar” e “vislumbrando” maior parcela da realidade.

É assim que, o entendimento da correlação entre negação e ironia é considerado como instrumento fundamental na virada histórica pessoal do paciente, antes mais vinculada à tensão da tragédia e depois pela consideração da possibilidade do extravasamento desta mesma tensão, pelo humor. Por isso é que a forma como a negação é trabalhada em análise, de maneira a ampliar a apreensão pelo paciente de uma parcela maior de sua própria realidade psíquica, conduz à possibilidade de importantes mudanças (viradas históricas) pessoais. Pela confrontação da negação utilizando-se da ironia enquanto instrumentalidade clínica, de forma similar à proposta socrática imbuída no “conhece-te a ti mesmo”, a terapia passa a ser fundamental neste movimento que leva a uma maior autorreflexividade e responsabilização rumo às possibilidades de mudanças histórico-pessoais.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA CITADA

OBRAS DE SIGMUND FREUD

ESB: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (ESB)/Sigmund Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, Sigmund (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. ESB, IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1905). *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. ESB, VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1911). *Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental*. ESB, XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1912). *Tipos de Desencadeamento da Neurose*. ESB, XII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund. (1915). *O Inconsciente*. ESB, XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund. (1916). *Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico*. ESB, XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1923). *A Negativa*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1924[1923]). *Neurose e Psicose*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1924). *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1926). *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. ESB, XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

FREUD, Sigmund (1927). *O Humor*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

OBRAS DE OUTROS AUTORES

ARISTÓFANES (423 a. C). *As nuvens*. Trad. Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

KIERKEGAARD, Soeren. *Samlede Voerker. O Conceito de Ironia: constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis. Vozes, 1991.

LAPLANCHE, J & PONTALIS, J. B.(2001). *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes

MARTINS, Francisco. (2005). *Psicopatologia I: Prolengômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

PERELMAN, Chaïm. (1997). *Retóricas*. Trad. Maria Erantina. São Paulo: Martins Fontes.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates; Banquete*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; Vol. 20; Martin Claret; São Paulo, SP; 2004.

SILVA, A. P. (Org) (1968). *Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado*. 4ª Edição. São Paulo: Melhoramentos.

TODOROV, Tzvetan (1939). *Teorias do símbolo*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1996.

TODOROV, Tzvetan (1980). *Os Gêneros do Discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALBERTI, V. *O Riso e o Risível na História do Pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BARBIERI, C. P. *Perversão, Humor e Sublimação*. Estudos. Psicanalíticos. Belo Horizonte. 2009, nº 32, pp. 39-44.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp. 1996.
- DUNKER, C. I. L. *A Forma Retórica dos Pensamentos Inconscientes Investigada a partir dos Chistes*. Hacker/Cespuc, São Paulo, 1999.
- FACIOLI, A. M. *O Espírito da Ironia na Clínica Psicológica*. Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- FREIRE, A. B. ; Costa C. A. R. *O Literal e a Surpresa: os estágios preliminares do chiste*. Rio de Janeiro: Ágora. 2008, vol II, nº 2.
- FREUD, Sigmund (1911). *Repressão*. ESB, XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1996.
- FREUD, Sigmund. (1913). *Totem e Tabu*. ESB, XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, Sigmund (1917). *Luto e Melancolia*. ESB, XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, Sigmund (1917). *A Organização Sexual Infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- FREUD, Sigmund (1927). *O Fetichismo*. ESB, XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- LACAN, J. (1957-58). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LOUREIRO, I. R. B. *Sobre a Noção de “Ironia Romântica” e sua Presença na Escrita de Freud*. Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, 2002, 5(2), pp.79-91.

- LOUREIRO, I. R. B. *Ironia(s) em Freud: da escrita à ética*. Revista Ide, 2007, 30(40), 13-19.
- MARTINS, Francisco (2002). *O Complexo de Édipo*. Brasília. Editora Universidade de Brasília.
- MEZAN, R. *Escrever a Clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MILLER, J-A. *O Piropo: Psicanálise e Linguagem*. Percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- MUECKE, D. (1970). *Ironia e irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- NESTROVSKI, A. *Ironias da modernidade*. São Paulo: Ática, 1996.
- NOVAES, B. *Chiste: a produção de sentido pelo não-sentido*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- PLATÃO. *Fédon: Diálogo sobre a Alma e a Morte de Sócrates*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; Vol. 18; Martin Claret; São Paulo, SP; 2007.
- PLATÃO. *A República*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; Vol. 36; Martin Claret; São Paulo, SP; 2009.
- PLATÃO. *Fedro*. Coleção A Obra-Prima de Cada Autor; trad. Jean Melville; Vol. 60; Martin Claret; São Paulo, SP; 2007.
- RIBEIRO, M. M. C. *Do Trágico ao Drama: salve-se pelo humor*. Estudos Psicanalíticos. Belo Horizonte. 2008, nº 31, pp. 104-113.
- SAURET, M.-J. *Lógica da Ironia*. Psicologia. USP- São Paulo. 1999, vol.10 nº2, pp. 59-79.
- TEIXEIRA, A. *A Vocação Irônica da Psicanálise*. Tempo Psicanalítico. 2010, vol. 42, nº 1, pp. 9-38.